

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

T.C
S. 9(c)
3642

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**O PÓS-‘QUEDA’ DO MURO DE BERLIM:
IMAGENS DE MEMÓRIA & ESQUECIMENTO
(1989-2004)**

NEUBIANA SILVA BEILKE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDH
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

NEUBIANA SILVA BEILKE

**O PÓS-‘QUEDA’ DO MURO DE BERLIM:
IMAGENS DE MEMÓRIA & ESQUECIMENTO
(1989-2004)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História, sob a orientação da Profa. Dra. Jacy Alves de Seixas.

Uberlândia, Janeiro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDH
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Tel. 38400-902 - Uberlândia - M. G. Brasil

BEILKE, Neubiana Silva. 1984.

O pós-‘queda’ do muro de Berlim: imagens de memória & esquecimento (1989-2004)

Neubiana Silva Beilke – Uberlândia, 2008.

105 fl.

Orientadora: Jacy Alves de Seixas

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras Chaves: memória, esquecimento, pós-queda do muro de Berlim.

NEUBIANA SILVA BEILKE

**O PÓS-‘QUEDA’ DO MURO DE BERLIM:
IMAGENS DE MEMÓRIA & ESQUECIMENTO
(1989-2004)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jacy Alves de Seixas – Orientadora

Prof. Dr. Pedro Spínola Pereira Caldas

Prof. Ms. Ricardo Vidal Golovaty

*Dedico
a um inesquecível e inestimável amigo
Hans-Joachim Oesterheld
e à minha família pelo estímulo,
carinho e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente a Deus pela força nos momentos difíceis.

À minha mãe, irmãs e ao meu esposo pela paciência, em perdoar todos os momentos que não pude estar com eles, por sua compreensão e desejo de ajudar-me.

À minha orientadora Jacy Alves de Seixas, com quem aprendi muitas coisas que jamais vou esquecer, como, por exemplo, ser menos ansiosa e mais segura.

À minha amiga muito especial que fiz ao longo deste curso e que seguirá em meu coração para o resto da vida, Geisane Martins Rodrigues.

Aos meus colegas de turma: Mara Luzia Regina da Silva, Jaqueline e Carlos Meneses, com quem passava horas debatendo os temas estudados durante o curso.

Aos Professores Pedro Spínola Pereira Caldas e Ricardo Vidal Golovaty por ter aceito o meu convite para integrarem a banca examinadora desta monografia.

À Professora Vera Lúcia Franco, da Engenharia Elétrica, mulher de fibra, que contribuiu para este trabalho com seu depoimento acerca de suas experiências na Alemanha pós-queda do muro de Berlim.

Ao alemão Andreas Schuch pela entrevista que me concedeu e por toda a sua disposição e boa-vontade em ajudar-me.

Ao alemão Paul Gerd pela sua disponibilidade e interesse em colaborar com este trabalho cedendo-me seus conhecimentos, opiniões e sensações em entrevista sobre a Alemanha recém-reunificada.

Enfim a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho, seja doando algum material que encontravam sobre o meu tema de pesquisa, seja dialogando ou trocando idéias e sentimentos.

*"Muita gente pensou que bastaria cair o muro.
Derrubar o muro é como perder um braço em um acidente.
Durante um tempo, você ainda imagina que ele está ali".*
Gunther Grass, escritor alemão, em fevereiro de 1996.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	9
Capítulo I: As relações ambivalentes dos jogos das imagens de memória & esquecimento.....	19
Capítulo II: As imagens do pós-‘queda’ como expressão da relação memória & esquecimento.....	32
II.I – “A Alemanha una” ou “A Alemanha unida”.....	35
II.II – A “Nova Alemanha”.....	46
II.III – A “Alemanha Reconstruída”.....	53
II.IV – “Mauer in der Kopf” ou “Muro nas cabeças”.....	61
II.V – “Wessis X Ossis” ou “A Alemanha Dividida”.....	72
II.VI – A “Alemanha Manchada”.....	81
Capítulo III: A atualidade das imagens e suas possibilidades (considerações finais).....	91
Referências Bibliográficas.....	98
Fontes.....	100
Glossário.....	103

Considerações Iniciais

Ao me posicionar na busca de um entendimento das relações de transformação da sociedade alemã dividida pelo muro, que ao ser reunificada alterou drasticamente seus modos de viver, é preciso considerar que as pessoas iam elaborando expectativas, construindo significados para tais experiências e se confrontando com padrões historicamente estabelecidos. Neste trabalho, parto da relação entre memória e história, e dos jogos de memória e esquecimento. Visto que vivemos em uma ordem estabelecida e constantemente contestada, o que é expresso de diversas formas, mas as pessoas não só compartilham, mas enfrentam e resistem às tentativas de padronizar suas memórias, suas práticas, suas representações diversas.

Nesta monografia, me proponho a investigar quais imagens aparecem na imprensa brasileira, com o objetivo de levantar, selecionar e analisar – ou seja, trabalhar aquilo que percebi a partir das fontes como imagens - que são construídas a partir da ‘queda’ do muro de Berlim (1989), questionando que relação elas tem com esse acontecimento, com a memória e o esquecimento, e a correlação entre elas. Problematizando como esse acontecimento é visto, qual sua repercussão na década de 90, como é propagado e para construir o quê? Como ao longo desses anos essas imagens expressaram e expressam memórias e esquecimentos de acordo com os interesses e jogos políticos. Meu objetivo é compreender as transformações que foram e vêm sendo produzidas desde 1989, as transformações da imagem da queda do muro e da Alemanha contemporânea.

A problemática parte do reconhecimento da necessidade de se apreender e interrogar as imagens que são construídas sobre a queda do Muro de Berlim e a ‘unificação’ ou re-unificação alemã na medida em que permitem que a memória e o esquecimento sejam reconstruídos, administrados e exercitados no presente, em diferentes momentos, pois é parte do próprio caráter da memória a reconstrução. É então que questiono quais imagens serão apregoadas para serem fixadas na memória coletiva e social enquanto aquilo que será lembrado junto a algo que será esquecido, pois as imagens construídas freqüentemente na imprensa expressam essa relação dinâmica de configurar simultaneamente lembranças e esquecimentos.

Ao ver algumas representações e imagens na televisão, nas revistas e jornais, sempre fiquei intrigada por considerá-las distantes do modo como eu via os alemães e a Alemanha, por causa de minha convivência desde cedo com alemães e descendentes de

alemães. São acontecimentos que me intrigavam e queria compreender algumas representações que eu via nos meios de comunicação de massa e na fala das pessoas, no senso-comum. Pois enquanto sujeitos históricos atribuímos sentidos ao que vivemos, e por isso essas coisas me incomodavam.

Sempre gostei do tema e já que teria que fazer escolhas e abrir mão de algumas coisas para me dedicar, então que fosse algo de que eu gostasse. No colégio, o tema da queda do muro de Berlim chamou bastante minha atenção. O fato de ter algum conhecimento da língua alemã também me incentivou na escolha do tema e me ajudou ao longo da pesquisa.

É possível perceber a relevância do tema pela própria frequência com que aparece na mídia, já que a queda do muro de Berlim teve alcance e repercussão no mundo todo e ainda tem, pois é um assunto retomado em diferentes momentos e reconfigurado de acordo com o jogo de poder do momento.

O Muro de pé significou a disputa de forças consideradas como diferentes lados, numa relação de concorrência com o outro, ou os outros. Uma luta ideológica, uma luta por territórios, por poder e dominação, financiada por interesses econômicos, onde países que buscavam agregar o maior número de aliados e submetidos (porém não dominados), a fim de formar blocos de poder e disputar zonas de influência com outro grupo. Um lado caracterizava-se pelo capitalismo e sua forma de vida e de dominação travestida de ‘liberdade’; e o outro, por um sistema socialista, mas que agregava muitos com autoritarismo e tinha um modo de vida diverso do anterior, mas que também produzia relações sociais injustas. A disputa entre eles ficou caracterizada como Guerra Fria. Porém talvez seja melhor pensar a Guerra Fria como um sistema interdependente, onde os interesses eram re-arranjados talvez para ambas esferas em disputa, a fim de que não seja um pensamento reducionista limitando o que aconteceu a ser visto só como oposição entre socialismo e capitalismo, pois as coisas se formam na relação, não são estanques, mas agregam elementos um do outro.

É importante esclarecer que não se trata de um trabalho sobre teorias que definam memória e esquecimento, nem mesmo de um trabalho sobre totalitarismo¹ ou Guerra Fria.

¹ A filósofa Hannah Arendt ao longo de seu livro *Origens do Totalitarismo* elabora um conceito de totalitarismo que podemos sintetizar como forma de governo que almejava a conquista global e o domínio total, que vencendo poderia acarretar a destruição da humanidade. Para ela, totalitarismo é o louvor da força por amor à força. Onde o governo totalitário se estabelece com apoio das massas, como no caso do Nazismo estabelecido na Alemanha, em 1933, e também a experiência Russa de 1929. Dentro disso, a autora considera que o regime totalitário tem um caráter evidentemente criminoso, sobrevalorizando o papel da máquina de propaganda e da lavagem cerebral. No Totalitarismo o domínio total é a única forma de governo com a qual

Os vinte e oito anos que a Alemanha viveu dividida pelo muro de Berlim foram caracterizados por transformações e conflitos, pela construção de uma oposição de lados, e foi algo de grande relevância no mundo, mas é o período posterior à queda do muro que me interessa pesquisar, são as representações racionais-afetivas, suas imagens, que me proponho a analisar aqui, e como se relacionam com o sistema conjugado memória/esquecimento e suas vicissitudes, quais os jogos em que as imagens da queda do muro de Berlim estão presentes.

Este trabalho aborda a relação presente-passado e as relações de poder, particularmente referente à “unificação” a partir de 1989 com a queda do muro de Berlim até um outro momento mais atual, o ano de 2004, onde se pode perceber essas imagens rearranjadas nos vários cerimoniais e eventos comemorativos da “reunificação” alemã. Reconhecendo o conflito de memórias, questionando uma reconstrução da imagem do país enquanto uno e desenvolvido, ‘sem preconceitos’, entre tantas outras imagens mentais do país “reunificado”. Então, busco as imagens de expressão desse conflito entre alemães orientais e ocidentais e as diferentes elaborações e re-elaborações a partir dessas imagens.

Decidi recortar a temporalidade em uma década e meia, partindo do momento imediato da queda do muro em 1989, percorrendo as transformações ao longo de um processo de convivência com o “novo de novo”, com a ‘outra Alemanha’, a fim de pensar como essas imagens se modificam ou não de acordo com os interesses do momento, e o que representa o muro na comemoração dos dez e dos quinze anos de unidade alemã, se é que essa unidade existe fora do institucional, buscando as imagens que aparecem no decorrer de quinze anos de Reunificação da Alemanha, quais imagens são ativas e estão em exercício atualmente.

Elegi como fonte a revista *Veja*, que possibilita um olhar que parte da imprensa brasileira para verificar quais imagens foram construídas historicamente referentes à queda do muro de Berlim. Escolhi esta e não outra devido a sua popularidade e fazer parte da chamada ‘grande imprensa brasileira’, pelo fato de que eu tive acesso a ela e não a outras. Mas, ainda assim, não me limito a ela, pois selecionei alguns cadernos especiais da *Folha de S. Paulo* e, além disso, considereei que seria importante ler algo da imprensa alemã, pois

não é possível coexistir. O totalitarismo, para ela, é uma nova forma de governo, uma ideologia do terror e do poder absoluto. Assim, Arendt busca desvendar os elementos do autoritarismo e da opressão, que segundo ela sobrevivem no liberalismo dos regimes democráticos ou no socialismo que se liberaliza. É claro que esta reflexão de Arendt mereceria um espaço maior, que aqui que se restringe pela própria problemática deste trabalho que não é, no momento, um estudo do totalitarismo. Visto que só a Guerra-Fria daria uma monografia, mas não é ela meu foco, foi preciso fazer escolhas, recortes e opções. Para aprofundar mais no conhecimento do assunto consultar: ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. Companhia das Letras. São Paulo. 2004. 562 páginas.

é algo que aconteceu lá e teve repercussão no mundo todo. Optei pela revista *Deutschland* porque é integrante do Departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal, porque é distribuída por assinatura, gratuita e não gratuita, circula em diferentes idiomas e em vários países através das embaixadas da República Federal da Alemanha, e também porque não consegui acesso a outras revistas alemãs, embora tenha considerado artigos na internet veiculados por *News A.H.K.*², *Deutsche Welle on line* e etc. Achei que seria grave desconsiderar como eles veiculam o muro de Berlim, que imagens aparecem na imprensa alemã, ponderando se há uma aproximação ou um distanciamento com as imagens brasileiras. E ler esta revista alemã pôde ajudar a pensar as imagens presentes na imprensa brasileira, já que são bem conhecidos os interesses em comum, pois o que é produzido nesses meios de comunicação parte de quem são aqueles que os escrevem, que grupo social representam e que interesses os motivam. É sabido que se trata de uma visão neo-liberal, que positiva a globalização enquanto fase de desenvolvimento atual do capitalismo.

No entanto, devemos considerar que as coisas não estão separadas, que não se pensa e nem se vive de forma estanque, porque há momentos que o posicionamento muda conforme mudam os interesses, que estes confluem, se alteram, se (re)posicionam, se agregam ou desagregam, migram freqüentemente de lugar, pois as coisas estão em uma dinâmica social e não delimitadas em serem de esquerda ou de direita, e também não só de centro; é o poder e as forças sociais em disputa que se movimentam.

Então trabalhei com a imprensa em geral, mas utilizando artigos, entrevistas e reportagens presentes na revista *Veja* e na *Folha de S. Paulo*, mas selecionando pontualmente, buscando perceber algumas imagens e interrogá-las. No entanto, não estudo a imprensa em si, mas quais imagens referentes à queda do muro de Berlim são construídas pela imprensa e como elas se relacionam com a memória e o esquecimento. Sempre cruzando com algumas fontes alemãs para perceber contradições, oposições ou não de visão e direcionamento da revista, pontos em comum e outros aspectos para não ficar apenas com uma visão brasileira. A proposta é questionar quais e como a imprensa brasileira construiu imagens de memória e de esquecimento sobre um acontecimento de repercussão mundial como a queda do muro de Berlim, expressando assim uma gestão intencional principalmente quando enfocada em relação à cultura política.

A revista *Deutschland* é utilizada a fim de considerar o que estava e está sendo produzido na Alemanha sobre o assunto. Pesquisando se aparecem essas imagens, quais são, se são as mesmas, se são muito diferentes, se existe uma relação ou não, pois é preciso

² É a Câmara Brasil-Alemanha. a sigla A.H.K. vem de Deutsche Auslandshandelskammern.

considerar, mesmo sendo um objeto não local, como é visto lá, já que aconteceu lá, como a imprensa alemã e como o governo pensa isso, quais imagens eles propagam. Atualmente percebo na revista *Deutschland* posturas sociais-democratas, leio que sempre repensam e apoiam a globalização e, portanto, tem assumido no presente posições neoliberais. Assim, é interessante pensar se e como essas imagens aparecem nas políticas alemãs. Vale lembrar que a revista *Deutschland* possui uma versão portuguesa que circula no Brasil.

Com respeito às fontes, a sua variedade e a maneira como as trabalhei, tem a ver com o próprio percurso da pesquisa: a gente pensa e elabora o projeto, mas no final das contas as coisas vão tomando um caminho que nem sempre se enquadra no inicialmente proposto, que vai ao longo do processo de produção da monografia se modificando, porque essa pesquisa é também uma construção e a gente vai às fontes e nas reflexões descobrindo coisas novas, que nos faz ir repensando e re-organizando o que se está desenvolvendo.

Por isso, quando comecei a pesquisar nas revistas alemã e brasileira, ponderei que as pessoas lêem isso e se apropriam, reelaboram, isso circula, a própria maneira como isso foi divulgado na época teve uma recepção. Então, já que foi algo vivido por pessoas, e a fim de evitar uma impressão de ser algo muito abstrato, resolvi entrevistar algumas pessoas que tiveram experiências relacionadas à queda do muro de Berlim. E na fala dessas pessoas como, por exemplo, do alemão Paul Gerd aparece a imagem que levantei na revista brasileira *Veja*, literalmente, a imagem do “Mauer in der Kopf”, daí percebi a amplitude da circulação dessas imagens e como elas estão arraigadas no senso comum, é muito maior do que eu pensava, a partir disso achei que era necessário buscar a construção dessas imagens de forma mais ampla, embora seja um grande desafio, já que a queda do muro de Berlim teve muitos desdobramentos no mundo todo.

Como a queda do muro de Berlim foi e ainda é um processo vivido por pessoas, decidi que era fundamental dialogar com pessoas que tiveram uma experiência mais direta com a Alemanha recém unificada ou com a divisão alemã, a fim de dar ouvidos ao que significou e significa para as pessoas que viveram aquele tempo histórico. Tendo isto em vista, considero a história oral como fonte que me ajuda a pensar como a queda do muro de Berlim é algo que foi e é vivido socialmente, algo que envolve pessoas e sentimentos. Resolvi dialogar com algumas pessoas para pensar como elas se apropriam dessas imagens, se reconhecem ou não, se as introjetam, se questionam, se contradizem ou não essas imagens.

Conversei, então, com uma professora da engenharia mecânica da UFU chamada Vera Lúcia Franco, que foi fazer doutorado na Alemanha um ano após a queda do muro de

Berlim. Também peguei o depoimento de Paul Gerd, um alemão que mora em Insheim, que tinha 18 anos quando o muro caiu. Outra experiência que me foi relatada foi a de Andreas Schuch, alemão de Algee que mora atualmente no Brasil, o qual tinha 19 anos de idade quando o muro de Berlim caiu e cuja mãe era berlinense oriental.

Confesso que me utilizei em momentos em que foram necessários e oportunos da Internet, mas com o cuidado necessário e, aliás, com o objetivo de ver o que estava sendo produzido sobre o assunto, ver quais imagens circulavam na rede, mas neste caso a Internet não foi utilizada especificamente enquanto fonte.

Já a imprensa é aqui considerada como fonte e podemos pensar sobre ela que apresenta uma versão dos acontecimentos, de acordo com diferentes correntes políticas, onde muitas vezes as informações são veiculadas conforme lhe interessa, e de acordo com o momento histórico ou as transformações atuais. É fonte que devemos olhar com desconfiança, na verdade, como devemos olhar para todas as fontes, pois nos voltamos a questioná-las e não a considerá-las possuidoras do estatuto de verdade, visto que não apenas ‘transmitem’ informações, mas constituem representações, ajudam a formar opiniões, influenciam o comportamento social, direcionam sobre o que algo é ou pode ser, dissemina conceitos e pré-conceitos e se colocam também, de certa forma, nas nossas representações já constituídas, em nossos imaginários, sendo parte na composição do social.

A imprensa, de modo geral, leva uma bandeira de que cumpre uma função, um papel, mas é um papel da cor de seus compromissos e jogos sociais, pois há sempre disputas em jogo, motivadores de suas formas de agir. Ressaltando que possuem propostas e pressupostos, que querem vender uma imagem, e possuem um destinatário, um “público-alvo”. Assim considero que devemos ler criticamente suas distorções, repetições, afirmações e negações, investigando assim os silêncios, dando atenção às omissões, relacionando sempre com outros pareceres para perceber o olhar, ver os assuntos que não são esclarecidos, os que pouco são desenvolvidos, o lugar que ocupam no próprio jornal e o espaço destinado a eles, enfim fazer que a fonte fale e não esperar sua voz por si só, ou seja, interrogá-la e apropriar-se dela também de acordo com nosso olhar de historiador.

Dessa forma, interrogo algumas imagens de memória & esquecimento³ que eu acredito serem construídas, propagadas, afirmadas e constantemente re-afirmadas de

³ Utilizei aqui a conjunção *e*, como elemento de ligação entre memória e esquecimento através do símbolo popularmente conhecido como e-comercial: *&*, que na verdade não é apenas um símbolo comercial, mas significa “e” de adição e de união, é duas vezes *e*. Este recurso foi para não ter que ficar a todo o momento repetindo que os dois são um par, que fazem parte de um mesmo sistema, embora esse símbolo exprima

acordo com interesses políticos, visto que a memória e o esquecimento são gestados e geridos – produzidos e administrados, reconstruídos e exercitados volta e meia, e promulgados fundamentalmente e freqüentemente por imagens – socialmente e expressos por imagens mentais. Assim levantei nas fontes a imagem da “**Alemanha manchada**” pelo holocausto judeu no seu “recente” passado nazista, a qual está sendo “reconstruída” a partir da guerra e da queda do muro de Berlim, o que remete a outra imagem, a da “**Alemanha Reconstruída**”, a qual se apresenta como uma “**Nova Alemanha**”, ou seja, uma Alemanha que estaria aberta a receber outros, pressupondo que não seria mais racista, que não seria mais a “Alemanha de Hitler, Alemanha de antes, Alemanha dividida”. Agora seria outra, a “**Alemanha Unida**” que busca através também destas imagens suprimir os conflitos entre uma Alemanha Ocidental e Oriental, expressos na imagem de “**Wessis versus Ossis**”, ainda com um muro divisório em seus espíritos.

As imagens encontradas foram: “Alemanha una” ou “Alemanha unida”, “A nova Alemanha”, “Mauer in der Kopf”/“Muro nas cabeças”, a “Alemanha manchada”, “A Alemanha reconstruída” e “Wessis x Ossis”, as quais vou trabalhar mais especificamente.

Mas há outras que também chamam a atenção como a da “Alemanha reabilitada”, “a verdadeira Alemanha”, “O Alemão mau, desconfiado ou o povo frio”, “A Alemanha desconhecida”. A própria idéia da “queda”, se pensarmos é também uma imagem, sendo que todas elas compõem uma relação dinâmica de memória/esquecimento em sua ambivalência e na relação com outras imagens, como a das “duas Alemanhas”.

No imaginário pós-queda do muro, é possível perceber uma necessidade do esquecimento, o que pode ser pensado, por exemplo, através de políticas alemãs atualmente implementadas por programas de propaganda do governo como, por exemplo, “conheça a Alemanha”, “bem-vindo à Alemanha”, “visite a Alemanha” um programa de incentivo não só ao turismo, mas a se trabalhar e morar na Alemanha, a qual não seria mais “racista” mas antes apresentaria em seu país o “Diálogo das Culturas”.

Este trabalho se propõe a pensar memória e esquecimento como ambivalentes e não como duais. Eles não são opostos, extremos, contrários, mas complementares, dois componentes de um só mecanismo. A memória e o esquecimento não ocupam posições

apenas timidamente a cumplicidade entre memória & esquecimento. “O & foi criado para substituir a palavra latina et (e), os copistas criaram um símbolo que é o resultado do entrelaçamento dessas duas letras: &. Em inglês, tem o nome de ampersand, que vem do and (e em inglês) + per se (do latim por si)”. Fonte: Disponível em: <<http://blocosonline.com.br/literatura/sc...>> Acesso em: 24/09/2007.

diferentes, portanto, não devem ser polarizados. Sua ambigüidade tem a ver com sua dupla função, de forma simultânea.

É importante relatar aqui que como a escrita da monografia foi um processo de produção, lidei com as dificuldades de selecionar o que ia buscando, de escolher um caminho, decidir como abordar o tema, entre outros contratempos. Pois várias coisas vão surgindo ao longo da pesquisa, lidamos com o imprevisto e com o novo quando nos deparamos com algo diferente das idéias pré-concebidas ou quando achamos algo que nos enriquece e nos faz repensar nosso trabalho, mas que não eram necessariamente respostas para o que buscávamos, mesmo porque algumas respostas nunca virão, mas a pesquisa, a busca continuará. Assim, o próprio percurso faz-nos repensar constantemente a problemática inicialmente proposta. Também lidei com a dificuldade de fazer um recorte temporal, a fim de não ficar retornando às origens e nem fazer uma história retrospectiva. Também hesitava sobre quais terminologias deveria buscar, definições e decidir ou não em colocá-las nas notas de rodapé, visto que as palavras têm um peso muito forte na história.

A transcrição das entrevistas também foram penosas, pela responsabilidade que é tomar emprestado a fala de outros, pela seriedade de trabalhar com a história de vida das pessoas, os relatos do que viverem, a necessidade de captar, por expressões como a fala, os gestos, silêncios e olhares, os sentimentos presentes no momento da entrevista.

O NEPHISPO – Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política também teve um papel essencial em minha formação acadêmica, pois desde o início do curso de História, participei das conversações propostas e as mesmas muito me enriqueceram, espaço de troca de idéias, de compartilhamento de pesquisas, de discussão de temas atuais, onde se debateu o tema da alteridade, do imaginário político brasileiro, da razão e sentimentos na história, entre outros.

O curso de História se revelou para mim bem diferente do que eu idealizava, mas não deixou de ser, em nenhum momento, o que eu queria. As descobertas que fiz ao longo do curso, as alegrias e tombos contribuíram para meu amadurecimento, jamais vou esquecer de idéias fundamentais que aprendi com alguns professores, algumas construções de críticas, reflexões e debates, que ficarão marcados, pois fazem parte de meu processo de formação intelectual, de caráter e enquanto ser humano. E aqui não me refiro apenas aos conhecimentos históricos, mas à responsabilidade como adulta, educadora e pesquisadora, que este curso também me conferiu.

Em relação ao estudo, o vínculo que mantive com a educação, ensino e aprendizagem, sempre foi marcado por um desejo ávido de aprender, no início com mais

otimismo, reconhecimento, mas também com menos segurança. Construir uma monografia é também construir uma crítica, pois não fugimos do que somos e assumindo isso acredito agora que é importante se posicionar, no sentido de exprimir satisfatoriamente o significado que isso tem para mim, assim seria melhor colocar como uma opção de vida, algo que compete a outros âmbitos do ser humano e não só restrito ao lado profissional, ou seja, passei a ver a história como vocação.

Falar de uma experiência de vida é para mim algo que, com clareza, considero ser não só um exercício de memória, mas também de História, ambos com uma relação atrelada ao presente, onde com o olhar subjetivo da concepção de mundo que temos no presente, re-elaboramos, reconstruímos nossas lembranças influenciados pelo momento, como este em que me volto a ponderar a minha vivência e a relação que construí com a educação partindo dos dias atuais de fins de graduação – licenciatura e bacharelado – em História.

É importante lembrar que por mais que esta produção esteja enfadonha, ela impreterivelmente parte da pessoa que sou hoje, todas as críticas aqui presentes são no momento, porque amanhã já poderei ter repensado tudo isso, são do olhar do que me tornei nesse rumo que as coisas foram tomando, pois estamos sempre buscando um sentido para nossas histórias.

Eu construo esta narrativa na perspectiva de um último ano de graduação, ano de “conclusão” que não conclui nada, mas deixa espaço aberto para outras possibilidades. Considero que esta é uma etapa muito significativa, na minha vida, a ser vencida.

No capítulo I, intitulado “*As relações ambivalentes dos jogos das imagens de memória & esquecimento*”, procuro esclarecer melhor minha problemática, expor como penso a relação entre memória e esquecimento, e, dentro disso, como se insere a questão das imagens e como penso as imagens.

No capítulo II, cujo título é “*As imagens do pós-‘queda’ como expressão da relação memória & esquecimento*”, desenvolvo detalhadamente cada uma das imagens do pós-queda que levantei, no diálogo com todas as fontes utilizadas e sempre relacionando-as com a memória e o esquecimento, o que tentei fazer ao longo de todo o trabalho, para não deixar uma impressão estanque. Além disso, tratei rapidamente da correlação entre as imagens.

No terceiro e último capítulo “*A atualidade das imagens e suas possibilidades*” falo de como o tema é retomado na atualidade, trago para uma discussão do presente, partindo do momento em que comecei a trabalhar o tema, pois partimos das questões do nosso

tempo. E também lanço projeções e expectativas daí por diante. O terceiro capítulo é onde, além de apontar as perspectivas e possibilidades para o futuro, faço as considerações finais, mas não encerro as idéias, faço um apanhado geral das reflexões a que cheguei ao longo desse percurso e deixo em aberto novas possibilidades e para onde pode apontar a continuação deste trabalho.

Reconheço que esta monografia se limita ao espaço que consegui destinar a ela, em meio a tantas responsabilidades, mas embora a complexidade do tema exija um amadurecimento maior, isso só virá com o tempo. Termino este trabalho com a consciência da necessidade de melhorar, mas também de que me esforcei ao máximo para realizar um trabalho coerente, buscando sempre as qualidades essenciais de uma pesquisa histórica.

CAPÍTULO I:

As relações ambivalentes dos jogos das imagens de memória & esquecimento

Neste primeiro capítulo procuro discutir a problemática proposta, o que penso da memória e do esquecimento e sua relação. Também se define aqui como as imagens estão sendo pensadas.

Este trabalho parte do pressuposto de que a construção de imagens é uma expressão da memória, que se dá por meio de construções sociais, culturais, interessadas, ou seja, conforme motivações diversas, formadoras de opinião, as quais são constantemente apropriadas, re-elaboradas e carregadas de diferentes sentidos e significações, construtoras de imaginários sociais⁴, que muitas vezes vão também reproduzir discursos e afirmar ideologias. Além disso, configuram formas de pensar, agir, sentir e imaginar⁵. Tais imagens são capazes de construir, elaborar e reconstruir memórias e também esquecimentos.

Minha proposta de pesquisa e reflexão é pensar as questões da memória e esquecimento e sua relação com a história movidas pelas questões do nosso tempo, pensando a relação presente-passado e as relações de poder. A memória e o esquecimento possuem em sua linguagem representações intelectuais, mas também representações de caráter afetivo, que são as imagens, pois estas são representações racionais e afetivas⁶, ao mesmo tempo.

Ao pensar as relações que permeavam a época da divisão territorial e política alemã como relações também constituintes daquele momento de agudas transformações, devemos considerar que a Guerra Fria se apresentava, num sentido mais restrito, como a hostilidade ‘permanente’ entre duas ‘potências’ - embora se unissem em momentos em que interesses recíprocos assim seriam atendidos ou alcançados -, daí a chamada ‘Cortina de Ferro’, ou *“divisão do mundo em esferas de influência comunista e capitalista, a bipolaridade que*

⁴ A noção de imaginário social que uso aqui é levanta por Sandra S. Pesavento a partir de Baczko, Le Goff e outros autores. Para mais informações sobre o assunto consultar: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Contexto, v. 15, n.29, 1995, pp.9-27. O imaginário é aqui pensado como um sistema de idéias e imagens. Um jogo de representações, evocação, simulação, sentido e significado.

⁵ DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. Editora Martin Claret. São Paulo, 2003.

⁶ A distinção entre representações e imagens é trabalhada por Jacques Le Goff no Prefácio de “Imaginário Medieval”. Ver: LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Trad. Manuel Ruas (de: *L'imaginaire medieval*). Lisboa: Estampa, 1994. 367 páginas.

*impunha a cada país o alinhamento em um dos campos político-econômicos de conflito*⁷, marginalizando aqueles contrários ou ‘não posicionados’. Essas relações vão configurar imagens de memória e, na dialética com seu par, imagens de esquecimento, como por exemplo, a imagem do muro como “símbolo da Guerra Fria”. Porém mais tarde as relações diplomáticas com o leste seriam emblemáticas do começo de um processo de “*degelo entre as duas Alemanhas*”⁸; então passa a haver uma desconstrução do muro como símbolo da divisão da Europa e do Mundo, através da imagem da união, da unidade alemã.

Assim há uma reconstrução não só territorial, mas também ideológica, sendo que esses dois aspectos vão contribuir para a produção de imagens da Alemanha pós-muro, visto que a unidade do país estava sendo restaurada justamente através destas dinâmicas, dos jogos de memória & esquecimento, expresso em múltiplas imagens.

A imagem da queda do muro que com frequência temos em mente e que foi propagada por todo o mundo é dos moradores das duas partes da cidade confraternizando-se, amigos reencontrando-se, famílias reunindo-se. Só que passado o momento da reunião, de empolgação e euforia, devemos questionar como seria a vida desses alemães que passaram gerações, por volta de 40 anos de dominação soviética e ocupação dos países vencedores da segunda guerra mundial, da existência de duas Repúblicas a Federal Alemã e a Democrática Alemã, separados por barreiras políticas e afetivas, e 28 anos (quase 3 décadas!) por uma barreira armada, de concreto, de arame farpado. Anos depois como seriam re-avaliadas suas experiências e seu processo de reunificação?

A imagem é a forma da nossa lembrança, é a maneira pela qual nos lembramos de algo, visto que não lembramos de algo como uma descrição científica e intelectualizada, mas nos lembramos a partir de nossas primeiras impressões, de nossos juízos de valor, de nossos afetos e desafetos em relação àquilo. Lembramos com uma opinião, com uma avaliação, lembramos com os nossos preconceitos. Se prestarmos atenção, podemos perceber que nossas lembranças estão cheias de senso-comum e estereótipos⁹, mas imagem não é só isso. Não é simplesmente uma coisa que jorra inconscientemente, mas a

⁷ CHACON, Vamireh. *A Questão Alemã*. São Paulo: Editora Scipione, 1992. p.45.

⁸ Idem. p. 55

⁹ O estereótipo é a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. Estereótipos são fonte de inspiração para construções de muitos ideários, são constantemente reproduzidos, e está frequentemente atrelado ao preconceito, pois possibilitam preconceber conceitos sobre alguém, e se tornam conceitos justamente porque se fixam na memória das pessoas, constrói uma imagem e são por isso sólidos, como a própria palavra *stereos* que vem do grego quer dizer. Eles os estereótipos são imagens conceituais vividas cotidianamente, são muito frequentes e por isso são tangíveis. Faço esta observação baseada no dicionário de língua portuguesa: “*Novo Aurélio Buarque de Holanda*”, de 1996. E no texto: “*Atitude, Preconceito e Estereótipo*” de Regina Célia de Souza. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/psicologia/atitude-preconceito-estereotipo.htm>> Acesso em: 20/10/2007.

lembrança é permeada de representações e sentimentos construídos e isso é que constitui uma imagem, visto que nos lembramos através da imagem. Neste sentido a imagem é a linguagem da memória e do esquecimento¹⁰.

A imagem estigmatiza, matiza uma idéia, entra em conflito e contradição com outras imagens, ela concretiza um modo de ver, e vivemos essas imagens. As imagens são construídas a partir do que vivemos e construímos, nós as produzimos e reproduzimos constantemente, e elas circulam numa dinâmica em que não só os meios de comunicação de massa as veiculam, mas a nossa comunicação social, cotidiana. E assim, este trabalho não visa responder se essas imagens são construídas pela imprensa e as pessoas se apropriam dela ou se é o contrário; se as pessoas que as constroem e a imprensa delas se apropriam a partir de uma leitura do que está acontecendo no social. Mas acredito que são as duas coisas juntas e não se contradizem, pois isso está inscrito na dinâmica social. Além disso, devemos nos lembrar que a imprensa é constituída de pessoas, não é um monstro intocável, embora seja por vezes monstruosa, não é um ser autônomo em si, mas é feita de gente, que tem interesses, pressupostos, objetivos e determinadas orientações.

As imagens contemporâneas constituem representações que freqüentemente ganham vida através da imprensa e que também nela são revitalizadas. Na imprensa de modo mais amplo, nas coisas que circulam, que lemos freqüentemente, há a presença das imagens que selecionei e destaquei, tanto alemãs quanto brasileiras. Elas são representações que a memória coletiva e social elaborou e continua elaborando e re-elaborando as quais são muito atuais e presentes em nossos dias, são imagens de memória relativas à queda do muro de Berlim, que incondicionalmente produzem também imagens de esquecimento.

Procuo destacar quais imagens foram delineadas na construção da reflexão desta pesquisa, pois me proponho a investigar quais são as imagens que a imprensa brasileira (e se também aparecem na imprensa alemã) construiu em relação a um fato que repercutiu no mundo todo: a ‘queda’ do muro de Berlim (1989) e como, ao longo desses anos, essas imagens expressaram memórias e esquecimentos de acordo com os interesses e jogos políticos.

¹⁰ Este assunto é trabalhado intensamente por Jacy Alves de Seixas ao longo de seus artigos consagrados as relações entre memória, esquecimento e história. Ver, em especial: *Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaimico*, in Gutierrez, H.; Naxara, M.; Lopes, M.A.S., *Fronteiras, paisagens, personagens, identidades*, São Paulo: Olho d’Água, 2003. Texto no qual ela faz uma reflexão mais detalhada sobre a memória voluntária e memória involuntária, desenvolve o tema da memória e do esquecimento e fala sobre a imagem como linguagem da memória. A autora pensa a memória e o esquecimento como um par inseparável.

Quando Zygmunt Bauman¹¹ fala da ambivalência, pensando a modernidade, ele alega que é um mito querermos as coisas sempre em duas realidades antagônicas, as coisas não precisam ser pensadas como opostas e nem precisam ser homogêneas. A partir disso, penso que as imagens são potencialmente de memória e esquecimento, podem vir a se configurar como as duas coisas, de ambas as maneiras, embora sua gestão faça com que uma ou outra se destaque mais, de acordo com as imagens que são mais disseminadas e matizadas. Na experiência da busca da unidade alemã se impôs a ruptura, a unidade ao ser reconstruída tinha que romper com um passado comunista; por isso a ambigüidade, pois o que une separa.

Por exemplo, tanto a direita quanto a esquerda têm preconceitos e problemas comuns; depois da queda do muro já não é tão fácil polarizar posturas, posições e ações como sendo ou da esquerda ou da direita. A nossa referência cultural não está dada, nós podemos construí-la, optar por ela, transitamos entre diversas opções, construímos nossos posicionamentos enquanto vivemos, da mesma forma como nós mesmos é quem construímos os enquadramentos.

Os alemães são extremamente racionais, o que muitas vezes é utilizado como argumento para a negativização da imagem do alemão como povo mau, frio e etc, entretanto devemos fugir dos estereótipos, porém devemos lembrar que a racionalidade convive com os sentimentos, eles não se traem e não subtraem um ao outro, eles coexistem e convivem. Razão e sentimento são ambivalentes, assim como a memória e o esquecimento são coisas diferentes, mas que para ser o que são precisam um do outro. Então durante todo o percurso que este trabalho faz, a memória e o esquecimento são pensados como ambivalentes, não são duais e não se anulam.

Algumas representações são quase que inexprimíveis se restritas ao intelectual, portanto elas precisam de alusões, metáforas, enfim de imagens, que expressem pensamentos, mas também sentimentos, que expressem palavras, mas também percepções, reflexões e relações sociais. Imagem - do latim *imago* - é toda e qualquer visualização gerada pelo ser humano, seja em forma de objeto ou de construção mental, seja direta ou indiretamente tangente, como as obras de arte, as fotografias, ou as imagens que formamos em nossos pensamentos, as idéias que temos de algo, as representações intelecto-afetivas e etc.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

As imagens são as fotografias da memória e do esquecimento, assim como a foto depende do olhar do fotógrafo, as imagens dependem do olhar da imprensa, dos historiadores, de todos nós que somos produtores de imagens. Construir imagens depende de como concebemos o mundo, de nossa *Weltanschauung*.

Existem as imagens que podem ser vistas e as que podem ser vislumbradas como no caso das imagens mentais, todas são produzidas pelo homem. A própria palavra produz imagem. A memória e o esquecimento vivem na imagem, através dela. A memória e o esquecimento rompem através da linguagem, e a linguagem que os expressa é a imagem.

Os jogos do esquecimento são os jogos da memória, pois a dinâmica desta dupla é o jogo, é a alternância contínua como mecanismo de funcionamento que é expresso constantemente por imagens, as quais são por sua vez construídas pelos jogos de memória e esquecimento, e são representações intelecto-afetivas. Existe uma equivalência de memória e esquecimento, não são duais, no sentido de opostos, são ambivalentes, equivalentes, não são iguais, mas são interdependentes. Memória e esquecimento fazem combinações diversas, numa relação solidária, como no caso dos jogos do voluntário e do involuntário.

As sistematizações da dupla memória & esquecimento alternam suas faces, pois ora se destaca mais uma memória pressupondo um esquecimento, e ora se destaca mais um esquecimento pressupondo uma memória, dependendo de circunstâncias conjunturais, pois este é um sistema dinâmico, um “jogo”.

Assim levanto as imagens que se tornaram visíveis, notórias na imprensa brasileira, e que são imagens latentes na sociedade alemã e no mundo, como herança da projeção que teve a “queda” do muro de Berlim; do alcance, repercussão e desdobramentos que esse acontecimento, tão significativo, teve por todo o mundo, o qual simbolizou para alguns o fim do socialismo, o fim das utopias, para outros a vitória do capitalismo ou o início de um período de incertezas.

Porém, por mais que os discursos capitalistas sejam representados como bem intencionados, é preciso lembrar que a diferença de práticas políticas advém também de diferenças ideológicas e de interesses, de fundamentação e que tem como fruto relações sociais de desigualdade, mesmo havendo elementos comumente injustos e problemáticos em ambos os sistemas. Devemos ter o cuidado de não tomar a queda do muro de Berlim e a reunificação como se fossem a melhor opção, um destino a se cumprir, como se fosse

obviamente melhor a homogeneização ou unidade da direção do poder, direcionadas pela cultura ocidental.

Assim, quanto aos jogos de memória e esquecimento, acreditando que se relacionam numa dinâmica que poderia se organizar em grupos que se alternam e se arrolam de diferentes maneiras, acredito que a memória voluntária pode vir junto, se relacionando com o esquecimento também voluntário, pois ao mesmo tempo em que se quer lembrar algo, se quer também esquecer algo em detrimento daquela lembrança, visto que a memória vem sempre junta com o esquecimento, ambos voluntários ou não, mesmo que uma face se destaque mais em determinados momentos.

Outro caso seria quando a memória involuntária se relaciona com o esquecimento voluntário, pois ao mesmo tempo em que se lembra algo que é desencadeado por sensações que irrompem espontaneamente e independente de nossa vontade, o não querer lembrá-las é um esquecimento voluntário atrelado a uma memória involuntária que vem, mas que se quer combater, e muitas vezes quando queremos lembrar, o esquecimento involuntário ou sua gestão por parte do que é disseminado à nossa volta nos faz esquecer, mesmo que lutemos contra o esquecimento ele faz parte de nós, ele é a outra parte do lembrar; não é amnésia, não é vazio.

Além disso, também a memória voluntária se relaciona à memória involuntária, mesmo que uma pressionando a outra, mesmo que conflituosamente, pois ao mesmo tempo em que queremos lembrar, construir lembranças e fazer os outros lembrarem, gestando (produzindo) e gerindo (administrando) memórias, a memória de outras coletividades e outros interesses se impõem sobre nossa memória voluntária, - na luta pelo imaginário social - que é por vezes bloqueada pela força e profundidade de uma memória que nos surpreende involuntariamente, nos fazendo lembrar sem querermos. Assim se mostra a dupla qualidade da memória e do esquecimento, sempre se alternando e se combinando em jogos, mas sempre em uma dinâmica, não dá para isolar o que é memória e o que é esquecimento, pois um pressupõe o outro para existir. Não tem como tratar da memória sem seu “par”, o esquecimento. Pois ele, o esquecimento, manifesta-se frequentemente na disseminação de outras memórias¹².

Dai também o esquecimento voluntário inscrito na relação com o esquecimento involuntário, e o esquecimento involuntário relacionado com a memória voluntária, onde

¹² Seixas, Jacy. *Comemorar entre memória e esquecimento*. História – questões e Debates. nº32. Parana: Ed. UFPR, 2000. pp.75-95.

vai haver os conflitos de memória; e os conflitos de esquecimento como, por exemplo, do dever de lembrar o holocausto reclamado pelos judeus versus um direito de esquecer a experiência nazista expresso na sociedade alemã atual. Além do confronto de memórias presente no conflito das relações interalemãs indicado, por exemplo, na suposta necessidade de reconstrução do leste.

A memória e o esquecimento possuem uma relação de interdependência e de dependência das imagens, pois são através das imagens que tomam forma que são acionadas e configuradas memórias e esquecimentos. São tão inseparáveis que podemos ver isso nas imagens construídas em decorrência da queda do muro de Berlim, pois ao mesmo tempo em que o departamento de imprensa e informação do Governo Federal da Alemanha, as revistas comerciais, a internet, a revista *Veja* no Brasil, a mídia, em geral, ou seja, os meios de comunicação de massa, divulgam a imagem da “Alemanha Unida” -- que é uma imagem de esquecimento da Alemanha dividida --, ao mesmo tempo há departamentos do governo, instituições, pesquisadores e grupos sociais que querem lembrar que ela é ‘unida’ depois da reunião por causa de uma divisão, que houve um muro que colocaram em museus, que exportaram pedaços por todo o mundo, que tentam preservar em galerias, muro transformado em uma tela de pintura e grafite¹³, que foi instituído como patrimônio histórico e cultural da humanidade¹⁴. Mas, um patrimônio que deva ser guardado e preservado quietinho lá nos museus, o lugar onde é permitido lembrar, mas nem sempre convém ser lembrado, pois existe uma disputa pela memória e pelo esquecimento; este dueto se alterna conforme os jogos políticos.

Não que as coisas sejam milimetricamente pré-meditadas ou pré-determinadas, mas existem jogos políticos que configuram estratégias e isso permite-nos pensar que a memória e o esquecimento podem estar sendo geridos pelo poder instituído. Há uma gestão política¹⁵ da memória e do esquecimento. Não só por ele, pois não podemos desconsiderar que nós todos somos construtores de imagens. Mas é importante levar em conta que a propagação tanto de memórias quanto de esquecimentos criam um consenso, em torno de determinados interesses, acontecimentos e situações.

Por considerar que as relações entre memória e esquecimento são tão imbricadas a ponto de um nos levar ao outro e de se alternarem nessa dinâmica que institui a ambos,

¹³ Me refiro a East Side Gallery.

¹⁴ Instituído oficialmente pela ONU em 2002.

¹⁵ Falo em gestão política, mas Pierre Ansart falaria ainda mais, pois ele elaborou a noção de “gestão das paixões políticas”. Para aprofundar essa questão sugiro a leitura de: ANSART, Pierre. *História e memória dos ressentimentos*. In BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (org.) *Memória e (res) sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*, Campinas: Editora da Unicamp, 2001, pp.15-36.

tomando o papel principal de acordo com os momentos e diversos elementos que os determinam, eles – os jogos de memória & esquecimento – são reconstruídos e reproduzidos dando maior notoriedade a um ou outro, mesmo que não seja acionado o seu contraponto, o qual é sempre o suporte para permitir a existência do outro. Ao pensar isso poderia ponderar que, como disse Pierre Nora:

“a memória é a vida, sempre trazida pelos grupos vivos e, por esta razão, ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e freqüentes revitalizações”¹⁶.

Tenho dúvidas quanto a memória ser inconsciente, pois nós que a ativamos e construímos memoriais para lembrar, acionamos uma memória voluntária, mas reconheço que existe também uma memória involuntária, quando de repente lembramos de algo no qual não estávamos pensando. No entanto, Nora nos ajuda a pensar que a memória é freqüentemente revitalizada, daí podemos desenvolver que também o esquecimento é revitalizado.

Assim podemos considerar que há uma ação consciente sobre a memória¹⁷, ora agindo de diversas maneiras a propagá-la de uma determinada forma, ora inibindo, omitindo, silenciando ou buscando limitá-la de forma que seja controlada pelo esquecimento, que por isso mesmo é também instrumentalizado¹⁸ e praticado. Sendo preciso ressaltar que não penso a memória como algo maior que comporta a lembrança e o esquecimento, mas que existe a memória e o esquecimento, um necessário ao outro, em “pé de igualdade”, sem hierarquias ou uma superioridade da memória sobre o esquecimento e nem vice-versa. Um e outro se constituem em sua existência em comum, elementos do mesmo sistema, um é indispensável ao outro, pois, do contrário, não seríamos capazes de formular o que a memória é sem a noção de esquecimento, e nem saber o que é esquecer se não existisse o lembrar.

Adauto Novaes em “O esquecimento da política” fala que no presente incerto em que vivemos, de desordem, as esferas do saber e do poder, costumes, mentalidades, sensibilidade, ética e valores se transformam como nunca. A política é parte dessas

¹⁶ NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. Proj. História. São Paulo: 10 dez. 1993. p. 9.

¹⁷ Noção desenvolvida por HALBWACHS, Maurice. In: *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁸ SEIXAS, Jacy A. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico, in Gutierrez, H.; Naxara, M.; Lopes, M.A.S., *Fronteiras, paisagens, personagens, idendidades*. São Paulo: Olho d'Água. 2003.

transformações. E para ele podemos nos prender a algo a que estamos sujeitos. Para ele a imagem do esquecimento é ao mesmo tempo, brilhante e obscura:

“Se a política é hoje um dos objetos privilegiados do esquecimento, é preciso ir às origens desse esquecimento para depois chegar à coisa esquecida. Uma das formas do esquecimento da política está na ausência de conceitos que, até pouco tempo, serviam de pontos de referência para a prática”¹⁹.

Para ele, há um elogio do esquecimento, e esse esquecimento da política é prática dos meios de comunicação, mecanismo poderoso, que dá sua interpretação para determinados fenômenos matizando idéias com suposto de “verdade” e se dizendo neutros, o que é impossível.

Na reflexão de Michel Pollak, retomando o pensamento de Halbwachs, os elementos que constituem a memória são os acontecimentos vividos pessoalmente, mas também os que são vividos pela sociedade a que pertencemos, participam do nosso imaginário, mesmo não se situando necessariamente no nosso espaço-tempo, pois participamos dessas memórias por meio de socializações políticas, históricas, assim nos identificamos com acontecimentos dos quais não participamos diretamente. Nesse sentido, há elementos como lugares, coisas, objetos, que despertam as lembranças, independente da distância no tempo; como os lugares de comemoração, o Brandenburger Tor, por exemplo, os monumentos, museus, galerias, e etc, são “lugares de lembrar” e são elementos que nos fazem lembrar.

Em *Memória e Identidade Social*, Pollak diz que “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”²⁰ A memória bem como o esquecimento são adequadas, são administradas de acordo com o momento, é o que podemos perceber na forma como são construídas as imagens da queda do muro de Berlim: em 1989, era de uma determinada forma; nos 10 anos de reunificação já sofre alterações. As datas oficiais, por exemplo, são estruturadas do ponto de vista político: o muro de Berlim caiu em 9 de novembro de 1989, o que é comemorado, mas o feriado oficial é em 03 de Outubro de 1990, um ano depois, quando se concretizou a reunificação oficial. Assim, a ênfase fica mais na reunificação, para insistir

¹⁹ NOVAES, Adauto. *O esquecimento da política*. Disponível em:

<http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_e_pensamento/acervo/textos>. Acesso em: 24/09/2007.

²⁰ POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992. p. 201. Disponível em: < www.google.com.br > Acesso em: 24/09/2007.

mais na significação de unidade do que na queda do Muro, que lembra a divisão. Segundo Pollak, a organização da memória é *“um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo”*²¹, bem como os que devem ser esquecidos, eu completaria.

A memória, assim como também o esquecimento, disputam valores. As datas podem não significar para as pessoas o que acreditamos que elas significam. São variáveis as datas importantes de pessoas para pessoas. O que as pessoas vivem, pensam e sentem são plurais e variam de acordo com diferenciadas realidades. Assim a narrativa, a linguagem da memória e do esquecimento, constrói sentidos.

*“Esse último elemento da memória – a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”*²².

Eu diria de administração, de gestão em sua gestação, em sua construção. Escolhi então usar dois verbos que mostram a sistemática das imagens: *Gestar* e *Gerir*, pois *gestar* vem de *gestação*, com sentido de formar, envolve produzir e reproduzir. E *gerir* é regular, é manejar quase que manipular, melhor seria dizer que é administrar. Dessa forma as memórias e esquecimentos são gestados e geridos, fundamentalmente, através das imagens.

As imagens redimensionam a relação com a memória e o esquecimento e são envolvidas por sentimentos e percepções. Se as imagens são re-arranjadas, apropriadas e re-apropriadas é sinal de que a memória e o esquecimento vão se transformando, embora haja algo que permaneça. A imagem é modelar, ela se molda à gerência, à administração que sofre, às intervenções.

As imagens são também evocadas, e, quando as invocamos, estamos imaginando, estamos lembrando ou esquecendo. Por exemplo, quando vemos com a mente alguém que está longe, não estamos dela nos lembrando? Ou quando esquecemos algo, acaso não estamos esquecendo de um conteúdo específico e com outras coisas em mente ao mesmo tempo? E quando vemos algo, que não está necessariamente diante de nossos olhos? Habitualmente julgamos os outros, consideramos a opinião que temos deles de acordo

²¹ Idem. p. 203.

²² Ibidem. P. 201.

com o que pensamos, como os vemos, o que significam para nós. As imagens são fixas apenas na aparência, mas se transformam no nosso imaginário. Então penso como as imagens da Alemanha têm mudado de conteúdo e forma: de “divida” a “unida”; transformou-se a imagem negativada do alemão, a imagem da Alemanha como perigosa e etc. A imagem é produzida por sentimentos e produz sentimentos.

As imagens nos indicam que existe uma produção sensível do esquecimento, pois esta produção sensível são as imagens, é através delas que sentimos e ela é o instrumento para a gestão do esquecimento, é a forma de expressão dele, ou seja, sua linguagem, pois elas, as imagens, produzem representações afetivas que administram memórias e esquecimentos.

A imagem fixa a lembrança. A imagem é feita de representações e constrói representações, assim ela constrói memórias e esquecimentos. As imagens são imóveis e móveis ao mesmo tempo, pois fixa uma idéia, mas sofre transformações de acordo com o momento, com as relações, com as condições e interesses presentes.

As imagens de memória dão visibilidade a algo que assim joga com as imagens de esquecimento que querem ocultar algo, assim temos imagens mais visíveis e outras possivelmente ocultadas, ou submersas. As imagens envolvem a sensibilidade daqueles que as constroem, daqueles que são comunicados por ela e daqueles para quem elas são disseminadas, mas é claro que tocam mais uns do que outros, em diferentes graus, dependendo da relação de cada pessoa com determinada imagem. Mas, de fato, as imagens mexem com a sensibilidade de quem as “vê”, de quem as pensa e de quem as vive de alguma forma.

As imagens não pairam sobre a realidade, pois elas fazem parte dessa realidade, pois são construídas na realidade ao mesmo tempo em que constroem a realidade. As imagens são reais porque nós as construímos assim como elaboramos nossas idéias, e criamos nossas instituições. E elas não flutuam, mas possuem uma certa mobilidade, elas se movem nos jogos de memória e esquecimento.

As imagens geram sensações, geram reconhecimento/identificação ou rejeição, de acordo com quem afetam, a quem chegam, mas isso varia de pessoa a pessoa, o que a imagem vai repercutir dependerá das relações que estabelecem, bem como da proximidade que essas pessoas tem dessas ou com essas imagens. Depende do grau de significação de determinada imagem para determinada pessoa.

As imagens se relacionam com elas mesmas, se relacionam com imagens de memória-esquecimento, e de esquecimento-memória, elas se complementam, se

contradizem e se conflitam. Elas se equivalem ou se opõem, se transformam, permanecem e são re-significadas em diferentes tempos e espaços, são correlatas, expressam esquecimentos e memórias voluntários e involuntários. Moldam-se aos momentos, cumprem funções, influenciam opiniões, posicionamentos, decisões, conferem sentidos múltiplos a uma experiência, a um fato, aos afetos, modos de ver, elas por vezes marcam um julgamento.

A imagem que se cristaliza (por um tempo indefinido) é o resultado de um caminho que a memória e o esquecimento seguiu em seu percurso, resulta da forma como a memória e o esquecimento foram organizados. A imagem é, portanto, uma expressão forte, marcante, incisiva. Ela é um mecanismo de permanência e de alteração tanto de memórias quanto de esquecimentos.

Assim a imagem agrega adjetivos, relacionados a afetos e desafetos. São constantemente apropriadas, reconstruídas, porque as pessoas as reconhecem ou as negam. Quando as imagens são disseminadas, elas constroem sim uma memória e um esquecimento de acordo com determinados interesses em vigor. A imagem é a impressão que fica, ela expressa a disputa por valores que a memória e o esquecimento operam.

A imagem tem uma vinculação afetiva, não é tão racional, tão intelectualizada. Os sentimentos – a afetividade e as sensações – são componentes das imagens e, portanto, das memórias e dos esquecimentos, complementam a razão, ajudam a construir o pensamento e pautam ações, vem junto com a razão e ajuda a formar a identidade. Ao mesmo tempo em que é subjetivo, é forjado nas relações sociais.

Nesse sentido de pensar a imagem como uma representação racional, mas também afetiva, podemos lembrar como os sentimentos são importantes para complementar a razão, não são opostos, precisam um do outro. Max Weber em *Ciência como Vocação*²³, já reconhecia que o irracional complementa o racional despertado por paixões.

Para Weber, no puro racionalismo falta motivação, para ele a ciência necessita de intuição, de inspiração e paixão, pois é esta última que vai impor limites à ciência, a própria racionalidade da ciência é limitada. Fica implícito que a racionalidade por si só levaria a uma prática política incorreta, assim a crise da razão leva a um rompimento entre ciência e política; ou seja, a paixão, os sentimentos, sensibilidades também são necessários. E complementares, não se opõem, mas precisam um do outro. A dedicação apaixonada é necessária para a ciência enquanto vocação, e podemos considerar que a paixão é um

²³ WEBER, Max. *A ciência como vocação*. In: *Ciência e Política, duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

critério irracional. Para Weber, a crise da cultura é expressa na racionalidade limitada, pois o limite do saber, da ciência é a consciência. E a cultura precisa também de elementos de irracionalidade como a paixão. A irracionalidade não é o contrário de racionalidade para Weber, pois são partes de um mesmo conjunto, pois o racional é o fundamento do irracional e o irracional inspira o racional. Não é que o irracionalismo esteja invadindo a racionalidade, Weber não faz essa dicotomia, pois estas duas coisas convivem, para ele são partes de um mesmo mecanismo.

Para definir minimamente o que penso como imagens posso dizer, retomando Jacques Le Goff, que a representação é mais intelectualizada, o que a diferencia das imagens, pois elas, além disso, operam sentimentos, elas são justamente representações racionais e sentimentais, intelecto-afetivas. O termo imagem devemos lembrar, vem do imaginário que é algo real e sensível, conjunto de imagens, onde os sentimentos têm espaço para serem estudados. A representação é intelectual, é quando se atrela à memória que ela ganha afetos e vira imagem, só que essas imagens vão construir outras memórias e outros esquecimentos, não no sentido dual, mas ambivalente, ou seja, não se opõem, mas se complementam

Em poucas palavras: as imagens são as formas pelas quais lembramos e esquecemos, dessa forma as imagens é a linguagem que expressa memória e esquecimento no seu jogo ambivalente. A imagem é o conteúdo/forma mais forte da lembrança e do esquecimento.

Então, após expor como penso a relação com a memória e o esquecimento, e definir o que são as imagens para mim, irei, no próximo capítulo, analisar uma a uma as imagens que levantei acerca do pós-‘queda’ do muro de Berlim; imagens estas entendidas como expressão da relação ambivalente entre memória & esquecimento, em seus jogos políticos.

CAPÍTULO II:

As imagens do pós-‘queda’ como expressão da relação memória & esquecimento

Neste capítulo proponho desenvolver em tópicos as imagens que levantei, uma a uma, e depois então relacioná-las a fim de analisar como elas expressam os jogos de memória e esquecimento. Tendo-as como foco central da pesquisa, detendo-me mais em analisá-las do que teorizar sobre memória e esquecimento por si só. Isso porque entre falar de memória e esquecimento tomando as imagens para fundamentar sua relação e, falar das imagens baseando-as na relação de memória e esquecimento quando necessário, optei por esta segunda forma.

Dentro disso, após discuti-las no diálogo com as fontes, eu as relacionarei. Deste modo, deixo claro que foi pensando os jogos de memória e esquecimento na construção das imagens na imprensa brasileira, que pontualmente cruzo com um veículo da imprensa alemã, a revista *Deutschland*, e por levar em consideração os sujeitos que viveram essa história efetuei alguns diálogos (entrevistas) com três pessoas que viveram a experiência do pós-queda do muro de Berlim na Alemanha. Assim cabe então esclarecer que considero o depoimento delas como fonte de análise histórica, onde essas imagens aparecem apropriadas e reelaboradas por cada um e que trazem a riqueza de detalhes que nunca encontraremos nos livros ou expressões que nunca acharemos ou perceberemos nos escritos.

Busco desenvolver as imagens com base na utilização de diversas fontes como revistas, matérias que circulam na Internet, depoimento de pessoas com experiências relacionadas ao assunto, para através de percepções e análises tramadas em torno deste tema, e como resultado da busca do objetivo essencial desta pesquisa, problematizar a forma de expressão da memória e do esquecimento: as imagens mentais e quais são as imagens da queda do muro, que são imagens de memória e imagens de esquecimento que se inter-relacionam.

É justamente por isso que se faz tão importante cruzar as imagens que levantei na imprensa com o depoimento de pessoas que viveram essas experiências, para perceber como isso circula, se as pessoas se identificam com essas imagens, e como elas são incorporadas e apropriadas. Visto que as memórias e esquecimentos referentes à queda do muro de Berlim são expressas por imagens que são gestadas e geridas pela imprensa, mas

não só por ela. As imagens não são prontas, pois a imprensa é muito mais que uma vitrine, e essas imagens de memórias & esquecimentos existem porque pessoas viveram tais acontecimentos, e tendo possibilidades de ouvi-las, isso enriquece a presente análise, e assim foge-se da abstração de uma discussão restritamente teórica acerca de memória e do esquecimento.

As fontes selecionadas foram a revista *Veja*, a *Deutschland* – que possui uma versão portuguesa que circula no Brasil – e a *Folha de S. Paulo*, bem como artigos pontuais do canal de tv alemão *Deutsche Welle on-line*, a fim de ver se circulam e como circulam essas imagens na internet.

Isso porque devemos considerar que não falando as fontes por si só devem ser questionadas e também cruzadas com outras fontes a fim de “fazê-las falar”, o silêncio e os posicionamentos dos meios de comunicação em que tais imagens apareceram foram também considerados.

Ao pesquisar como vem aparecendo a reunificação após a queda do muro de Berlim, ao longo dos quinze anos que vão de 1989 a 2004, nos meios de comunicação de massa em geral, fui percebendo como a imprensa brasileira e a imprensa alemã, de modo geral, foram construindo imagens comuns em torno do interesse dispensado à Alemanha pós-Muro. São imagens suscitadas e/ou soterradas de acordo com a intenção de administrar ora uma memória que lhe seja favorável, ora um esquecimento que interesse a seus objetivos.

Assim sendo o período estudado parte do momento imediato da queda do muro de Berlim, visando perceber como se encontra a Alemanha a partir de então nas representações intelecto-afetivas, frente a duas sociedades iguais e diferentes, ou melhor, desiguais, mas combinadas²⁴, desiguais nas condições e modos de vida, e combinadas pela reunificação que não une, mas faz conviver no mesmo território sob uma constituição única, que não contempla a todos, e com uma insólita missão de “Reconstrução da Alemanha do Leste”, ou mesmo “reconstrução da unidade alemã”.

Essas imagens produzem tanto um esquecimento quanto uma memória de um passado nazista, da divisão do país, da experiência comunista; umas visam esquecer, outras visam lembrar, porém há sempre uma memória em potencial para o que é almejado

²⁴ A expressão “desigual, mas combinado”, foi utilizada por SCHWARZ, Roberto. *As Idéias jora do lugar*. In: *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Editora Duas Cidades. 2ª ed, 1981. p. 13-25. Aqui utilizei as mesmas palavras, mas em sentido que eu imprimi dentro da construção de uma monografia sobre as imagens construídas no pós-queda do muro de Berlim e não tem nenhuma relação com o contexto em que a frase original se insere no estudo do Brasil.

esquecer, bem como há sempre um esquecimento em potencial para a memória difundida, ambos podem ser a qualquer momento acionados e esses são os jogos. É mesmo um jogo, pois enquanto uns querem lembrar a união, isso visa esquecer a divisão, e esquecer a divisão é lembrar a união. Outros querem lembrar a divisão o que visa esquecer a união, que é justamente lembrar a divisão, o que é aparentemente um contra-senso. Mas, não é, porque isto está inscrito na dinâmica que informa a relação memória&esquecimento, duo inseparável, mecanismo ambivalente.

Nós lembramos reconstruindo e dando novos sentidos e significados naquele momento, isso é atualizar, rememoramos assim. Deste modo, algumas imagens decorrentes da queda do muro de Berlim estão muitas vezes atreladas ao repensar o futuro da esquerda, ao pipocar esta discussão na sociedade pós-muro, os posicionamentos políticos, se a “queda do muro” representava mesmo um fracasso do comunismo, ou o fim das utopias. Os sentidos se relacionam com o que estava acontecendo na época, que influenciava os interesses que, por sua vez, configuravam os jogos de memória e esquecimento.

Questiono aqui quais imagens estão sendo reproduzidas socialmente através da colaboração dos mecanismos de comunicação. Algumas imagens se destacaram pela frequência, intensidade e forma com que vêm sendo veiculadas.

As principais imagens encontradas nesta busca, levantadas e ampliadas na pesquisa atual, as quais desenvolverei a seguir, são: a “Alemanha una” ou “Alemanha unida”, “A Nova Alemanha”, “Mauer in der Kopf”/“Muro nas cabeças”, “Wessis X Ossis” e “Alemanha Manchada”. Além destas, trabalho sucintamente a imagem da Alemanha Reconstruída, imagem que perpassa toda a discussão do pós-Segunda-Guerra e do pós-‘queda’. Estas imagens compõem uma relação dinâmica de memória e esquecimento em sua ambivalência e na relação umas com as outras. Elas permitem que memória e esquecimento sejam *“operacionalizados e atualizados”*.²⁵

Quando falo em gestação e gerência é para falar que essas imagens são construídas e utilizadas, que são elaboração e cumprem uma função, que são re-enquadradas de acordo com o momento, situação, lugar, tempo, interesse em vigor, valores em disputa, de acordo com os acontecimentos, de acordo com o presente no qual elas são suscitadas, não no sentido de manipuladas como se as pessoas fossem controladas por elas sem participar, mas no sentido de que são administradas e as pessoas se apropriam delas, e as re-elaboram,

²⁵ SEIXAS, Jacy A. *Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaimco*. In: Gutierrez, H.; Naxara, M.; Lopes, M.A.S., *Fronteiras, paisagens, personagens, idemidades*, São Paulo: Olho d’Água, 2003, p.136.

reconstruindo-nas o tempo todo. Portanto, como já discutido, *gestação* fala de gerar, de formar e *gerência* de gerir, administrar.

Não são propriamente imagens do muro de Berlim, são imagens construídas ao longo dos anos que se seguem à queda do muro de Berlim, pós-1989. Com base nisto este trabalho busca perceber as imagens presentes na imprensa, nos discursos, na memória e no esquecimento da queda do muro de Berlim, a fim de compreender as transformações históricas após esse acontecimento, partindo do marco instituído da “queda” do muro em 1989, até um outro momento mais atual dessas relações, que era o meu presente quando fiz o recorte cronológico de minha pesquisa, ano de 2004, momento este onde se pode perceber as imagens re-arranjadas nos vários cerimoniais e eventos comemorativos da “reunificação” alemã.

As imagens privilegiadas serão desenvolvidas mais detalhadamente nos tópicos que se seguem.

I - “A Alemanha una” ou “A Alemanha unida”

A partir de 1989, com a abertura das fronteiras entre as duas Alemanhas, a Deutsche Demokratik Republik – República Democrática Alemã e a Bundesrepublik Deutschland – República Federal da Alemanha, a imagem da festa, do reencontro dos alemães, corre o mundo. A notícia da “queda do muro de Berlim” se espalha rapidamente e a partir daí a imprensa brasileira, de modo geral, começa a construir e reproduzir a imagem de que *agora* a Alemanha era uma só: o que chamo de construção da imagem da Alemanha Una.

“Tema da reunificação da Alemanha entra na ordem do dia... Nós somos e vamos continuar sendo uma única nação... renascimento de uma Alemanha única... as duas Alemanhas encontram-se hoje num estágio adiantado na estrada que as leva de volta ao passado. Que as leva ao que sempre foram até a derrota do nazismo: um país, não dois”²⁶.

Este trecho apresenta uma contradição em termos: se a Alemanha é uma e não duas, então não precisava renascer, está renascendo de que? Justamente da experiência comunista, ou da Guerra Fria que a dividiu, movimento de memória e esquecimento. Na minha reflexão as imagens da “Alemanha Nova e Una” vêm quase sempre juntas para cumprir uma função. A expressão usada para a abertura do muro de Berlim além de ser sempre a derrota do comunismo -- “a queda” -- é a do esboroamento, ou seja, redução ao

²⁶ *Veja*. 15 de Novembro de 1989. Internacional. *Já raiou a liberdade*. p. 139.

pó, é o que se quer implementar, pois o pó em pequena quantidade não é visto, percebido ou lembrado.

“O muro de Berlim cai com festa, aplausos e champanhe, marcando o fim da Europa dividida do pós-guerra e o início de uma nova era de surpresas. O marco do século XX foi derrubado, ...uma mudança histórica numa única noite”²⁷

“A Alemanha, nossa pátria, está sendo unificada depois de quarenta anos amargos de divisão, proclamou emocionado, o primeiro ministro da nova Alemanha Helmut Kohl”²⁸

“Eu foi pouco depois, uns dois meses depois, do caída do Muro, eu fui. Ahn, porque todo mundo foi pra lá, não tinha nem como ir, ahn, porque era um, era um circo né? Era um.... Você falou que mostrou na televisão, imagina lá na Alemanha era 24 horas, num parava entender? Só via, só tinha festa, só pulando em cima de muro, sei lá o quê? Era uma loucura, policial abraça policial que era inimigo 24 horas antes.”²⁹

Diversas manchetes propagam pelo mundo uma nova e forte imagem no ano de 1989: a volta da unidade alemã, enquanto significação da “queda do muro” de Berlim. *Esta é uma imagem totalmente positivada, de festa, da Alemanha Una e da Nova.*

Ao mesmo tempo em que mostra a grande derrota do comunismo e a grande satisfação com a suposta ‘vitória do capitalismo’, a revista mostra em poucos trechos as permanências, as pessoas querendo defender que a euforia passaria, que as pessoas defenderiam sua cultura e que iam lá só para visitar parentes, mas que queriam voltar para suas casas do lado “comunista”, do lado oriental. Mas, os termos não são expressos tão claramente assim, tenta-se ignorar uma cultura comunista. E muitas vezes se refere à Alemanha oriental como a “outra” Alemanha. No clima da abertura, o capitalismo aparecia como detentor e provedor da liberdade; assim: *“Todas as fronteiras estavam abertas e o Deutschland über Alles foi substituído pelo Freiheit über Alles, Liberdade acima de tudo”³⁰.*

O governo oriental pouco antes da queda do muro já vinha reconhecendo as necessidades de reformas, de estimular o mercado, de regulamentar as associações, a

²⁷ Veja, 15 de Novembro de 1989. Internacional. *Já raiou a liberdade*. p. 130.

²⁸ Veja, 22 de Novembro de 1989. Internacional. *Liquidado o Muro*. p. 58.

²⁹ Fala de Andreas Schuch, Alemão nascido em 15 de Fevereiro de 1970, de Alge, Baden Württemberg. Empresário do ramo de entretenimentos. Atualmente mora no Brasil. Sua mãe era berlinense oriental e fugiu para o lado ocidental um ano antes da construção do muro de Berlim em 1961. Tinha 19 anos quando caiu o muro de Berlim. Chegou a ir na Alemanha Oriental quando ainda era a oriental e ocidental, dividido em lados. Entrevista realizada em Uberlândia/MG em 2007, concedida a Neubiana Silva Beilke.

³⁰ Veja, 15 de Novembro de 1989. Internacional. *Já raiou a liberdade*. p. 133.

liberdade de imprensa, garantir eleições livres, gerais e democráticas com voto secreto. A revista *Veja* fala como se os alemães orientais tivessem abandonado tudo no lado oriental para ir comemorar ou ir embora para o lado ocidental, “O muro de Berlim não divide mais os berlinenses ... Um mundo novo aguarda os visitantes ... ‘Para mim é como se eu estivesse em outro planeta’...Depois de tudo o que aconteceu esta noite, não pode haver um retrocesso”³¹. Ao mesmo tempo em que reconhece um medo, um momento de incertezas quanto ao futuro das Alemanhas, mesmo já anunciando sua unidade, mesmo proclamando que uma *Nova Alemanha* surgia. Nessa época, o espaço que a revista dá a este assunto é grande, são várias páginas noticiando o tema.

Veja refere-se às vezes à “Alemanha reunificada”, mas a maioria das vezes se refere à “essa Alemanha Única”. De acordo com o primeiro-ministro italiano Giulio Andreotti: “Existem dois Estados alemães, e eles precisam continuar a ser dois Estados”³², aparece em um pequeno trecho de uma série de reportagem comemorativa da década de 80, mas as raras vezes em que aparece uma oposição em relação à unificação é atribuída ao medo da Alemanha unida virar uma grande potência. Talvez a Alemanha dividida fosse mais interessante aos países vizinhos. Fica parecendo que são sempre as oposições políticas, os opositores à Alemanha, ou seja, os países vizinhos e temerosos dos novos rumos da Europa, que não querem a união; nesse caso, é um italiano que retoma a questão da divisão, na mesma edição da revista *Veja*.

Assim a imagem da Alemanha Unida dissemina a memória da reunificação enquanto convive com a bem menos freqüente imagem da Alemanha dividida, que pressupõe a imagem de esquecimento. Deste modo, se fala da oposição, mas, sobretudo por questões políticas e econômicas e não por diferenças culturais ou permanências comunistas e preocupações por conflitos entre os alemães. Até as propagandas e publicidades na *Veja* desta época são repletas da idéia do novo, nova década, ‘nova era na história que será vivida com muita emoção’, como foi a queda do muro.

No ano da queda (1989), a revista escreveu muito sobre isso e difundiu muito essas imagens. Com o passar do tempo, os conflitos aparecendo cada vez mais, a revista foi silenciando. A imagem da Alemanha una ou unida foi disseminada com grande freqüência durante os 4 primeiros anos de reunificação, quando os problemas começam a falar mais alto e a aparência de homogeneidade começa a ser desconstruída e questionada. Os

³¹ *Veja*, 15 de Novembro de 1989. Internacional. *Já raiou a liberdade*, p.135-136.

³² *Veja*, 31 de Dezembro de 1989. *A paz toma jôlego*. Especial Anos 80, p. 139-140

intelectuais, por exemplo, começam a questionar “o *quão* ocidental será, na verdade, essa Alemanha unida?”³³

*“Com a unificação política, a Alemanha Oriental simplesmente deixou de existir como um passe de mágica. É o primeiro caso na História moderna, de um país que desaparece do mapa, guarda sua bandeira na gaveta, fecha suas embaixadas e recolhe a plaqueta que identificava os lugares de seus representantes nas Nações Unidas – tudo isso sem que um único tiro tenha sido disparado”*³⁴.

A reportagem, que será citada a seguir, retoma os acontecimentos de 1989 no ano de 1990, ao invés de falar como foi esse um ano “sem muro”. A partir disso podemos analisar que há uma data delimitada para lembrar, as pessoas convivem com a reunificação todos os dias, mas há só um dia no ano reservado para lembrar e todos os outros para se esquecer. A lembrança fica bem apagada perto da quantidade de esquecimento da divisão que é gestada através da imagem da Alemanha Unida.

No sentido de pensar como era propagada apenas a memória que interessava lembrar, e como através dessas imagens a memória e o esquecimento eram administrados, cabe a fala da doutora Vera Lúcia Franco, que estava na Alemanha após dois anos de reunificação oficial:

*“Eu via pouca televisão. Mas me lembro sim de ver no jornal alguma coisa sobre a unificação, mas era como se sempre tivesse sido uma Alemanha, como se a divisão nunca tivesse acontecido”*³⁵.

A imagem da “Alemanha unida” parte da afirmação de união, de aglutinação de algo, que pressupõe uma multiplicidade, ou uma dualidade contrária ao que é uma, ou pressupõe separação, desunião, porque agora é unida, superando uma condição anterior que não era a união. Essa imagem é reiterada muitas vezes, acompanha da expressão ou palavra ‘agora,’ em anteposição a uma situação de divisão: a Alemanha unida quer afirmar forças que juntas trabalham em prol de algo comum a ambas as partes, como se houvesse uma união das diferenças para o bem comum. Indicando uma memória voluntária no sentido de apregoar que a Alemanha está ou é unida, como forma de afirmar que deve se

³³ DAHRENDORF, Ralf. *Após 1989*. Moral, Revolução e Sociedade Civil. Trad. Patricia Zimbre. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1997. p. 242

³⁴ Veja, 10 de Outubro de 1990. *A noite da utopia*, p. 59.

³⁵ Vera Lúcia Franco. Professora é Coordenadora da Engenharia Mecânica da UFU, a qual teve papel fundamental na implantação do curso de Mecatrônica na UFU. Estudou em Berlim em 1992, apenas dois anos após a reunificação oficial. Fez doutorado com bolsa, durante 4 anos, e participou da “reconstrução do leste”.

esquecer a divisão política e ideológica, bem como as diferenças culturais em prol de uma unidade alemã.

Difunde-se que caíra por terra todo um complexo sistema de disputa de poder que forjava uma divisão de algo que antes era uno. Daí pode-se considerar tanto a expressão “Alemanha una” - dando a idéia de haver um só corpus social - quanto “Alemanha unida”, pois ambas são correlatas e expressam essa imagem da unidade, da união de duas sociedades diferentes, pois viveram 28 anos divididas pelo muro, em duas concepções e modos de vida diversos.

Mas essa imagem de memória liga-se a uma imagem de esquecimento, pois pressupõe considerar que ela é a atualização de uma condição anterior em que a Alemanha se encontrava dividida, essa imagem cria a sensação de singularidade: o que antes era dois estados, agora seria uma Alemanha, pois suas partes estariam finalmente juntas; expressando assim a unidade e divisão em si mesma, pois ao mesmo tempo em que gesta uma memória da Alemanha que seria unida, pressupõe uma separação anterior, o que precisa estar unido é o que é passível de ser ou estar separado. Deste modo, trata-se de uma imagem ambivalente³⁶, visto que ela expressa memória e esquecimento simultaneamente, ao passo que constitui uma única situação, em uma imagem está contido esses dois movimentos instituintes e dinâmicos. É a memória da Alemanha Unida gerindo o esquecimento de uma Alemanha dividida. E a memória da Alemanha dividida em conflito com a imagem da Alemanha Unida.

Apesar das transformações que vão ocorrendo na Alemanha pós-muro e dos problemas impossíveis de serem ignorados, ela permanece, mas vai ser contradita, questionada, entrar em conflito com outras imagens, e, portanto, com outras memórias e esquecimentos. Mais tarde, em 2004, Peter Richter³⁷ vai nos lembrar: “*As manchetes dos jornais eram: ‘Berlinenses orientais dançaram a noite toda na Kurfürstendamm’, ‘Berlim é novamente Berlim’, ‘Estamos Unidos!’*”.

Essa imagem da Alemanha Una começa a se transformar e ser contradita ao longo da década de 90. Na revista *Deutschland*, por exemplo, se fala em unidade desigual e se procura pensar, no momento de se comemorar os 10 anos de ‘unidade alemã’, como os

³⁶ A noção de ambivalência, que se faz importante aqui para não polarizar as relações de memória e esquecimento e contribuir para o estudo que faço dessa dinâmica, é uma noção desenvolvida com maior profundidade em: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999. Obra que tem seu objeto próprio, pensada sobre condições próprias, mas que relaciono ao meu presente trabalho a fim de dar suporte para as idéias que desenvolvo.

³⁷ RICHTER, Peter. *Opiniões. Experiências no Oeste*. Reportagem especial de comemoração dos 15 anos da Queda do Muro de Berlim. *Deutschland Magazine*. Frankfurt am Main. n. 4. p. 23-25. Agosto/Setembro, 2004.

alemães do Leste e do Oeste assimilaram a unificação. Roger von Weck fala de uma difícil aproximação, questiona como os alemães se confrontaram com o desafio de viver em união, questiona se, de fato, a Alemanha teria encontrado “uma nova unidade”³⁸, se a unidade interior já aconteceu e se a Alemanha ainda é um país com duas culturas.

De forma similar, em reportagem de comemoração dos 10 anos da queda do muro, o jornal *Folha de S. Paulo* discute, num caderno especial intitulado “Alemanha pós-muro”, até que ponto são únicos ou não os anseios de alemães orientais e ocidentais. Citando o âncora da TV alemã Andreas Gottesleben: “*A unificação não trouxe a vontade unificada. A coisa só vai melhorar com todos trabalhando juntos. Se não for assim, o que fazer? Construir o muro de novo?*”³⁹.

Embora sempre nos aniversários da queda do muro e da reunificação sejam ativadas e atualizadas as imagens da união. Como, por exemplo, o canal alemão on-line Deutsche Welle:

*“Alemanha é reunificada após 41 anos de divisão. Era o fim da Guerra Fria. A RDA abriu suas fronteiras, milhares de pessoas se aglomeravam nos postos fronteiriços de Berlim dividida. O primeiro buraco feito no Muro de Berlim fez desabar o sistema socialista europeu por completo. Após essa noite, não houve possibilidade de retorno.”*⁴⁰

Neste ponto já aparece com mais frequência os conflitos do processo de reunificação, a imagem da Alemanha Una é retomada, começa a ser questionada, mas a unificação em si não é discutida, a imagem da Alemanha Una convive em tensão com outras imagens, exprimindo o conflito do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido.

O *Deutsche Welle* hem como a revista alemã *Deutschland* – assim como a imprensa brasileira, aqui abordada através de matérias da revista *Veja* e do jornal *Folha de S. Paulo* – sempre noticiavam a “queda” do muro de Berlim como união de duas Alemanhas.

Em 2004, na edição comemorativa, a revista *Deutschland* afirma: “*O final feliz dessa Guerra Fria e o milagre da queda do Muro de Berlim parecem de vez em quando*

³⁸ WECK, Roger Von. *Zehn Jahre Einheit*. Deutschland Magazine. Frankfurt am Main. n.4.. st.39-46, August/September, 2000.

³⁹ ROSSI, Clóvis. “*Alemanha conduz União Europeia com cautela*”. *Folha de São Paulo*. Especial, do conselho editorial. 04 de Nov. 1999. p. 3.

⁴⁰ Deutsche Welle, *O fim da divisão alemã*. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift 05 de Novembro de 2003 Disponível em: <www.dw-world.de >. Acesso em 03. Out. 2004.

estar infinitamente longe de nós”⁴¹. Trata-se de uma série de reportagens em que se discute quais experiências trocaram entre si o Leste e o Oeste depois da queda do Muro.

O filósofo Jürgen Habermas, dialogando com Michnik, em 1993, sobre o tema “Superando o passado”⁴², vai falar de suas perspectivas em relação ao ano de 1989, a queda do muro de Berlim e a unificação alemã, discutindo a existência de uma expectativa anterior a tal acontecimento a respeito da unificação das ‘duas Alemanhas’, colocando o quanto de surpresa haveria nisto. Ou seja, quatro anos depois da reunificação ainda se discutia suas expectativas e surpresas, visto que estavam diante de um momento de agudas transformações, pois duas partes diferentes passavam agora a re-construir o uno. Mas, de fato, havia duas concepções de mundo que agora passariam por uma operação de soma, só que isso não se daria de forma palatável, visto que uma teria que deglutir a outra, mas as incompatibilidades entre o objeto e a garganta iriam também deflagrar conflitos entre memória e esquecimento.

As incompatibilidades acima referidas são, melhor dizendo, a relação de convivência conflituosa do que é diferença cultural e desigualdade social, pois para que a Alemanha oriental fosse absorvida pela ocidental seria preciso diluir todo um modo de pensar, de viver, construído no processo histórico de uma experiência socialista que a Alemanha oriental viveu. Deste modo, ao mesmo tempo em que haveria um esforço em propagar as imagens de memória da Alemanha una, reunificada, haveria a contradição expressa nas imagens de memória da Alemanha tendo o ‘muro nas cabeças’, dos wessis versus ossis, ao mesmo tempo com a validade de constituírem imagens de esquecimento, pois enfatizar a memória da ‘Alemanha reunificada’ é pressupor que fora anteriormente dissociada. Aqui fica implícita podendo ser retomada a qualquer instante pela memória, a imagem de esquecimento da ‘Alemanha dividida’ ou a imagem ambivalente de memória & esquecimento: A Alemanha una/ As duas Alemanhas.

Habermas diz ter ficado surpreso, como a maioria dos alemães, pois estava diante de uma novidade meio que imposta, embora se reconheça a pressão social em prol da reunificação e o fruto dessas lutas. Quando esteve na Alemanha Oriental pela primeira vez - verão de 1988 - diz que o estado mental das pessoas era “desesperador, cínica e sem uma

⁴¹ RICHTER, Peter. *Opiniões. Experiências no Oeste*. Reportagem especial de comemoração dos 15 anos da Queda do Muro de Berlim. Deutschland Magazine. Frankfurt am Main. n. 4. Agosto/Setembro, 2004. p. 23.

⁴² HABERMAS, Jürgen ; MICHIK, Adam. *Superando o Passado*. in: O mundo depois da queda. Emir Sader (org.). São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 383-401.

perspectiva de esperança”. O que é uma visão diferente da que o filme *Adeus Lênin*⁴³ [2003] passa no sentido de mostrar pessoas que pareciam contentes e se reconheciam naquela maneira de viver. Mas, o sistema poderia ser pensado como muito desgastado já àquela altura, pressionado pela conjuntura internacional desfavorável e pelas contradições internas.

Habermas coloca que, quando da existência de uma Alemanha dividida, havia um slogan que foi alterado conforme interesses ocidentais e insatisfações em relação a um brado que existia no senso-comum “... *inicialmente se gritava ‘Nós somos o povo’ e depois ‘Nós somos um só povo’*”⁴⁴. Ou seja, outrora o povo era constituído por apenas um dos lados, uma das Alemanhas, o que é re-arranjado de forma que passa a ser parte desse mesmo povo dois lados; agora alemão-ocidental e alemão-oriental constituíam um (só) povo.

Entretanto ele mesmo assume o distanciamento existente entre as realidades alemãs ocidental e oriental: “... *sou um alemão ocidental e não tenho um conhecimento intuitivo da experiência dos alemães do Leste*”⁴⁵. Apontando assim as diferenças culturais -- de organização de modos de vida, vivência, criação (forma de coerção social por parte dos pais), pensamento, postura e ideologias -- dos dois lados como se fossem realmente povos ou países diferentes, mas que agora estariam sob uma tutela comum.

Em relação à reunificação, em um trecho de *A Questão Alemã*, Vamireh Chacon informa que: “*a Alemanha Ocidental nunca reconheceu a divisão da Alemanha, ao contrário da Oriental que, na sua primeira Constituição, proclamava a existência de dois Estados, porém uma só nação alemã*”⁴⁶. Ou seja, o Ocidente chegou a ponto de negar o fato do país ter se dividido de fato, a fim de desconstruir a memória da divisão produzindo e gerindo um esquecimento através de uma memória do território enquanto constituinte de um só país e uma só nação. Constituindo em si uma imagem de memória e de esquecimento, podemos ver através destas expressões que ao mesmo tempo em que se quer instituir uma memória de uma só Alemanha, isto é feito em detrimento da divisão que se quer apagada, ou seja, é uma imagem de esquecimento ao negar a divisão, ao tentar apagá-la e ao não reconhecê-la, haja vista que “*a Alemanha Ocidental negava-se até a ter uma constituição, preferindo uma Lei Fundamental, enquanto as Alemanhas não estivessem*

⁴³ *ADEUS LÊNIN*. Wolfgang Becker. Alemanha, X-filme Creative Pool GMBH. Bavária Filme Internacional, 2003, 117 min. NTSC, son., cinematográfico. legendas LK-Tei Video.

⁴⁴ HABERMAS, Jürgen ; MICHIK, Adam. *Superando o Passado*. in: O mundo depois da queda. Emir Sader (org.). São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 383-401.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ CHACON, Vamireh. *A Questão Alemã*. São Paulo: Editora Scipione, 1992. p. 58.

reunificadas”⁴⁷, mas reunificada sob sua coerção, nos moldes do seu sistema de governo ocidental.

Em relação a esse não reconhecimento da divisão alemã é muito significativo a fala do alemão Andreas Schuch:

*“Ninguém assim, duvidou que um dia poderia ser junto um dia, ninguém assim acreditava muito, mas a política alemã era sempre assim, nunca reconheceu a Alemanha Oriental como um país, sempre falou que a gente é junto, a nossa parte, o deles não, ah, só assim, na idéia, até nos livros de lei tá escrevindo bem claro: a idéia é juntar a Alemanha de novo, um dia, e depois chegou o grande político russo, o Gorbachov, que simplesmente liberou, era uma coisa muito impressionante...”*⁴⁸

Atualmente diversas fontes e reflexões apontam para uma unificação alemã apenas oficial, que não teria sido consumada na sociedade, na esfera da cultura, problematizando essa idéia de uma Alemanha unida. Como, por exemplo, as reportagens de Weck⁴⁹ questionando “*como os alemães do Leste e do Oeste do país assimilaram a unificação?*”, quando da comemoração dos dez anos de unidade alemã coloca-se o questionamento de até que ponto se teve uma efetiva integração alemã durante esta década de Alemanha unida, não seria uma ‘Unidade Desigual?’, ou apenas uma unificação formal, protocolada pelas convenções políticas, visto que o processo da unificação interna ainda não estaria concluído, mas em que medida poderia sê-lo? Weck questiona se “*a Alemanha unida continua sendo um produto de fabricação mal acabado*”, levando-nos a pensar até que ponto houve uma verdadeira integração, um reconhecimento comum, ou uma conjunção de interesses recíprocos entre leste e oeste.

Em relação à queda do Muro de Berlim juntamente com um dever de memória, dever de lembrar que houve uma separação física, social e cultural da capital alemã, há um dever de lembrar que a Alemanha foi reunificada, mas até que ponto há interesses políticos que ditam esse “direito de lembrar” a Alemanha como “uma”, enquanto vivencia conflitos cotidianos entre os “Ossis” e “Wessis”? Até que ponto são manifestos os descontentamentos com a imposição de leis para que impostos sejam pagos para a

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Fala de Andreas Schuch. Alemão nascido em 15. Fevereiro de 1970, de Alge, BadenWuerttemberg. Empresário do ramo de entretenimentos. Atualmente mora no Brasil. Tinha 19 anos quando caiu o muro de Berlim. Chegou a ir na Alemanha Oriental quando ainda era a oriental e ocidental, dividido em lados. Entrevista realizada em Uberlândia/MG em 2007. Entrevista concedida a Neubiana Silva Beilke.

⁴⁹ WECK, Roger Von. *Zehn Jahre Einheit*. Deutschland Magazine. Frankfurt am Main. n.4.. st.39-46. August/September. 2000.

“reconstrução” da “antiga” Alemanha Oriental e não estaria também aí sendo reconstruída a memória desses relevantes episódios?

Segundo Cristina Soreanu Pecequillo, houve um momento inicial de grande euforia e otimismo devido à queda do muro, do comunismo. Após a confrontação Leste/Oeste se seguiu uma “paz” mundial que representava o nascimento de uma nova ordem atual onde vigoraria a cooperação.

Ela reconhece a euforia, o suposto fim do medo que os outros países tinham de uma guerra sempre iminente. Acredito que sua análise vem colaborar com a idéia de que naquela época surgia a imagem da Nova Alemanha, reunida e não mais bélica, de que havia um consenso em direção à construção de um mundo unido.

Justamente quando acredito que começam a surgir contestações da unidade alemã, ela corrobora dizendo que: *“Assim, em 1992 e 1993 entramos na fase pessimista do pós-Guerra Fria onde acumularam-se tentativas de contestar e transformar a ordem ocidental que supunha-se intocável”*⁵⁰.

Embora não dê mais para pensar as transformações históricas como fases que se sucedem, percebo que alguns órgãos da imprensa já começam a destacar a contestação dessa paz pós-muro, dessa harmonia da reunificação, já não é mais a festa dos 3 ou 4 primeiros anos seguintes à queda do muro e à reunificação oficial que é com mais frequência propagada, mesmo que se insista em reproduzir permanentemente a imagem da Alemanha Unida como símbolo da vitória do capitalismo, como se fosse um vencedor imune ou invicto. Isso começa a co-existir com imagens de conflito que vão surgindo, como as imagens seguintes: a dos “Wessis versus Ossis” e a do *Mauer in der Kopf*, o muro nas cabeças.

Seguindo o raciocínio de Pecequillo, apesar da supremacia capitalista a partir de 1989, não há uma homogeneização em torno de um referencial único. Acredito que após a queda do muro de Berlim passamos a viver momentos e condições diferenciadas, mas não necessariamente novas, pois o novo cria a sensação ou ilusão do inédito visando uma sobreposição do velho, do que veio ou se tinha antes, gesta o esquecimento do antes desse novo e sabemos que nada sofre uma queda do dia para noite. Não é possível romper, quebrar, sem deixar seqüelas, resquícios, ressentimentos, memórias. Existem as permanências, não dá para construir um esquecimento sem construir também e ao mesmo tempo uma memória. O fim da aparente divisão Leste/Oeste não representou o

⁵⁰ PECEQUILLO, Cristina Soreanu. *A transição do pós-Guerra Fria*. NUPRI. 1999. p. 1 e 2. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 24/09/2007.

desaparecimento das diferenças. E o fim da divisão territorial não quer dizer conseqüentemente o fim de divisões ideológicas ou uma unidade.

Devemos refletir em que medida há projetos políticos que influenciam diretamente na construção da idéia de uma Alemanha única, que oficialmente foi unificada, mas que é questionada por suas próprias contradições, por vezes, devido à diversidade cultural e, ao contrário do que matizam, uma desunião em sua população, distanciando seus sujeitos.

Neste sentido, de mostrar como a imagem da Alemanha Una expressa a memória da reunificação ao mesmo tempo em que lembra a imagem de esquecimento da divisão, podemos citar a fala de um alemão, que viveu e vive a experiência da Alemanha reunificada:

“Ich persönlich bin die später. Finde ist besser kein mauerlich. Ein Deutschland keine Zwei. Zwei Deutschland sind der “unwirklich...” Ich sehe wie ein Deutschland. Ich finde ist Besser. Ich mag ist mehr ein Deutschland. Gesetzlich nicht zwei, aber personen sagen die Mauer ist wiederholen... Vielen personen möchten nicht ein Deutschland. Möchten zwei Deutschland”⁵¹

[Eu pessoalmente sou o atrasado. Acho que é melhor sem muro. Uma Alemanha e não duas. Duas Alemanhas é “irreal...”. Eu vejo como uma Alemanha. Eu acho que é melhor. Eu gosto mais de uma Alemanha. Legalmente não é duas, mas as pessoas dizem que o muro está de volta... muitas pessoas não gostam de uma Alemanha, gostam de duas Alemanhas.] (Tradução nossa).

As fontes trabalhadas trazem relatos de alemães orientais e ocidentais, que ao reportarem sua opinião, seu sentimento quanto à reunificação, constantemente destacam o aspecto econômico como alterações desagradáveis em seus modos de vida, denunciam também uma junção coercitiva de culturas diversas, integrando ao invés de unificar. A RDA teria de fato incorporado os elementos ocidentais e teria que se adaptar ao outro sistema estabelecido, mas união implica em uma junção de ambas as partes, e duas partes significam que há dois modos diferentes de pensar, viver e organizar o mundo. Mas, então, haveria a necessidade pelo menos em uma certa porção ou medida de que ambas partes incorporassem elementos uma da outra e que ambas as partes abrissem mão,

⁵¹ Fala de Paul Gerd. 29 Dez. 1971. 36 Jahre Alt. Ganzmechaniker. Automechaniker. Insheim. Nach von Mannheim. 36 Anos de idade, mecânica completa/mecânico de carros. É de Insheim, perto de Mannheim. Ele tinha 18 anos quando o muro caiu. Entrevista realizada em Überlândia, dia 24 de Março de 2006 concedida a Neubiana Silva Beilke. Ele falou isso ao ser perguntado: Wie sehen Sie Deutschland der Zeit im, was es die Mauer von Berlin gab? Wie sehen Sie heute jetzt Deutschland? Como você vê a Alemanha da época em que havia o muro de Berlim? Como você vê a Alemanha hoje, atualmente? – é importante observar que a expressão “sind der unwirklich...”, poderia também ter sido traduzida como “são a irrealidade”, mas como a palavra ‘irrealidade’ não é muito comum em português, preferi colocar a expressão “é irreal”.

apropriando-se de elementos uma da outra, de seus pressupostos para formar uma terceira coisa, talvez até houvesse mesmo uma reconstrução de valores, de concepções, pois este é um complexo processo de adaptação, pois grandes barreiras ideológicas se forjaram, mas devemos considerar que os “outros” do outro lado do muro não são mais os mesmos, são novos, novos alemães, por isso as diferenças se contrastam na tentativa de restabelecer múltiplas relações de convivência e de mais uma vez “reconstrução da nação”. Aliás, há muito mais que dois lados, pois o social é diverso.

Nesse sentido, conforme as imagens construídas, que acredito estar presentes no filme *Adeus Lênin*, haveria uma rápida absorção da RDA, rapidamente tomada e trabalhada para ser alterada e não deixar lembranças nem na arquitetura do que foi a experiência socialista na Alemanha. Embora eu reconheça as permanências, é claro e evidente o quanto é maior, e, portanto desigual, a escala em que a Alemanha Oriental absorveu, e teve que absorver, práticas alemãs-ocidentais.

Percebe-se, entre muitos alemães, na relação entre duas realidades diferentes, um choque e um conflito entre a saudade da segurança perdida e o desejo da liberdade incerta. Nessa perspectiva teria se tornado insuportável o contraste entre a diversidade social e a tentativa de equiparação baseada no ideal de democracia.

II - A “Nova Alemanha”

*“... chegamos à reunificação sem guerra nem revolução sangrenta,
e com a aceitação dos países vizinhos; esta é a mensagem da
Alemanha de hoje, uma mensagem de paz”⁵².
[Helmut Kohl, 1990]*

Juntamente com a Alemanha Unida, por volta de 1989 e nos primeiros anos de reunificação aparece a imagem da Nova Alemanha, que diferente da imagem anterior, é questionada, mas não chega a ser uma contradição, diante da imagem dos conflitos entre Wessis e Ossis. Mas mesmo com os problemas da Alemanha pós-muro, ela continua sendo ativada e sempre é atualizada, seja a Nova Alemanha, que é reunificada, ‘sem muro’, seja Nova porque não é mais nazista, porque quer apagar ‘as manchas do passado’, seja porque faz parte da ONU, da OTAN, seja porque se integra a União Européia, enfim a partir de 1989 a imagem que se constrói da Alemanha reunificada é a imagem da Nova, como se a história da Alemanha fosse recomeçar dali em diante:

⁵² KOHL, Helmut. Apud. CHACON, Vamirch. *A Questão Alemã*. São Paulo: Editora Scipione. 1992. p. 61.

“Uma era acabou em Berlim na semana passada. Uma nova situação mundial nasceu. É possível, no entanto, afirmar que um formidável problema histórico está prestes a iniciar a nova era – o problema do renascimento da nação alemã, da reunificação da Alemanha”⁵³.

Este era um momento de incertezas, pois antes a bipolaridade era vista como definição de posições, alinhamento, estabilidade. As imagens do Novo e da União entrelaçadas são usadas muitas vezes: O nascimento do Novo e o casamento dos lados, em meio a incertezas.

“Na queda do Muro de Berlim, o fim espantoso de uma era. Com um curto decreto determinando a abertura de todas as suas fronteiras, a Alemanha Oriental torna obsoleta a barreira erguida contra o Ocidente e provoca o maior abalo já visto na ordem do pós-guerra”⁵⁴.

Uma era termina e outra recomeça, a reunificação visa estabelecer um fim oficial, mas será que é possível terminar tudo assim com um decreto, sob o pretexto democrático? A nova Alemanha é uma imagem construída a partir da Alemanha una, é a Alemanha pacífica, símbolo do fim de uma Guerra Fria, desarmada, como se tudo tivesse se resolvido com diplomacia. Em várias manchetes, fala de personagens, matérias e entrevistas veiculadas na imprensa brasileira a idéia que é colocada, é do surgimento de uma nova Alemanha, e isso vai edificar a imagem que se forma da Alemanha a partir da queda do muro: *“O velho começa a dar lugar ao novo... Agora, sem utopias salvadoras do comunismo começam a surgir outras formas de governo diferentes de tudo o que veio antes”⁵⁵.*

O novo é memória e esquecimento que se constrói da reunificação, que se gere a partir de então, pois constrói o esquecimento da divisão, da velha Alemanha derrotada e nazista. A nova Alemanha é a memória que interessa, como se fosse possível deixar tudo para trás, o que está em gestão é uma nova memória e um novo esquecimento, já não é mais da Alemanha Dividida, pois é uma nova década e uma nova Alemanha, conforme vem divulgando a imprensa. Outros sintomas disso seria expressões do tipo: *“O sistema não funciona. Temos que começar tudo de novo”⁵⁶*, recomeçar é esquecer o velho, isso tudo dentro de um ambiente de comemoração da derrota do socialismo, pois com o fim da

⁵³ Veja, 31 De Dezembro de 1989. *Já raiou a liberdade*. Anos 80 p. 131

⁵⁴ Veja, 15 de Novembro de 1989. *Internacional*, p. 130.

⁵⁵ Veja, 31 de Dezembro de 1989. *Comunismo, adeus*. Anos 80. p. 109

⁵⁶ Veja, 31 de Dezembro de 1989. *A paz toma jôlego*. Anos 80. p. 107

Guerra Fria estaria surgindo uma “*Uma nova ordem internacional*”⁵⁷, a partir de uma outra ordem que se queria esquecer.

*“A nova Alemanha vai ter que se esforçar para corresponder às expectativas que está despertando pelo mundo afora. Ao se tornar de novo um só, o país reconquistou o direito à plena soberania”*⁵⁸.

No ano de 1989 a Veja coloca seu ‘ponto de vista’ a partir de uma matéria do presidente da Editora Abril, editor e diretor da revista Veja, Victor Civita que fala do “*desafio da nova década*” para um Brasil que acabara de eleger Fernando Collor como Presidente, que disputou com Lula, ele fez analogia ao muro de Berlim com supostos muros que existem no Brasil, sendo um deles a pobreza, por exemplo, “*tarefa dos brasileiros de fazer nascer um novo Brasil*”, assim como na Alemanha se falava em construir uma Nova Alemanha”. Ele começa o artigo falando da queda do muro de Berlim:

*“É difícil avaliar equilibradamente o significado de um momento específico. Mas não há dúvida de que estamos atravessando um maremoto de modificações que já prenuncia uma nova era. É inegável que estamos vivendo um clima de absoluta liberdade”*⁵⁹.

Este artigo mostra a posição da veja, que defende o liberalismo e exalta a proposta de governo de Collor defendendo “*o livre fluxo de investimentos e capitais traz prosperidade a todos os cantos*”, elogia Collor como se fosse o caminho da modernidade, fala que “*precisamos de menos ideologia e mais resultados*”⁶⁰.

Um ano após a queda do Muro, diante da reunificação oficial do 03 de Outubro, novamente a imprensa brasileira propaga a Nova Alemanha:

*“bem onde antes corria o muro de concreto que assinalava ostensivamente as fronteiras de um mundo dividido pela Guerra Fria. Exatamente à meia-noite, com pontualidade germânica, a festa começou. Fogos de artifício iluminaram o céu de Berlim, enquanto sinos repicaram no país inteiro, anunciando uma nova Alemanha – unida, livre e soberana”*⁶¹.

Percebemos então a construção de uma imagem mental poderosa: a de uma nova Alemanha, ou a Alemanha de hoje, que pressupõe um entendimento de que agora se é contrário a tudo o que se afirmava antes, como que se expressasse que a Alemanha atual

⁵⁷ Idem. p. 132.

⁵⁸ Veja, 15 de Novembro de 1989. *Nova nação alemã*. p. 60

⁵⁹ Veja, 31 de Dezembro de 1989. *O desafio da Nova Década*. Seção Ponto de Vista. Última página.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Veja de 10 de Outubro de 1990. *Sem a euforia da queda do Muro, os alemães vão as ruas brindar à vida nova no país unificado*. p. 58.

que não é mais a Alemanha de Hitler, é o que fica subentendido, muitas vezes essa imagem é concretizada a partir de políticas governamentais de imigração, de turismo, de “promoção social”, de eventos e de propaganda e de tentativas forçadas de naturalizar as diferenças entre leste e oeste alemão.

A Alemanha de ontem, a socialista, a dividida, a murada, rachada ao meio, polarizada pela Guerra Fria, ou retomando até a nazista, é uma imagem que se quer esquecer, pois o que as pessoas devem ter em mente agora são as imagens de uma nova Alemanha, reunificada e “sem-preconceitos”.

Terão de ser resolvidas, porém, graves desigualdades entre ambas as Alemanhas. É no mínimo desconfortável pensar que se considera rica ou pobre uma população pelos bens de consumo tanto na quantidade como na variedade de os possuir. O desenvolvimento econômico da Oriental teria ficado “muito atrás” do da Ocidental, era o momento de reconstruir a Alemanha, ou melhor, construir a nova Alemanha.

Essa imagem de memória, expressa intenções em matizar que há uma “Nova Alemanha”, pressupõe que a velha Alemanha seja esquecida. É como se dentro dela, fosse forjada uma outra imagem, uma imagem que operacionaliza o esquecimento, que o gere e administra, da Alemanha que voluntariamente os alemães querem esquecer. Daí que vincula-se essa imagem de memória de uma “Nova Alemanha” com uma imagem de esquecimento da Alemanha “manchada” - uma Alemanha nazista, belicista e genocida -. Essas construções e reconstruções de memórias são para construir e operacionalizar esquecimentos.

Através da revista alemã *Deutschland* podemos considerar que os discursos apontam problemas gerados por crises no sistema capitalista e assinalam para a discussão da busca de soluções para a globalização e, segundo apontamentos apresentados neste meio de comunicação, reconhece-se uma necessidade de se repensar a globalização, criticando sua forma atual, bem como algumas práticas neoliberais, colocando uma necessidade de “inventar outra vez a democracia” para manter a globalização sob o controle democrático, em concordância com a posição do partido no comando do governo alemão, o SPD, defendendo então a social-democracia. Mas pessoas de opiniões diferentes colocam questões diversas em discussão em tal revista, como se pelo fato de ouvir ambos lados, fossemos considerá-la fonte imparcial, mas antes a consideramos parcial e carregada de subjetividades. No Brasil, a revista é divulgada pela Embaixada Alemã – constituindo um material de imprensa alemã em consonância com a direção do Estado e os interesses econômicos e políticos, e sob a bandeira de discutir todos os tipos de

temas, está comprometida a levar informações e ‘a imagem’ da Alemanha por diversos países, se formatando com os contornos do governo vigente.

Podemos perceber as várias implementações de políticas que visam edificar uma imagem nova do país, priorizando a disseminação de um imaginário em construção de algo favorável a sua ideologia, pois sempre há interesses em jogo e os acontecimentos têm nos mostrado o quanto tem sido cara a imagem para o alemão, e há sempre razões para se depreciar tão facilmente a imagem do outro ou construir uma imagem de mal ou ruim, apontando no outro o que se é, imagens fustigadas por interesses de influência ou controle.

Dez anos depois da queda do muro “A nova Alemanha é cautelosa” escreve a *Folha de S. Paulo*, pois toma diferentes medidas em relação ao seu passado a fim de afastar a desconfiança externa, ela conduziria então a União Européia com medidas cautelares. Declara Cooper que: “Desde a guerra, os alemães freqüentemente pareciam desconfiar deles próprios. Davam a impressão de temer que, deixada sem controle, a Alemanha poderia de fato recair em suas tendências anteriores”⁶², necessidade de se auto-afirmar enquanto digna de confiança.

Quanto a algumas políticas governamentais, que procuram gerir a construção de uma nova imagem da Alemanha e, portanto de construir uma memória e um esquecimento, ao mesmo tempo, a fim de atender às instâncias vigentes, a matéria de Gunter Hofmann, na imprensa alemã com divulgação no Brasil, trata da legalização da imigração para a Alemanha, em uma reportagem que intitula “O caminho está aberto”, expondo que seria:

“a primeira vez na Alemanha que a imigração é regulamentada por uma Lei... sendo uma moderna política de integração e um direito de asilo melhorado, através da qual, que entrará em vigor no começo de 2005, será reconhecido oficialmente, pela primeira vez, que a Alemanha é um país de imigração, assentando-se a integração como tarefa legal”⁶³.

Ou seja, na nova Alemanha o estrangeiro não é mais ‘malvindo’, o não-preconceito contra os diferentes estaria presente na abertura de fronteiras e nas saudações de bem-vindo, mas contra essa imagem as experiências dos estrangeiros ao lidar com tentativas efetivas de visto, naturalização e aquisição de passaporte alemão, mesmo para descendentes, contradiz os proclames dessa nova lei da nova Alemanha.

⁶² ROSSI, CLÓVIS. *Alemanha conduz União Européia com cautela*. Folha de São Paulo. Especial, do conselho editorial. 04 de Nov. 1999. p. 3.

⁶³ HOFMANN, Gunter. *Nova autoconsciência alemã*. Deutschland Magazin. Frankfurt am Main. n. 6. Outubro/ Novembro, 2004. p. 6

A consciência nacional alemã também é nova. A reportagem “Nova autoconsciência alemã”, nos conta que diante da 59ª Assembléia Geral da ONU em Nova York, ocorrida em Setembro de 2004, o então ministro das Relações exteriores da Alemanha, Joschka Fischer teria deixado claro o quanto houve, segundo ele, de transformação no papel e na autoconsciência da Alemanha desde as rupturas representadas pela queda do Muro de Berlim, em 1989, e a reunificação oficial em 1990. Sublinha-se assim que a própria forma de pensar do alemão também mudou e agora a nova Alemanha tem uma nova consciência de si mesmo enquanto unidade, pois a queda do muro simbolizou a ruptura com a divisão anterior em leste e oeste.

Há tentativas do Deutsche Zentrale für Tourismus - Central Alemã de Turismo - no sentido de construir uma imagem da Alemanha enquanto um país a ser redescoberto, um país de aventura e de incitar que ‘visitem a Alemanha’, ou ainda que ficar conhecendo a Alemanha de uma nova perspectiva seria “*reconhecer as tendências do tempo, descobrir coisas surpreendentes nos setores da economia, cultura e sociedade*”⁶⁴, ou seja a parte boa precisa ser conhecida porque a parte ruim que já não existiria mais, já é bastante conhecida, a memória de uma Alemanha ruim, uma imagem negativa não interessa, mas a verdadeira Alemanha teria de ser redescoberta, fica clara aqui a gestão de uma imagem de memória sobre o país, no sentido de construir uma nova perspectiva, visto que o olhar sobre a Alemanha também teria de ser novo, de um novo ângulo. Imagem de memória da Alemanha cheia de atrações turísticas e imagem de esquecimento da Alemanha cheia de campos de concentração.

É nesse sentido que a presente pesquisa busca compreender as diversas construções e reconstruções da memória e do esquecimento a fim de pensar as imagens elaboradas desde então pelos diversos grupos coletivos, inclusive os hegemônicos, e pela sociedade em geral, na tentativa de uma reflexão sobre o papel da memória e do esquecimento na configuração política e social alemã. Reconhecendo que a pesquisa aponta para uma necessidade de se pensar a percepção, como as pessoas recebiam e elaboravam essas imagens sendo um desafio posterior pensar como essas imagens são apropriadas.

No Pós 89 vários ícones elaboram previsões e propostas para o rumo em que, em suas teorias, a Alemanha ou a Nova Alemanha deveria seguir. O Leste foi alvo de muitas discussões, despertou muita desconfiança no começo do pós-queda, mas agora é alvo de

⁶⁴ Deutsche Zentrale für Tourismus. 2002.

influência, de interesse, é um mercado de investimentos. “*A reunificação ampliou o campo de atuação da política externa da nova Alemanha*”⁶⁵

A imagem da Nova Alemanha está relacionada a uma *Ostpolitik*, que persiste no pós-queda. São políticas que visam a integração da Europa ocidental e da Europa oriental a fim de uma ampliação da zona atual de poder, de ampliação de mercado e seu fortalecimento.

A Nova Alemanha é uma imagem de memória do que é desejável lembrar relacionada a uma imagem do que se quer esquecer; a Alemanha manchada, visto que há uma impressão de medo que os outros tem dela, pois é possível perceber no diálogo com as fontes a idéia de manutenção da paz, o que é expresso, por exemplo, nas limitações de participação na OTAN, o que revela memórias da Alemanha Manchada.

Então há um revigoramento ou modificação da velha Alemanha em favor da nova Alemanha. Frank Pfetsch fala da política alemã na primeira década de reunificação. “*Os interesses da política externa alemã situariam-se no desaparecimento de falsas projeções sobre a imagem da Alemanha, bem como na política de integração com o Ocidente*”⁶⁶.

Com a reunificação oficial alemã, é disseminada a imagem da Nova Alemanha, que ganha cara e roupagem novas, pois constrói a imagem de um só rosto para a Alemanha, um só povo, o rosto unificado que ela teria agora, e a roupagem das novas políticas, das novas construções, imponentes, a reconstrução da arquitetura, para definir à força uma nova ordem alemã. Mas esses vazios, esses lugares desconstruídos, são memória e esquecimentos, remetem ao que existia antes, são imagens de memória, pois a nova pressupõe a velha, a que veio antes, ao mesmo tempo em que tenta esquecê-la. Assim o que a Nova Alemanha propõe parece ter um gosto artificial, mas faz parte da dinâmica de memória e esquecimento se alternarem, pois existe um conflito de memória. E porque não também de esquecimento? Pois os interesses em lembrar ou esquecer variam e entram em choque uns com os outros. Adoçar o amargo não deixa de ser em sua essência algo amargo, modificado para ser palatável, mas difícil de engolir.

“A Fronteira de concreto ruíu. Passado o choque do reencontro entre alemães ocidentais e orientais e deixada para trás a euforia da transformação da cidade na nova capital do país, Berlim parece

⁶⁵ PFETSCH, Frank R. *A política Externa da Alemanha apos a reunificação*. Rev. Bras. Política. Int. Professor de História das Relações Internacionais da Universidade de Heidelberg. Tradução do original alemão de Solas Leite da Silva. 1997. p. 179. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 24/09/2007.

⁶⁶ Idem. p. 188.

ainda não ter conseguido se livrar dos clichês que impregnaram sua imagem nas últimas décadas”⁶⁷.

É o que publica o Deutsche Welle on-line, em 2002. Novamente a imagem da Nova Alemanha é questionada em 2004: *“O novo país não colava... hoje, 14 anos mais tarde, o país vai percebendo aos poucos que a coisa não é bem assim”⁶⁸.*

Construir uma imagem de memória da Nova Alemanha é possibilitar a construção, ao mesmo tempo, da imagem de esquecimento da velha Alemanha: a Alemanha Dividida. A Nova Alemanha contesta a divisão, mas a lembra, e a imagem da divisão contesta a reunificação, mas a lembra, nessa dinâmica ambas são nova e velha, una e dividida, imagens de memória & esquecimento. A nova Alemanha é essa Alemanha reconstruída, artificial, mas tudo é construção, a Alemanha está se construindo como nós nos construímos constantemente enquanto vivemos.

III – A “Alemanha Reconstruída”

Após a “queda do muro de Berlim” a Alemanha encontrava-se diante de dois mundos diferentes que queria unir, e para isso era preciso liquidar as diferenças, desconstruir a memória da divisão, gestar e gerir um esquecimento da Alemanha Oriental, pois estavam edificando uma nova Alemanha, a Alemanha unida, em vista disso o lado oriental tinha que ser apagado, tinha que entrar nos moldes, assim passa a ser constantemente matizada a idéia de que a Alemanha tinha que ser reconstruída. A Alemanha Ocidental tinha que - a fim de formar a nova nação alemã - ‘reconstruir a arruinada irmã oriental’:

“Alguns elementos da nossa constituição como os direitos femininos e as garantias sociais, poderiam ter sido adotados pela nova Alemanha, reclama Ângela Breitner, uma bibliotecária de Berlim Oriental. O problema é que nada do que vem daqui é considerado bom”⁶⁹.

⁶⁷ VILELA, Soraia. *Sintonia de uma metrópole: O Portão de Brandenburgo em 03 de Agosto de 2002, após dois anos de restauração*. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Deutsche Welle on-line. 09 de Nov. de 2002. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004.

⁶⁸ VILELA, Soraia. *Alemanha. Os 14 anos de uma unidade trôpega*. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Deutsche Welle on-line. 03 Out. 2004. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004.

⁶⁹ Veja, 10 de Outubro de 1990. *Na queda do Muro de Berlim, o fim espantoso de uma era. A noite da utopia* p.59.

Como expressão do conflito de memória presente não só na imagem da Alemanha Reconstruída, mas também de Wessis x Ossis, podemos citar um alemão ocidental que diz:

“Deutschland wird wieder aufgebaut. Ja, aber alles mehr in Osten, bei uns ist immer gleich, bei uns komme nichts. Aber wiedervereinigung hundertprozent nein, fünfzigprozent viele...”⁷⁰

[A Alemanha, está sendo reconstruída. Sim, mas tudo mais no Leste, para nós é sempre igual, para nós não vem nada. Mas reunificada cem por cento não, cinquenta por cento se muito...] (Tradução nossa)

A nossa memória é reconstruída constantemente, o que começou a ser reconstruído depois da queda do muro de Berlim, não foi só a economia, a arquitetura, mas a memória da Alemanha, bem como o esquecimento que se edificava em prol de não se lembrar a Alemanha comunista, oriental, dividida, nazista, derrotada e repartida. Assim considerando que desde o fim da Segunda Guerra Mundial a Alemanha vem vivendo um grande processo de reconstrução de sua memória. É isso que interpreto através das relações históricas e de fontes tais como:

“Talvez tão complicado quanto reconstruir a economia seja o acerto ideológico com o passado dos alemães-orientais e o processo de aproximação entre os dois povos que ainda são estranhos um ao outro, apesar de falar a mesma língua”⁷¹.

Embora a pesquisa busque desenvolver as construções na imprensa brasileira e alemã de imagens relativas a “queda” do muro de Berlim, é preciso considerar a importância das vivências, das recepções e apropriações das pessoas que tiveram experiências de vida na Alemanha pós-reunificação. Dentro disso é sintomático o depoimento da professora doutora Vera Lúcia Franco, que morou e estudou na Alemanha três anos após a ‘queda’ do muro de Berlim, que declara:

“... a gente que vivia na Alemanha desenvolvida, sabia que tínhamos que reconstruir a Alemanha Oriental, mas não sabíamos porque, se falava em reconstruir e só, não se explicava porque reconstruir, havia um silêncio, como se a divisão nunca tivesse existido.... O lado oriental não tinha nada para ensinar, nada foi aproveitado, tudo foi reconstruído pelo lado ocidental, pois no lado

⁷⁰ Fala de Paul Gerd. 29 Dez. 1971. 36 Jahre Alt. Ganzmechaniker. Automechaniker. Insheim. Nach von Mannheim. 36 Anos de idade, mecânica completa/mecânico de carros. É de Insheim, perto de Mannheim. Ele tinha 18 anos quando o muro caiu. Entrevista realizada em Uberlândia, dia 24 de Março de 2006 concedida a Neubiana Silva Beilke.

⁷¹ Idem. p. 59-60

*oriental era tudo atrasado, não tinha nada de bom, era como se Berlim Oriental tivesse parado no tempo e no espaço*⁷².

Ao ser perguntada se ela via muita diferença entre os dois lados da Alemanha, se as diferenças estavam na estrutura física, prédios ou se as pessoas eram diferentes em seu modo de pensar, ela disse que:

*“Sim, quando eu voltei à Alemanha e fui visitar Berlim, a impressão que tive é como se o lado de lá, a antiga Alemanha Oriental, fosse um grande canteiro de obras, tudo estava sendo reconstruindo, havia aqueles guindastes enormes por toda parte”*⁷³.

Não só na imprensa, na tv, nos jornais, nos conteúdos vinculados on-line, também não somente na imprensa alemã, ou brasileira, mas na fala de pessoas que viveram ou tiveram alguma experiência relacionada à reunificação alemã, é possível perceber essas imagens, elas estão arraigadas no senso-comum, elas são partes constituintes do nosso imaginário, justamente porque são memórias, porque são conteúdo e forma de nossas lembranças, as pessoas se apropriam delas, assim como o que as pessoas vivem também é apropriado. Na fala de Vera L. Franco aparece a imagem da reconstrução alemã, que é também uma imagem de esquecimento da divisão alemã, da velha Alemanha.

Dentro disso, ao ser perguntada que imagem ela tem hoje da Alemanha reunificada, ela respondeu que:

*“Uma imagem boa, a meta está sendo cumprida. Eles tinham uma data para que a reunificação terminasse, para que a RDA se integrasse, me parece que eram em 10 anos, mas totalmente unificada nunca será, totalmente não”*⁷⁴.

Com base nisso é possível perceber que não há como existir memória sem existir esquecimento e vice-versa, assim podemos perceber que há um conflito e por isso mesmo uma gestão do que é lembrado e do que é esquecido. A imprensa em geral matiza a imagem com face de memória da Alemanha Unida, e para isso reconstrói a Alemanha e sua memória, mas sua outra face, a do esquecimento de repente vem à tona, a imagem que se quer esquecer; da divisão alemã.

⁷² Vera Lúcia Franco. Professora e Coordenadora da Engenharia Mecânica da UFU, a qual teve papel fundamental na implantação do curso de Mecatrônica na UFU. Estudou em Berlim em 1992, fez doutorado com bolsa, durante 4 anos, sendo apenas três anos após a queda do muro, participou da “reconstrução do leste”. Dialogo travado na Engenharia Mecânica da UFU, na qual Vera Lúcia compõe o corpo docente, em conversa realizada no dia 30 de Outubro de 2006. Ela morou na Alemanha durante 5 anos e seu professor de doutorado trabalhou na “reconstrução”, na implementação dos metrô urbanos na parte oriental.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Ibidem.

A imagem da “Alemanha Reconstruída” é muito freqüente na fala das pessoas, nas reportagens e artigos da imprensa, uma imagem fortemente disseminada num re-arranjo de acordo com os pressupostos capitalistas que desconsidera as edificações da experiência socialista que a Alemanha viveu, assim reconstruir significa re-implantar um padrão nos moldes dos interesses vigentes então, daí esta imagem comporta uma imagem de memória, estabelecendo o que se quer propagar ou “ter em mente”, e também de esquecimento, pois é preciso refazer a Alemanha que se quer esquecer, para evitar a referência, a lembrança. Neste sentido, a fala de Vera Lúcia é importante quando diz “*É como se a Alemanha, principalmente Berlim Oriental, fosse um grande canteiro de obras, tudo estava em obras, tudo estava sendo reconstruído, porque a outra Alemanha parou no tempo e no espaço*”⁷⁵.

Essas representações constituem imagens de memória e esquecimento, há um só tempo, numa relação dinâmica, pois se prioriza disseminar e afirmar uma memória em detrimento de algo que se quer esquecer ou ainda, disseminar uma imagem de esquecimento do que não se quer lembrar, do que se quer esquecer em detrimento de uma lembrança a ser submersa. No momento acredito que não é a Alemanha em si que está sendo reconstruída, mas a memória e o esquecimento - do que significou, de maneira mais ampla, a queda do socialismo - é que são reconstruídos e operacionalizados no presente.

Em decorrência das metas de reunificação, projetadas para se completar ao fim de dez anos, começou-se um intenso processo de reconstrução, pois ‘era preciso’:

*“destruir velhas estruturas e construir novas, com despesas incalculáveis, para que fosse superada a decadência social e transformada a exaurida economia dos cinco novos estados em uma livre economia de mercado”*⁷⁶.

Aqui cruza-se a imagem da Nova Alemanha com a Alemanha Reconstruída, pois para se obter uma Alemanha diferente daquela pretendida, era preciso construir uma nova, era preciso reformá-la e dar para ela uma nova fachada. Assim as edificações não se restringiram às construções físicas, à reestruturação da economia, mas a todo um aparato de propaganda, projetos governamentais, produção em todas as áreas do conhecimento, arquitetura, urbanismo e etc. Enfim a Alemanha estava sendo reconstruída nos parâmetros do sistema capitalista, considerado como o vencedor da Guerra Fria, e de acordo com as políticas que eram implementadas.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ KOHL, Helmut. Apud. CHACON, Vamireh. *A Questão Alemã*. São Paulo: Editora Scipione. 1992.p.66.

Como coloca Edgar Reitz é importante pensarmos como a reconstrução da arquitetura de Berlim, transformando prédios e fachadas ‘antigos’, visa produzir um esquecimento sobre o que foi a Alemanha oriental e soviética. Neste sentido é expressivo o comentário desse cineasta alemão - que dirigiu o filme “Heimat” - que trata de como vive a sociedade alemã do momento da queda do muro em diante:

“Hoje, não se encontra mais nada da RDA, nenhuma rua, nenhum prédio. Nada é mais como era antes. As cidades na Alemanha Oriental transformaram-se mais que qualquer outra coisa na Europa. Treze anos depois, não foi mais possível uma única tomada de cena. Tudo é cinematográfico”⁷⁷.

Só que essa reconstrução não é só física, mas também ideológica, sendo que esses dois aspectos vão contribuir para a produção de imagens da Alemanha pós-muro, visto que a unidade do país era edificada, reconstruída.

Deste modo, para se reconstruir a Alemanha pós-muro, era preciso desconstruir a outra Alemanha, para administrar uma memória é preciso construir um esquecimento.

Neste sentido, após 14 anos de reunificação, a reportagem do *Deutsche Welle On-line*, por sua correspondente Soraia Vilela, também questiona esta reconstrução alemã:

“O grande tropeço da reunificação talvez tenha sido o de querer passar rapidamente uma borracha no passado dos alemães orientais, devorando tudo o que o Leste tinha, devorando a vida deles até então, suas experiências, sua auto-estima, sua indústria, os velhos ideais, a antiga elite oriental, os colaboradores oficiais e não oficiais do Stasi, os políticos dos primeiros momentos após a reunificação. O maquinário ocidental devorou o orgulho e a segurança das pessoas, devorou aquilo que era ruim, mas também aquilo que era bom na antiga Alemanha Oriental”⁷⁸.

Devemos reconhecer que de fato foram muito rápidas as transformações vividas na Alemanha após o início do processo de reunificação, e também no mundo, quando a autora fala que estava se passando uma borracha no passado, isso nos ajuda a compreender como o esquecimento estava sendo gestado e gerido, tudo era desconstruído rapidamente, a experiência da divisão, do comunismo, da Alemanha oriental, era uma memória indesejável e, portanto rapidamente a arquitetura, a economia, as idéias e enfim, a cultura, estavam sendo transformadas.

⁷⁷ REITZ, Edgar. *Sentimentos*. Deutschland Magazine. Frankfurt am Main. n.4. Agosto/Setembro, 2004. p.14-17.

⁷⁸ VILELA, Soraia. Alemanha. *Os 14 anos de uma unidade trópega*. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Deutsche Welle on-line. 03 Out. 2004. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004. Na leitura que Soraia Vilela faz do Süddeutsche Zeitung SDZ.

O problema é que não dá para apagar, essa borracha não dá conta das marcas indeléveis. O esquecimento convive com a memória, se alternam, disputam espaço, mas coexistem. Havia uma sociedade alemã-oriental e toda sua complexidade que persistia, nem tudo e nem todo mundo é passível de ser enquadrado, e estes também querem produzir, reconstruir e administrar suas memórias.

Da imagem da Alemanha Reconstruída, podemos dizer que a memória da Alemanha está sendo reconstruída, o tempo todo e também o esquecimento tanto do que querem, quanto do que não querem lembrar, tanto do que querem e não querem esquecer.

A matéria acima discute também a questão da nostalgia de reclamar o desaparecimento rápido dos pedaços do muro, o que foi uma forma de gestar um esquecimento do muro, pois sua memória colocaria em dúvida sua ‘queda’, visto que ele vai aparecer em outro lugar, instituído como patrimônio histórico da Humanidade. O muro convém mais na lista do que na lembrança das pessoas.

A matéria “*O Muro: Patrimônio da Humanidade? Turistas visitam o pouco que restou do Muro de Berlim*”⁷⁹ apresenta a discussão da constituição do muro de Berlim como Patrimônio da Humanidade, dos restos do muro que virou turismo, onde novamente Soraia Vilela discute a questão da reconstrução do leste alemão:

*“Nada mais é original. Um cenário que não dá mais pistas sobre o que um dia foi Berlim Ocidental ou Oriental. Mas ainda bem que até o vazio tem um valor para o patrimônio histórico, para a história. Até hoje as duas metades da cidade continuam claramente desligadas uma da outra diz Schmidt ao Die Zeit”*⁸⁰.

Assim a Alemanha reunificada, às voltas com seus problemas, aparece em 2003 como teatro, cenário, réplica. Onde nada seria autêntico. Tudo é construído, destruído ou reconstruído conforme os interesses, o que implica em uma gestão da memória e do esquecimento. Agora, 14 anos depois da queda e 13 após a reunificação oficial, a Alemanha Unida aparece como uma criação cinematográfica.

“Dividida durante décadas, Berlim já foi um canteiro de obras e um laboratório de transição. E agora, 13 anos depois da queda do Muro, irá transformar-se numa vitrine do que se procura vender como o life style do novo milênio? ...não deixou o menor vestígio do espaço abandonado e gelido do início dos anos 90. Pós-queda do Muro, muita coisa ali aconteceu, em uma tentativa de transformar a história em vitrine, ou melhor, de soterrar a história, transformando

⁷⁹ VILELA, Soraia. Alemanha. *O Muro: Patrimônio da Humanidade?* Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Deutsche Welle on-line. 18 Ago 2003. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004.

⁸⁰ Idem.

a história em vitrine, ou melhor, de soterrar a história, transformando-a em um imóvel bem cotado no mercado. Reconstrução Econômica”⁸¹.

Não acredito que seja possível soterrar a história, mesmo porque são justamente estas tentativas de silêncio, de apagar, de sobrepujar, ou “soterrar” como cita o artigo, que nos fazem elaborar problemáticas e questionar o presente e o passado. A reconstrução da Alemanha com a queda do muro de Berlim se deu também numa mudança da economia planificada, da estatização dos meios de produção para uma abertura do comércio, privatizações, cada vez mais neoliberal. E como a Alemanha Oriental foi integrada à Alemanha Ocidental que já era uma economia de mercado, então o jeito de viver das pessoas vem de fato se alterando, mas falar em vitrine dá uma impressão estática, como se as pessoas não participassem dessa construção, como se fosse apenas moldados à ela.

Aqui também vemos como ao longo dos anos e em todos os âmbitos a imagem que se tem da Alemanha pós-reunificação é de uma Alemanha Reconstruída, que é uma imagem simultaneamente de memória e esquecimento, pois se refez diante de uma Alemanha que já havia sido construída. Ela lembra o que se tinha antes da reconstrução, a Alemanha dividida, mas a face em foco é a de esquecimento, pois a reconstrução, na prática, tenta banir tudo que traga justamente esta Alemanha de antes da reconstrução, ou melhor, das Alemanhas, uma reconstruindo a outra, pois embora as fontes dêem a idéia de que era a RFA reconstruindo a antiga RDA, na verdade a queda do muro de Berlim, inevitavelmente, implicou que a República Federal da Alemanha também tivesse que se re-arranjar, que se reconstruir. A Alemanha Oriental também mudou a Alemanha Ocidental, também a reconstruiu.

Em 2003, um assunto muito discutido na imprensa alemã, que tem circulado pela internet, e que indica essa questão da reconstrução alemã pós-muro, é o debate acerca de se construir um paredão verde onde era o muro, embora possa remeter ao que tinha ali antes, - o próprio muro - , tenta substituir a paisagem, colocar outra coisa no lugar, substituindo a Streifen des Todes pela Streifen Grüner: uma faixa verde no lugar da cortina de Ferro, ou melhor, a faixa da morte substituída pela faixa verde, suposta preocupação com o meio ambiente, mas através destas construções vemos como a relação com a memória se altera, olhar e ver um bosque onde antes era o muro, é claro que contribui para o esquecimento

⁸¹ VILEVA, Soraia. *Sintonia de uma metrópole: O Portão de Brandenburgo em 03/10/2002, após dois anos de restauração*. Deutsche Welle on line. 09 Nov 2002. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004.

dele. Assim há uma gestão da memória para submeter a um esquecimento desejado, pois a memória e o esquecimento precisam um do outro.

Mas esses monumentos da divisão são também marcas, estão ali para lembrar, gestar memórias, são memória e esquecimento da divisão e da reunificação ao mesmo tempo. No entanto, o paredão verde cria uma imagem mais amena da divisão. Uma sensação menos dolorosa, pois faz a desconstrução da imagem da morte para uma imagem do verde, do belo, da natureza:

“A antiga ‘faixa da morte’ que separava as duas Alemanhas é hoje um cinturão verde que abriga inúmeras espécies vegetais e animais. Um monumento natural foi inaugurado nesta quarta-feira (19) no ponto central dos quase 1400 quilômetros, pelo ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachov”⁸².

Nesse jogo, as imagens, como a imagem da Alemanha reconstruída, são uma forma de expressão e de gestão da memória e do esquecimento. É como se a faixa verde fosse capaz de superar as lembranças ruins, como se a natureza com sua beleza, naturalmente apagasse as marcas que o muro deixou:

“Inaugurar um monumento natural que simboliza a superação da divisão e ressalta a riqueza da natureza que ali pôde se desenvolver ao longo das décadas”⁸³.

O Deutsche Welle segue produzindo vários artigos que tocam ainda na reconstrução da indústria, pois a indústria oriental desapareceu, foi revitalizada e reconstruída. Questiona agora após 13, 14, e 15 anos de reunificação que as mudanças foram bruscas, contribuindo assim para a gestão do esquecimento diante da memória sempre revitalizada, e por isso viva, da Alemanha de antes, da Alemanha dividida em duas, do comunismo alemão, do nazismo, da derrota da segunda guerra mundial e etc, tentando distanciá-las cada vez mais para que o muro seja visto apenas como uma ‘antiga fronteira’.

No ano de 2002, como durante toda a década de 90, desde a época da queda do muro, em 1989, até hoje esta imagem da Alemanha reconstruída é muito presente, na comunicação social e nos meios de comunicação em geral, pois a Alemanha uma era justamente a reconstruída, a fim de se tornar a nova Alemanha. E, atualmente, junto com os questionamentos de que essa unidade tem sido conflituosa, aparecem nos apontamentos os problemas dessa reconstrução forçada, pois a mentalidade dos alemães não é possível

⁸² VILEVA, Soraia. *Monumento natural marca antiga fronteira interalema*. Deutsche Welle on-line. 19 Jun 2002. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Disponível em: < [www. dw-world.de](http://www.dw-world.de) > . Acesso em: 03 Out. 2004.

⁸³ Idem

reconstruir, reconstroem elementos culturais, mas não as culturas, mesmo que estas se transformem e as novas gerações cresçam na Alemanha reunificada, crescem em meio a esses conflitos da reconstrução alemã.

Devemos lembrar que para reconstruir economicamente a Alemanha Oriental foi preciso desconstruir a arquitetura que tinha um significado para as pessoas, os direitos trabalhistas das mulheres que o Estado garantia, a estabilidade nos empregos, e toda uma forma de vida, tanto é que para essa reconstrução econômica foi preciso que os Alemães Ocidentais pagassem um imposto⁸⁴ do qual reclamavam justamente pela alteração de suas condições de vida.

IV - “Mauer in der Kopf” ou “Muro nas cabeças”

Investigando como a revista Veja e outros órgãos de imprensa divulgavam a queda do muro de Berlim e os anos de sua comemoração, pude perceber que ao longo desses 15 anos, mais por volta de 1994 a maneira que esse assunto é colocado começa a mudar, já não é mais a imagem da Alemanha Una ou da Nova Alemanha que está em alta, outra imagem ganha a cena, começa a ser difundida a imagem de uma Alemanha ainda dividida, que ainda vive o muro, mesmo não o vendo fisicamente. Neste momento já se percebe que este assunto só é conteúdo de reportagens quando chega o mês de Outubro, por causa do 3 de Outubro que é a data da comemoração da reunificação oficial, e em Novembro porque no dia 9 se comemora o aniversário de queda do muro. Embora seja notável, que nem sempre é nos dois meses que a revista Veja traz reportagens, às vezes é só em Outubro, as vezes só em Novembro, o número de vezes que a revista aborda este assunto tem sido cada vez menor. Embora hoje se fale de uma divisão social e não de unidade e euforia como nos primeiros anos, em que era quase a revista inteira sobre o assunto, mesmo porque naquele momento era importante enfatizar a derrota do socialismo, hoje a esquerda já se reorganizou, hoje ela já não contradiz tanto assim os interesses capitalistas, hoje já não se tem essas divisões tão definidas, mas há uma multiplicidade de interesses que migram a todo momento, então a imagem que aparece é que há permanências, que a divisão não desapareceu sem deixar pistas como as reportagens no mundo todo da época da queda do muro poderiam fazer crer.

O “Mauer in der Kopf” ou “muro nas cabeças” é uma imagem que expressa a memória da divisão alemã entre Alemanha oriental e Alemanha ocidental, é uma imagem

⁸⁴ Solidarität Zuschlage, imposto pago até hoje.

de esquecimento da reunificação, pois ressalta a memória da divisão. A imagem do “Mauer in der Kopf” retoma, rememora a existência do muro na vida dos alemães, nos indica que é muito mais que um muro de concreto é um muro na alma alemã, é muito mais que um símbolo da Guerra Fria. Esta imagem atualiza a memória do muro ao passo que gere um esquecimento do seu contraponto; da reunificação, ela conflita com as outras imagens como, por exemplo, a imagem da nova Alemanha, que indica uma Alemanha sem muro sendo que o muro nas cabeças indica que não é tão nova assim, pois existe um elemento de permanência, ele ainda está ali.

Esta é uma imagem da história do presente, na situação atual, ela retoma algo passado e o atualiza no presente, dando novas características de acordo com a situação, no presente a memória é reconstruída com novos sentidos e significados, pois é assim que rememoramos. Assim disseminar imagens constrói sentidos, e a imagem do Mauer in der Kopf, retoma a memória da existência do muro.

“Um pedaço do Muro vem abaixo: ‘agora, temos de derrubar os muros aqui dentro...Os muros do lado de fora caíram. Agora, precisamos derrubar os muros que continuam aqui mesmo’”⁸⁵.

A imagem do Mauer in der Kopf está relacionada a uma discussão da possibilidade de se ter o “muro de volta”, justamente porque ele permanece ali, por mais que o fato de sua queda, seu fim, tenha sido noticiado, porque a sociedade alemã não consegue esquecer, não dá para apagar todo um imaginário social, de culturas diferentes vivendo e se relacionando conflituosamente sob o que antes fora representado por uma única bandeira. O “muro nas cabeças” é uma imagem fortemente de memória trazendo a situação que se quer esquecer, o muro, a divisão, justamente porque se quer lembrar, pois houve mudanças bruscas, significativas alterações na realidade alemã, ou seja, os Wessis e Ossis, são alemães diferentes, alemães com muro. Esta é uma imagem de memória, de volta do que supostamente acabou, de expressão de conflito, de contradição da suposta homogeneidade que a Alemanha unida viveria, ela faz esquecer a união, ela lembra a divisão, ela reativa e revitaliza a memória do muro.

Esta é uma imagem de afirmação da divisão, por estar viva a memória do que aconteceu, imagem de memória da Alemanha comunista, separada em um lado ocidental e outro oriental, memória do muro. Imagem de esquecimento da queda do muro de Berlim e da reunificação. Imagem de memória da Alemanha dividida, para os alemães que manifestam suas insatisfações diante das contradições e alterações violentas em suas vidas

⁸⁵ Veja, 22 de Novembro de 1989. *liquidando o Muro*. Internacional p. 106-107.

devido à reunificação. Indica que não é tão fácil assim esquecer, lembra que a “queda” do muro ainda não se processou, pois ele ainda está de pé, na memória, na alma, nas cabeças.

Poderíamos localizar a imagem do Mauer in der Kopf como tendo aparecido principalmente na época das comemorações dos 10 anos de unidade alemã [1999], já que para o poder instituído no país, um governo social-democrata, seria conveniente disseminar uma imagem de esquecimento da divisão alemã, ao mesmo tempo em que representa o contrário para uma significativa parcela da sociedade alemã, visto que o governo e as políticas da social-democracia alemã querem justamente reconstruir a memória da união, da Alemanha unida superando e se sobrepondo à imagem de uma divisão por muros, sejam eles nas cabeças e almas ou nas arquiteturas e engenharias, ainda existentes nos espaços físicos e nos imaginários sociais.

Devemos considerar que se refere a uma década, de uma geração que compreende fases importantes na vida das pessoas, em seus desenvolvimentos e vivências, pois se emancipam, ganham maioridade etc, ou seja, vivem transformações em suas vidas durante esse complexo processo de reunificação alemã, o que é constantemente questionado na imprensa atualmente, e isso aparece principalmente na época das comemorações, desta forma, o muro é freqüentemente trazido à tona pelos jogos de memória e esquecimento.

No início de Novembro de 1999, uma forte imagem aparece como manchete de um jornal de grande circulação: a *Folha de S. Paulo* citava “*Um em cada Cinco Alemães quer a volta do Muro de Berlim*”, uma imagem bem diferente da disseminada em 1989: a imagem da unidade - agora era contraditória e apresentava uma idéia diferente, a própria imprensa que se diz imparcial é a mesma que muda de posição de acordo com o momento. Ou seja, dez anos depois as diferenças vão compor uma outra imagem da reunificação alemã, uma imagem não mais de união, mas de desunião apontando para um clima de contrastes, de conflitos e de descontentamentos, de diferenças, expressando e reconstruindo memórias e esquecimentos.

A *Folha de São Paulo* traz reportagens de intelectuais como Peter Burke e de jornalistas como Clóvis Rossi. “*É difícil a destruição de muros invisíveis*”⁸⁶. A imagem de que a “*divisão continua na cabeça*”⁸⁷ e “*ex-comunistas se fortalecem*”⁸⁸. Contribuindo

⁸⁶ BURKE, Peter. *É difícil a destruição de Muros Invisíveis*. Folha de S. Paulo. São Paulo. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. São Paulo. 4 de Nov. de 1999. p.2.

⁸⁷ BITTENCOURT, Sílvia. *Divisão continua na cabeça*. Folha de São Paulo. São Paulo. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro 04 Nov. 1999. p. 4 -5.

⁸⁸ BITTENCOURT, Sílvia. *Ex-comunistas se fortalecem*. Folha de São Paulo. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. Especial de Berlim. 04 Nov. 1999. p. 6.

assim para a construção da imagem de memória & esquecimento do muro nas cabeças ou ‘muro psicológico’.

Aos 15 anos da queda do muro de Berlim, é reafirmada a imagem do Mauer in der Kopf nas palavras de um alemão chamado Hans-Joachim Maaz: a “*Divisão invisível continua*”⁸⁹, a Alemanha festeja uma década e meia de reintegração, mas nem tudo é novidade na capital Berlim; “símbolo das mudanças”, segundo o alemão. O projeto de saneamento urbano visa dar uma cara nova ao bairro de Berlim que é símbolo da Alemanha reunificada, houve uma grande reforma urbana a fim de integrar prédios da era comunista à modernidade. Ao ler a matéria a impressão que fica é a de que o jornal retoma o muro apenas como algo curioso, como mais um roteiro turístico, um lugar que desperta curiosidade de visitantes, como se a ex-Alemanha oriental fosse exótica. A queda do muro de Berlim é lembrada como um evento turístico, é a sensação que dá.

Do lado oriental também há muita insatisfação e é dos próprios alemães que provém a frase da reportagem principal do jornal “*Wir wollen unsere Mauer wieder*” - “*nós queremos nosso muro de volta*”. O dado de que 1 em cada 5 alemães quer a volta do Muro de Berlim é de um instituto berlinense, o FORSA, com o intuito de saber o que “*pensam os alemães de si mesmo, do país e de seus vizinhos*”⁹⁰. Considerando que foram ponderadas a somatória das opiniões incluindo leste e oeste alemão, e que trata-se de constatações baseadas no quantitativismo, em elementos estanques não dando conta da complexidade social, é difícil julgar a vontade dos alemães, mas isso indica que o muro de Berlim é bem presente, a sua memória está aí, viva e convivendo com o desejo de esquecimento do muro. A pesquisa citada indica também que a grande maioria dos alemães avaliam a integração entre leste e oeste como pouca ou nenhuma.

Em 2004 logo após o aniversário dos 15 anos da queda do muro, já não é mais um suplemento especial, é um caderno de turismo com 18 páginas repletas de enormes propagandas de pacotes para viagens, sendo que dessas apenas pequenos pedaços de 5 páginas falam da reunificação, mas sem retomar a divisão ou aprofundar nas diferenças, a preocupação é com os euros gastos para a reunificação. Os artigos com exceção da chamativa folha de rosto, todos se espremem entre a publicidade, como se Alemanha fosse mais explorada ali como turismo, do que o assunto da reunificação, como se fosse apenas mais um produto.

⁸⁹ Folha de S. Paulo. 15 anos - *Divisão invisível continua*. Turismo. 25 de Novembro de 2004. p. 3.

⁹⁰ CORRÊA, Silvia & ESCÓSSIA, Fernanda da. *Um em cada Cinco Alemães quer a volta do Muro de Berlim*. Folha de S. Paulo. São Paulo. Caderno Especial: Alemanha pós-muro. 4 de Novembro de 1999. p. 4 -5.

O muro foi rompido enquanto barreira material para a travessia ao outro lado de Berlim, mas não chegou a ir ao chão com toda a sua estrutura que perdurou por 28 anos. Sua representação ainda estaria de pé na alma dos alemães. A Alemanha enquanto uma só é uma colocação disseminada pela imprensa e os meios de comunicação em massa, em geral, porque com o muro caiu o socialismo e a guerra-fria, e teria supostamente caído também a barreira ‘invisível’ da divisão existente entre alemães e alemães. Mas os movimentos de memória e esquecimento vão mostrar que “nas cabeças” o muro ainda existe, que permanece:

“Ahn...ruhig, ahn...ja, aber alle Festa, immer ein Party, Festa...probleme nicht. Probleme ich glaube kein. Nur ahn festa, party, dança. Es war gute, nein probleme. Nur es geht probleme weil ist immer noch wir sind ein Deutschland aber in Kopf der personen sind immer noch zwei Deutschland. Sie hat ein Mauer in der Kopf. Wir sind auch immer noch Osis und Wesis. Und sie sagen immer noch Wesis. Das ist immer noch best, immer gleich. Und das ist nicht gut. Aber probleme gibt es nicht...Die personen sage immer über das oder nein. Alten personen meine Mutter, mein Vater sagen viel woher mehr besser mit zwei Deutschland, mehr besser. Aber nur Alten personen sagen das. Wir jungen personen sagen das nicht. Für uns ist Egal, keine ungleichlich, keine diference. Nur das Geld. Aber Herren...mir ist egal. Meine arbeit hat zwei personen am Osten, Osis, ich habe keine probleme mit er. Wir sind auch menschen, kein ungleich menschen.”⁹¹

[Ahn... tranquilo, ahn... sim, mas era tudo festa, sempre uma festa, festa... problemas não, eu acredito que sem problemas, só ahn festa, party, dança. Foi bom, não problema. Só tinha problema porque é sempre nós sermos uma Alemanha, mas na cabeça das pessoas somos ainda duas Alemanhas. Elas têm um Muro na cabeça. Nós somos também ainda Osis e Wesis. E elas falam ainda Ocidentais. Isto ainda é melhor, sempre igual. E isto não é bom. Mas problema, não tem... As pessoas falam sempre sobre isso ou não. As pessoas velhas minha mãe, meu pai falam muito onde é melhor, com duas Alemanhas, melhor. Mas somente pessoas velhas falam isso. Nós, pessoas jovens, não falamos isso. Para nós é indiferente, sem desigualdade, sem diferença. Só o dinheiro. Mas homens...para mim é indiferente. Meu trabalho tem duas pessoas do Leste, Osis, eu não tenho problema com eles. Nós somos homens também, homens sem diferença.] (Tradução nossa).

⁹¹ Fala de Paul Gerd. 29 Dez. 1971. 36 Jahre Alt. Ganzmechaniker/Automechaniker. Insheim. Nach von Mannheim. 36 Anos de idade, mecânica completa/mecânico de carros. É de Insheim, perto de Mannheim. Ele tinha 18 anos quando o muro caiu. Entrevista realizada em Uberlândia, dia 24 de Março de 2006 concedida a Neubiana Silva Beilke. Ao ser perguntado: Aber was er ruhig? Diese prozess von Wiedervereinigung? Mas era tranquilo? Esse processo de Reunificação?

Voltando às fontes da imprensa, na interpretação de Escóssia e Corrêa, do jornal *Folha de S. Paulo*, os alemães são colocados como “condenados à convivência”, os alemães ocidentais se dizem mais insatisfeitos com os “caminhos da história”, colocação para designar o “rumo” que as coisas foram tomando ou as relações humanas foram tecendo a partir do acontecimento da queda do muro. A reportagem indica que vivenciam situações de conflito com os “outros” alemães, nesse sentido a perspectiva do jornal é tendenciosa por colocar como se os ocidentais estivessem mais descontentes com as mudanças advindas da reunificação alemã, como se o sistema ocidental fosse a melhor opção e como se os orientais (os “comunistas”) lhes atrapalhassem o desenvolvimento, lhes fosse entrave.

O referido texto jornalístico (*Folha de S. Paulo*) dá também a idéia de que os alemães-orientais, supostamente mais satisfeitos com a reunificação, tivessem sido mesmo “libertos” de alguma coisa ou de um julgo sob o qual viviam. Entretanto, os conflitos entre Wessis e Ossis vão mostrar através da discussão da unificação ou integração, que as pessoas podem ou não se reconhecer, pois elaboram constantemente o que vivem, questionando, organizando de outras formas, resistindo e se apropriando.

Escóssia diz que, em setembro de 1989, dois meses antes da queda do muro, apenas 11% dos moradores do Oeste não queriam a reunificação, de acordo com a pesquisa feita na época pela revista alemã ‘Quick’. *“A troca de papéis é o retrato de uma população que está sentindo na pele as vantagens e os percalços da reunificação, que tem faces distintas em cada um dos lados”*⁹². Assim o muro teria diferentes rostos e expressões, visto que diversos fatores presentes na Alemanha reunificada faziam visíveis e expressavam a permanência do muro, ativando sua memória, construindo a imagem do “Mauer in der Kopf”:

*“As diferentes visões de mundo são uma das muitas faces visíveis de um muro cultural, político, social e econômico que está em toda a parte: nas falas, na arquitetura, na qualidade de vida e no mercado de trabalho”*⁹³.

Numa matéria assinada por Silvia Bittencourt, quanto a pensar a divisão psicológica dos alemães devido à divisão, quanto à memória do muro que é reconstruída neste momento, em 1999, nas comemorações dos dez anos após sua queda, construindo uma imagem de que o muro continua nas cabeças, podemos citar que:

⁹² CORRÊA, Silvia & ESCÓSSIA, Fernanda da. *Um em cada Cinco Alemães quer a volta do Muro de Berlim*. Folha de S. Paulo. São Paulo. Caderno Especial: Alemanha pós-muro. 4 de Novembro de 1999.p.4-5.

⁹³ Idem. (Tópico “As facetas do muro”).

“eles próprios são unânimes, para isso ser percebido bastaria uma rápida conversa com berlinenses ocidentais e orientais podendo constatar a existência do chamado comumente de muro nas cabeças”⁹⁴.

A partir disso podemos interpretar que a memória das experiências que os alemães tiveram em dois países diferentes, em realidades opostas, é muito viva, deste modo o “muro nas cabeças” é uma imagem de memória da divisão, da (des)unidade.

Os orientais consideram que ganharam o grande presente da liberdade com a reunificação e agora podem circular (e viajar) livremente entre os dois lados. Mas ainda assim, alguns declararam - à Folha - preferirem morar na Berlim oriental, pois nem todos se adaptam à velocidade do sistema capitalista, e a toda uma formação e construção de uma vida em um sistema tido como a oposição, o outro lado ou à esquerda. É importante considerar que havia maneiras de viver, raízes e opiniões formadas no sistema socialista que não se romperiam com tanta fluidez, pelo menos em relação à mentalidade daquelas pessoas que viveram tais acontecimentos, visto que a unificação de partes desiguais pressuporia um doloroso e longo processo de mudanças para ambas as partes.

Outra novidade imediata para os berlinenses era a possibilidade de consumo e a melhoria da infra-estrutura em Berlim Oriental⁹⁵. O que também não evita desconfortos e dá motivos à frustração, pois é muito relativo: a violência também teria aumentado com a reunificação, e não são todos que se engajam e conseguem empregos, sabemos que muitos serão excluídos nesse processo de ‘redemocratização’ alemã. Assim a reunificação vai aparecer por vezes como a principal responsável pelos males enfrentados no país, mas é também expressão das contradições e carências do próprio sistema. Como aponta Bittencourt: *“Se no seu centro a cidade vive um ‘boom’ econômico e cultural, o mesmo não acontece nos bairros mais pobres, palcos de conflitos sociais”⁹⁶*. Ou seja, embora o jornal reconheça, por propagar tal informação e tais imagens, que há uma distância, uma desigualdade gritante entre os dois lados da Alemanha, devemos tomar cuidado com a noção de atraso, para não cair no jogo do ideal do progresso e do desenvolvimentismo a qualquer preço. Isso gera um descontentamento expresso nos conflitos sociais, nas disputas por espaços, na construção de representações-afetivas, de imagens de memória e esquecimento.

⁹⁴ BITTENCOURT, Silvia. *Divisão continua na cabeça*. Folha de São Paulo. São Paulo. Especial . 04 Nov. 1999. P. 4 -5.

⁹⁵ Conforme percebi através da interpretação de Wolfgang Becker em Adcus Lênin.

⁹⁶ BITTENCOURT, Silvia. *Divisão continua na cabeça*. Folha de São Paulo. São Paulo. Especial . 04 Nov. 1999. P. 4 -5.

Além da imagem do Mauer in der Kopf construir uma imagem de memória da divisão e de esquecimento da união, a idéia da anexação também cumpre esse papel, também contradiz a construção de uma memória de unidade alemã. Os alemães orientais apresentam como sendo eles, os “Ossis”, que tiveram que absorver tudo:

“Os alemães ocidentais não adotaram absolutamente nada dos orientais. Foram os ‘ossies’ que tiveram que absorver tudo, desde instituições até produtos básicos, como caixinhas de fósforo”⁹⁷.

Assim, o que teria ocorrido na experiência desses alemães orientais seria muito mais uma incorporação forçada de vários elementos de uma nova vida sem uma real adaptação e com altos preços a serem pagos pela sociedade alemã, tanto oriental como ocidental. Mas os Ossis se afirmam como muito prejudicados e insatisfeitos com o que consideram ser a dissolução da RDA na RFA. Assim por várias vezes tanto a imprensa alemã quanto a brasileira, - depois de ter passado os 10 anos planejados para o cumprimento da reunificação e não dar mais para negar que ela não aconteceu - , fala em anexação do leste: *“O sr. Concorda que houve uma anexação, como dizem alguns alemães do Leste?”⁹⁸*. Esta pergunta aponta que teria ocorrido mais uma anexação do que uma reunião na Alemanha, desconstruindo a imagem de memória da unidade alemã.

A imprensa desde aí já cristalizou uma representação de que a Alemanha Oriental é que se integrou à Alemanha Ocidental. Ela geriu um esquecimento da experiência socialista na Alemanha oriental e desconsidera a participação dos alemães orientais no processo de reunificação. A fim de construir uma imagem da Alemanha reunificada, a imprensa brasileira omite nos primeiros anos da reunificação oficial, que integração e reunião são coisas bastante distantes na prática:

“Vocês não podem imaginar o que significa para um povo inteiro ter de aprender tudo de novo. A legislação mudou, o direito mudou, os formulários mudaram. Isso fez com que toda a experiência de uma vida ficasse inútil. Porque nesse processo, o professor foi sempre a RFA... ‘wessi’ virou sinônimo de ‘wissen’ [saber melhor]. Então muitos se perguntam se viveram errado. É como se tivéssemos saído do cinema com a sensação de que vimos o filme errado”⁹⁹.

⁹⁷ diz Wagner à *Folha* (04 Nov. 1999) um sociólogo da Escola Superior de Erfurt no Leste.

⁹⁸ CORRÊA, Sílvia; ESCÓSSIA, Fernanda da. *A sensação de ter visto um filme errado*. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. Caderno Especial. 4 de Nov. de 1999. p. 5.

⁹⁹ Idem.

Daí os ex-alemães orientais serem vistos como aqueles que cantam canções antigas, nostálgicas, canções comunistas, mas porque não sabem outras, têm suas raízes, sua formação dentro dessa cultura ou também simplesmente porque optam por tal ideologia.

Bittencourt fala que os wessis também sentem a mudança: “*ao cair o muro, Berlim Ocidental perdeu o status de uma cidade rica em subvenções...*”¹⁰⁰, indicando o quão importante é a imagem que se constrói coletiva e socialmente de algo, pois que o ocidente sempre primou por uma imagem de desenvolvido, de civilizado, de detentor do avanço tecnológico. É ele que constrói o outro, como o diferente de si, o oposto como o arcaico. E ainda: “*por um lado, mega-projetos arquitetônicos parecem apagar resquícios de uma cidade então partida*”¹⁰¹, justamente para construir a imagem de mais que unificada, de uma só Alemanha, de produzir intencionalmente um esquecimento sobre um determinado tempo, reafirmando a memória de uno e sufocando os conflitos inter-alemães.

Ao contrário da imagem da “volta do muro”, Lottar DeMaiziére¹⁰², ex-ministro da ex-Alemanha Oriental (CDU), mesmo reconhecendo que achava que a reunificação seria mais rápida, que não teria seguido um planejamento vindo de fora, rejeita a idéia de que a manutenção da divisão teria sido melhor. Ele considera existirem muitos “entraves de mentalidade” - como valores de pessoas criadas em sistemas governamentais diferentes ideologicamente, e também nas práticas.

Isso porque talvez não estivesse claro para os próprios alemães quando o processo começou, no sentido de que perderam suas referências e capacidades de se locomoverem numa sociedade estranha e comum ao mesmo tempo. Sua formação, seus valores encontravam-se em dificuldades de se adequarem à “Nova Alemanha”, de serem aceitos na Alemanha recém-unificada: “*Eu sei que parte do povo está decepcionada, mas temos que seguir adiante*”¹⁰³, incentiva DeMaziére. No caso, trata-se de seguir adiante com a “Alemanha atual”, mesmo com todos seus problemas, enfrentamentos e seus projetos de ‘homogeneização’ das diferenças, não muito bem sucedidos. Nessa perspectiva o que aparece como solução para os grupos políticos da elite dirigente da SPD – Partido Social-Democrata - são tentativas de desarmar e institucionalizar os conflitos canalizando-os construtivamente, vencendo as resistências ou, ao menos, harmonizando desconfianças,

¹⁰⁰ Ibidem

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² segundo algumas colocações do ex-ministro oriental do partido da União Democrata Cristã na Alemanha, para a *Folha de S. Paulo*. São Paulo. 4 de Nov. de 1999.

¹⁰³ Idem.

preconceitos e hostilidades de ambas as partes. Papel que essas imagens muitas vezes vão cumprir, mesmo que de formas limitadas.

A imagem do Mauer in der Kopf, também é construída na imprensa alemã, a Deutschland, aos 10 anos de reunificação oficial, questiona se “*A Alemanha é unida ou ainda continua sendo um produto de fabricação mal acabado*” e se “*a unidade também se realizou na mente dos alemães?*”¹⁰⁴, ou seja considera a possibilidade da divisão na mente dos alemães, do muro nas cabeças:

*“No dia 3 de Outubro de 1990, eles ainda eram crianças. Tinham crescido em duas sociedades. A cortina de Ferro separava-os. Do outro lado do Muro e do arame farpado viviam os “outros alemães”. Hoje eles vivem juntos, estudam juntos, se divertem juntos. O que significa para eles a unificação e como eles encaram o futuro?”*¹⁰⁵

Esta imagem do Mauer in der Kopf é uma forte e atual imagem de esquecimento da reunificação, da unidade, mais também de memória da divisão. Ela expressa o conflito de memórias e esquecimentos, pois é muito intrigante o fato de algo tão recente, contemporâneo, como o muro ter sumido tão rapidamente no aspecto físico, visto que tudo “desapareceu” muito rapidamente, como foi falado acima na imagem da Alemanha reconstruída, propositalmente para gestar e gerir um esquecimento. No entanto, ainda assim ele permanece, ele é memória atuante através da imagem do muro nas cabeças. Ou seja, se liquidou rapidamente sua presença física, no entanto ele não é ausente, ele está no imaginário social, ele persiste.

Atualmente há pesquisadores alemães que querem preservar e recuperar trechos originais do muro, a fim de que ele não seja esquecido, mas a memória do muro entra em conflito com o interesse em esquecer o muro. Ele tem sido lembrado em datas específicas e em lugares específicos, momentos de lembrar gestados e lugares de lembrar instituídos como os museus. Os restos do muro se perderam na paisagem urbana da Berlim reunificada, mas além dele ter um lugar de memória restrito nos museus, ele permanece na “cabeça dos alemães”.

*“Seus restos espalharam-se pelo mundo como banais souvenirs Mas o que restou preso ao chão, como incuráveis cicatrizes, ajuda a dar uma idéia da crueldade de Berlim dividida.”*¹⁰⁶

¹⁰⁴ WECK, Roger Von. *Lehn Jahre Einheit*. Deutschland Magazine. Frankfurt am Main. n.4.. st.39-46. August/September, 2000.

¹⁰⁵ Idem

¹⁰⁶ VILELA, Soraia. *O Muro (incurável cicatriz) de Berlim*. Deutsche Welle on-line. 09 Nov. 2004. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 09 Nov. 2004.

De fato o muro sumiu rapidamente, restam hoje poucos e localizados pedaços dos blocos de concreto armado, mas o muro ainda existe, vivo e freqüentemente revitalizado no imaginário das pessoas. Ele é muito mais que um souvenir, que é um objeto característico de um lugar vendido como lembrança, é muito mais que um produto, e os ressentimentos, os afetos e desafetos que ele deixou ajudam a compor a imagem do muro nas cabeças, as incuráveis cicatrizes são as lembranças que jamais serão esquecidas, embora se alternem com os esquecimentos da divisão, pois ao mesmo tempo são memórias e esquecimentos do muro de Berlim e sua queda, da Alemanha dividida e da Alemanha Unida.

A cicatriz do Muro: As marcas dos locais onde era o muro, os vestígios são símbolo da reunificação de Berlim ao mesmo tempo em que lembram a divisão. A divisão é lembrada para lembrar a união, e ironicamente, a divisão remete à união. As imagens expressam claramente o movimento da memória e esquecimento de jogarem alternadamente, mas de sempre coexistirem, nunca se separando. Esta é uma das imagens da Alemanha pós-muro, que opera uma gestão da memória sempre na dinâmica com o esquecimento. Os “*fantasmas do Muro*”¹⁰⁷ são as lembranças, é aquilo que não se esquece.

Mesmo diante da imagem de memória da divisão, Mauer in der Kopf, tenta-se impor a imagem de esquecimento da divisão através da Alemanha Unida, como podemos analisar a partir de narrativas tais como:

*“Imagens que estão definitivamente enterradas na memória da Alemanha de 2004, que conserva ainda hoje suas mentes semidivididas entre ocidentais e orientais. Esses muros entre as cabeças, contudo, irão também algum dia ruir. No mais tardar, quando as crianças de hoje se tornarem adultas. Num tempo em que as Alemanhas Ocidental e Oriental não mais passarão de verbetes enciclopédicos...”*¹⁰⁸.

A partir disso podemos perceber como a memória e o esquecimento são expressos na própria linguagem e a linguagem no caso não são só frases, só palavras, mas imagens, representações carregadas de afetividade como por exemplo, falar em ex-lados, se referir com o prefixo “ex”, tenta suavizar, mas não apagada a idéia de que lados divide em coisas diferentes, não significa necessariamente unir ou reunir. As coisas possuem posições diferentes que não são necessariamente lados, mas também não há essa homogeneidade.

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ VILELA, Soraia. *Os 14 anos de uma unidade trôpega*. Deutsche Welle on-line. 03 Out. 2004. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004.

Outra expressão interessante é se referir às lembranças, relacionadas às permanências, como “restos”, como se fosse possível terminar com eles, apagá-los, como se fosse o pouco que sobrou. Mas todos estes termos colaboram para a expressão dos jogos de memória e esquecimento.

Nos quinze anos após a queda do muro a imagem de que ainda existe um muro nas cabeças continua sendo revitalizada, ao mesmo tempo em que ela não anula a imagem da Alemanha Una, pois se tenta amenizar com não considerando divididas, mas ‘apenas’ semidividas, e projetando para um futuro em que este muro imaginário também irá ruir, como se a divisão fosse ser esquecida. Mas assim essas imagens vão convivendo e se alternando, ora se manifesta mais a face da memória, ora a do esquecimento, nesses jogos dinâmicos expressos por tais imagens.

V - “Wessis X Ossis” ou “A Alemanha Dividida”

Esta imagem leva por terra a imagem da Una, ela desconstrói, questiona, entra em conflito com a idéia da unidade alemã, pois mostra uma oposição dos lados que se queria unidos. A imagem “Wessis X Ossis” começou a aparecer por volta de quatro anos depois da queda do muro, ela traz o dia-a-dia, o cotidiano da sociedade alemã oficialmente reunificada, ela questiona essa memória da reunificação e o esquecimento da divisão ao passo que constitui uma imagem de memória da divisão e uma imagem de esquecimento da reunificação. Ela fala de conflito, de convivência, de diversidade, ela discute a Alemanha Una e revela uma Alemanha múltipla, com várias facetas.

Em 1989 raras reportagens falavam das diferenças, dos conflitos, de insatisfações com a abertura do muro e a reunificação. Foi raro encontrar essa imagem de conflito entre alemães ocidentais e orientais nos quatro primeiros anos que pesquisei, de 1989 até 1993, mas não posso desconsiderar que mesmo de maneira bem restrita já aparecia alguma coisa num cantinho das páginas, sufocadas pela imagem da Unidade alemã e da grande euforia, trabalhada exaustivamente pelos jornais, revistas e televisão. Ainda assim é importante citar o pouco que aparecia quando caiu o muro de Berlim:

“Até seis semanas atrás, portanto antes dessas transformações históricas, a ampla maioria dos alemães-orientais era a favor da reunificação das Alemanhas. Agora, porém, quando sabem que podem modificar o seu país, milhares de alemães orientais que estão participando do processo de democratização começaram a se convencer de que o seu país, afinal de contas, também pode ser um lugar onde vale a pena viver. A população não quer abrir mão de

sua identidade. Eles também têm orgulho próprio e não querem receber ordens ou instruções dos seus irmãos ricos do Ocidente...Nos primeiros dias do grande reencontro entre os alemães não havia lugar para queixas. Tudo era motivo de festa”¹⁰⁹.

Este trecho está num pequeno cantinho escondido, pois este tipo de coisa não era relevante ou manchete naquele momento. A revista fala do confronto econômico entre os vizinhos das Alemanhas ocidental e oriental.

No entanto, as divergências ideológicas enquanto possibilidades para se governar um país e as desigualdades que vão surgir conflituosamente na Alemanha recém-unificada sob um governo republicano-federal, vão muito além de uma simples questão de ‘gostos variados’, de ecletismo. As pessoas não se dão simplesmente ao luxo de escolherem o que gostam, mas vivem reagindo e resistindo da maneira que acreditam ser melhor para elas e de acordo com as condições que encontram.

A imprensa brasileira participa da construção, dessa imagem dos Wessis X Ossis, mais incisivamente ao longo dos anos de 1993 até 2004 falando das dificuldades de convivência dos alemães dos dois lados, de uma diminuição do ‘padrão de vida’ dos alemães ocidentais depois da queda do muro. Deixa uma impressão de que os alemães orientais eram atrasados e tinham que correr atrás dos prejuízos, citando sempre muitas insatisfações dos alemães com os problemas da Alemanha unida, isso porque já não dá mais para ignorar que o processo de reunificação por mais avassalador, por mais que tenha sido administrado de uma maneira rápida e imposta, era bem mais complicado, não dava para reconstruir sem ter que desconstruir primeiro o que se tinha antes, duas Alemanhas diversas, separadas, não uma. Não dava para ignorar e passar por cima de tudo, já não é mais o clima de festa, euforia e empolgação que se divulga. Embora o espaço que a imprensa reserva a essa imagem não seja o mesmo de quando reinava a imagem da Alemanha Una, mesmo falando dos problemas e contradições da reunificação, a imagem da Alemanha Una permanece, a idéia da Alemanha Unida não é questionada.

Deste modo, a revista *Veja* e bem como a *Folha de S. Paulo* constrói uma idéia de oposição perceptível através da imagem: Wessis X Ossis, alemães ocidentais versus alemães orientais, sendo correspondente a uma imagem da Alemanha dividida, gerando uma imagem de memória da divisão alemã e uma imagem de esquecimento da Alemanha Unida.

¹⁰⁹ *Veja*, 22 de Novembro de 1989. *liquidado o Muro*. Internacional p. 109-110.

Ela tem em comum com a imagem do Mauer in der Kopf/Muro nas Cabeças o fato de trazer à tona a divisão, ela reconstrói a memória do muro e considera a existência e atualidade dele. Ela derruba, faz cair por terra a própria idéia da queda do muro, pois assim como o muro ainda está na cabeça dos alemães, ele está de pé na alma dos alemães, indica problemas, contradições na convivência de ocidentais e orientais.

A imagem “Ossis X Wessis” indica o conflito entre alemães orientais e ocidentais, expressa a um só tempo memória e esquecimento, pois o conflito se dá na tentativa de união, mas união de diferentes, assim a imagem de ossis versus wessis é imagem de memória e esquecimento, aliás, como todas as imagens são, se pensarmos que esquecer pressupõe uma lembrança, e a lembrança pressupõe esquecer, não dá para separar estas duas coisas, embora aponte para uma ou outra, de forma mais aguda, em alguns momentos, de acordo com o olhar interessado que se volta para ela.

*“Passamos por um processo de anexação. O modelo ocidental foi adotado para tudo, e o que sabíamos deixou de ter valor, diz Reissmann, que trabalha em uma fábrica do Leste e prefere a Alemanha hoje, mas critica o desprezo pelas realizações do Estado socialista”.*¹¹⁰

Reconhecendo que há uma supervalorização do modelo ocidental. E devemos considerar que as condições de injustiça social, desemprego, e toda sorte de dificuldades geradas pelas relações de desigualdade, propiciariam um interesse de alemães orientais no seu reconhecimento com as propostas comunistas, bem como a elaboração do que haviam vivido na experiência socialista da Alemanha Oriental.

*“Os ‘ossis’ (alemães orientais), mais otimistas em relação à unificação, reclamam de rejeição pós-unificação por parte de seus compatriotas ‘wessis’ (alemães ocidentais). É o que afirma DeMazière: Isso faz com que as pessoas se sintam desprezadas e cria uma tensão”*¹¹¹

Ou seja, há um conflito social e um descontentamento entre os alemães anexados e os alemães reunidos, enquanto se produz uma imagem de memória da Alemanha una e uma imagem de esquecimento da Alemanha dividida pelo muro.

Na revista *Veja* aparece um claro descontentamento dos alemães ocidentais com a situação financeira e os gastos que a unificação lhes teria acarretado. Mas o preço que teria

¹¹⁰ GRINBAUM, Ricardo. *Tivemos que pagar dívidas dos orientais*. Folha de São Paulo. São Paulo. Caderno Especial. 04 Nov. 1999. p. 4.

¹¹¹ Idem.

que se pagar pela integração dos dois lados da Alemanha não seria somente monetário, pois muitos problemas vão se revelando ao longo desses anos de tensa convivência.

A *Folha de S. Paulo* diz que muitos alemães trabalhadores dizem não se conformar com os altos gastos do governo com os moradores da antiga Alemanha Oriental. Estes últimos se afirmando como conservadores, diriam que não concordam com os benefícios sociais estendidos pelo governo a quem não contribuiu com o pagamento dos impostos. Um morador aposentado da Alemanha ocidental, chamado Franke, se incomoda com os gastos com a reunificação:

*“Se não tivesse ocorrido a reunificação, todos os países do Leste Europeu teriam falido em dois anos, ... Nós, da Alemanha Ocidental, tivemos que pagar todas as dívidas da Alemanha Oriental”*¹¹².

Ou seja, havia um projeto econômico grande em jogo, mas essa fala é uma das expressões e não a expressão unívoca da memória social alemã quanto à reunificação. Mas, nesse caso, podemos perceber que o jornal novamente dá muito espaço para colocações que dão uma conotação de empecilho aos alemães orientais, como se os problemas de hoje fossem culpa da experiência socialista da Alemanha oriental, como se tivesse perdendo tempo com a tentativa de recuperar o ‘atraso’, como se a Alemanha que fora oriental, socialista e soviética nunca devesse ter existido.

Muitas vezes, a importância econômica e a imagem de um país desenvolvido, representa contraditoriamente o lugar onde a desigualdade não caberia. O motivo atribuído muitas vezes a esse conflito e ressentimento nutrido entre ossis e wessis vai ser a situação econômica como tendo seus problemas advindos da reunificação e não do próprio sistema que prega a igualdade enquanto dissemina o contrário, nunca abarcando a todos, antes colocando à margem aqueles que não são enquadrados ou incluídos. Os alemães, de modo mais geral, não só berlinenses, tanto jovens, aposentados, orientais e ocidentais, apontam uma insegurança na Alemanha atual, no sentido de se sentirem ameaçados pela reunificação e acreditam que seu “padrão de vida” estaria em risco e que o futuro seria problemático devido à reunificação e os gastos e problemas decorrentes dela.

Assim Teich ao falar do esforço alemão em ser um único povo diz que: *“ninguém esconde que a última década foi complicada e a profundidade do abismo que ainda existe entre os dois lados de um mesmo povo”*¹¹³. E continua:

¹¹² *ibidem*.

¹¹³ TEICH, Daniel Hessel. *Ressaca dos 10 anos*. Veja. Berlim. Outubro de 2000. p. 62-65

“A Alemanha reunificada e normalizada é um desafio e tanto, alemães nem sequer conseguem sentir-se um único povo e já são convidados a abandonar os brasões nacionais para se converterem em cidadãos europeus”¹¹⁴.

Isso nos faz pensar o distanciamento existente entre as propostas políticas e as pessoas que seriam supostamente nelas representadas, a dificuldade de aceitação de uma construção forçada, de uma identidade comum na Europa que é, na verdade, uma conjunção de interesses econômicos e, ainda, o problema da legitimidade e do reconhecimento dos alemães orientais e ocidentais na reunificação alemã. Assim a imprensa reforça a imagem de wessis versus oisis, imagem que ora submete e ora expressa a memória e o esquecimento tanto da divisão quanto da reunião, expressando o embate presente nas relações interalemãs.

Sempre fazendo comparações entre Leste e Oeste, marcando as diferenças, construindo uma idéia de oposição, e dentro disso a de anexação ao invés de reunificação, como se segue:

“A taxa de desemprego no Leste é o dobro da registrada no Oeste do país, os alemães do Leste estão sub-representados nos cargos públicos e ainda são alvo do preconceito por parte do Oeste, que ditou as regras da reunificação”¹¹⁵.

O aparece aqui é um leste discriminado, as diferenças econômicas, e alemães orientais reclamando que os ocidentais os tutelaram, como se eles não tivessem participado do processo, como se fossem apenas conduzidos, sem reagir, sem pensar, sem se apropriar do que estava acontecendo. É interessante como a construção que essa reportagem faz, vai colocando a idéia de uma oposição entre leste e oeste, assim é interessante notar que a imagem de Wessis X Oisis, produz memórias de uma divisão alemã, de uma reunificação problemática, cheia de ressentimentos, uma dificuldade de unificar as pessoas.

Ainda neste sentido:

“os partidos políticos apenas fazem menção à brecha econômica e social das duas Alemanhas, apesar de um a cada cinco alemães desejar um novo Muro entre o Leste e o Oeste... Houve o desaparecimento da República Democrática, da Alemanha

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ VILELA, Soraya. Mídia europeia destaca nova cisão da Alemanha reunificada. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Deutsche Welle on-line. 1º Out. 2004. Disponível em: < www. dw-world.de>. Acesso em: 03 Out. 2004.

Comunista, deglutida pela Alemanha Ocidental, a digestão foi mais difícil do que se pensava”.¹¹⁶

Agora a reunificação é vista como um passo maior do que as pernas, agora o muro reaparece na cabeça das pessoas, numa suposta vontade de retornar à situação que viviam antes, de construir o muro de volta, esta é uma manchete bastante chamativa para a imprensa, e só agora após 14 anos de reunificação, aparece com mais frequência, imagens que questionam a memória da unidade alemã, de Wessis versus Osis. Imagem que retoma a memória da divisão e gere um esquecimento da euforia inicial. O argumento presente na imprensa é que existe um conflito entre Wessis e Osis porque ainda há um muro nas Cabeças. O muro foi construído na cabeça das pessoas ao longo dos anos e ele não caiu, pelo menos não totalmente.

A imagem aparece como uma possível redivisão, mas podemos pensar que ainda estão vivos na Alemanha os germes da divisão, a Alemanha tem vários rostos, vários conflitos não só entre leste e oeste, e não é algo puramente econômico, mas cultural, a maneira como a imprensa aponta dá a impressão de que a divisão impede o surgimento de uma verdadeira identidade comum, mas estabelecer como verdadeira, depende de um discurso autoritário por se pretender dono de uma só versão, dono da verdade, e uma identidade comum na Alemanha talvez nunca tenha existido, não dá para apoiar uma visão romântica ou folclórica do alemão e desconsiderar a diversidade cultural que existe.

As experiências históricas foram diferentes e isso às vezes, justifica a dificuldade de relacionamento entre Osis X Wessis. A Alemanha oriental fica sendo responsável por manter o lado que saiu do nazismo, o lado que permaneceu autoritário e nacionalista, além de acomodados e ingratos (juízos de valor). Os ocidentais são colocados como democráticos, como se somente os alemães ocidentais tivessem superado o Nazismo e o fim da 2ª guerra, como se os alemães-orientais não tivessem nada a oferecer à Nova Alemanha.

Sob o aspecto político: *“Berlim personificou quase meio século de divisão mundial entre Leste e Oeste”*¹¹⁷ argumenta Chacon, nos fazendo pensar sobre a própria ocidentalização de nossa cultura e as distâncias econômicas e também culturais existentes em relação ao leste europeu, diferenças expressas constantemente em diversos movimentos de luta pela emancipação e os conflitos entre “wessis” e “osis” em Berlim.

¹¹⁶ VILELA, Soraia. *Leste Indigesto*. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Deutsche Welle online. 18 Set. 2004. Disponível em: < www. dw-world.de>. Acesso em: 03 Out. 2004.

¹¹⁷ CHACON, Vamiréh. *A Questão Alemã*. São Paulo: Editora Scipione. 1992. p.66.

A diferença entre os dois lados é percebida na cultura, nas condições e modos de vida, nos tipos e ofertas de empregos, estudos, violência, organização política, enfim se faz presente no cotidiano alemão. Os exemplos da desproporção salarial são espantosos: os desempregos na RDA são atribuídos ao processo de liquidação das empresas daquele lado, pois numa sociedade recém dividida e recém reunida, onde se faziam tácitas as diferenças e estranhamentos, e a insegurança era disseminada, seria obviamente o fruto das relações geradoras de desigualdade de um sistema de acumulação, produção e consumo em grande escala. Neste sentido temos que para os alemães orientais, a reunificação arrasou os empregos e a cultura local, indicando as dificuldades de se restabelecerem após a unificação.

Persistem até hoje, os sentimentos de superioridade e inferioridade em relação ao outro, os afetos e desafetos como podemos perceber na construção dessa imagem da Alemanha onde Wessis e Ossis estão em desunião, isso nos faz pensar como a alteridade, é importante, como precisamos ver no outro um pouco do que nós somos, para limitar nosso espaço e respeitar o espaço do outro, como somos construídos através do olhar do outro. Como que tanto unidos, quanto separados, os alemães ocidentais e orientais se constroem uns aos outros, não somos o que somos sozinhos, não construímos nossas noções individualmente, pois se conhecer é conhecer o outro.

A Câmara Brasil-Alemanha, através do *News AHK*, participando da construção dessa imagem de Wessis versus Ossis, justifica a desunião e defende a união:

“O desejo de união existia e ainda existe, mas a maneira como o processo foi conduzido acabou por gerar um sentimento de revolta entre os antigos alemães do Leste... Choques e conflitos cotidianos de orientais por toda a Alemanha indicam a tensão latente dentro da Nova Alemanha... A medida que novas gerações de alemães, totalmente educadas e socializadas na nova Alemanha e que não terão lembranças da antiga divisão, crescerem, o choque cultural tende a diminuir. Com o tempo, ossis e wessis voltarão a ser simplesmente alemães e, provavelmente, europeus.”¹¹⁸

Neste trecho aparece uma responsabilidade dos orientais pelo conflito, pela insatisfação e cria a impressão de que, o tempo, por si só, apagará esses conflitos. Ser alemão não é simples, não dá para ser simplesmente alemão. A imagem de Wessis X Ossis aparece aqui, mas não questiona a união, reforça-a, mesmo que esta seja uma imagem de memória da Alemanha Dividida, na Nova Alemanha que está surgindo, que está sendo reconstruída, não haverá espaço para a “antiga divisão”. O que segundo esta fonte tende a

¹¹⁸ *Dez anos depois* (1999) Internet – News AHK. Disponível em: <www.ahk.de>. Acesso em 03 Out 2004.

diminuir e não dá para voltar a ser o que se era antes, pois o tempo não volta, a memória é reconstruída, não dá para resgatá-la tal qual se tinha antes, e mesmo esse antes não era homogêneo. Este veículo reconhece que “*Os choques de mentalidade são inevitáveis*”, mas devemos ter em mente que a reconstrução econômica influencia as mudanças, mas não é capaz, por si só, de transformar mentalidades e perspectivas.

Esta imagem de Wessis X Osis vem sendo, ao longo de uma década e meia de reunificação, atualizada e re-arranjada. Ela continua subentendida e presente, continua ativa em nossas memórias e esquecimentos. No aniversário dos 14 anos da reunificação oficial novamente ela vem à tona:

“Os olhos alemães se voltam neste 3 de Outubro para o Leste do país, a população tem ido à ruas, às segundas-feiras, protestar contra as reformas do governo. Os orientais vistos como ‘preguiçosos e inertes’ remanescentes do comunismo. Seus ‘novos-velhos compatriotas’, os Osis (orientais) acreditam que as reformas implementadas pelo governo – para salvar pelo menos parte de um Estado de Bem-estar social a caminho da falência – se voltam contra eles”¹¹⁹.

Mais uma vez é ressaltada a questão do conflito, com os compatriotas ‘do lado de lá’, atrelado às condições econômicas e ao mesmo tempo em que a citação acima traz um conflito aparente ela tenta não separar os alemães através de um jogo de expressões como ex-lados, como se a palavra ex-apagasse a memória de que são lados, são posições e concepções diferentes, outro exemplo é a expressão “seus compatriotas do lado de lá”, se são compatriotas é porque pertencem a mesma pátria no entanto do lado de lá retoma a memória da divisão do território da Alemanha em Oriental e Ocidental, dividida em RFA e RDA.

Na citação acima se retoma a imagem da divisão, agora os protestos aparecem, nos primeiros anos da reunificação nem a imprensa brasileira, nem a alemã, falam muito em protestos, apenas do desafio econômico devido ao ‘atraso oriental’, mas com as reformas governamentais pipocando nos debates por todo o país e influenciando a imagem que o mundo tem da Alemanha, então a divisão alemã volta a ser assunto, embora a reunificação em si não seja questionada.

Aparece freqüentemente a expressão “borracha no passado”, o que indica uma tentativa de esquecer o que aconteceu, mas isso é impossível. É possível administrar o que

¹¹⁹ VILELA, Soraia. Alemanha. *Os 14 anos de uma unidade trôpega*. Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift. Deutsche Welle on-line. 03 Out. 2004. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004.

é lembrado e o que é esquecido, embora disputem espaços com outras memórias e esquecimentos, mas apagar não. De fato há uma gestão do esquecimento, pois a própria imagem de Wessis X Ossis nos leva a questionar se existe mesmo uma Berlim sem muro.

Na imprensa brasileira, como na *Folha de S. Paulo*, por exemplo, frequentemente se fala nas pensões que o governo gastou no leste após a queda do Muro, a reunificação aparece como freio ou empecilho para o desenvolvimento da economia alemã. Agora, 10 anos depois se coloca que a reunificação não trouxe a vontade reunificada.

Deste modo, aqueles que se sentem beneficiados com a “Nova Alemanha” se colocam geralmente como indiferentes à reunificação, como se a solução estivesse no indivíduo, em sua qualificação ou esforço pessoal e não no Estado como nos faz pensar a fala de Cornélia Kammerzing, que diz: “*Não sinto saudades da Alemanha Oriental. Aqui o meu padrão de vida melhorou muito*”¹²⁰.

A imprensa escrita no Brasil apresentou durante a década e meia que este trabalho pesquisou (1989-2004) em relação ao tema da ‘queda’ do muro de Berlim, reportagens e artigos de aspecto mais econômico e bastante factual. Em que são enfatizadas as medidas práticas do governo alemão, como o pagamento de indenizações para vítimas ou parentes de vítimas do holocausto, que saem dos impostos pagos pela sociedade alemã, bem como o custeio da recuperação do leste berlinense depois da queda do muro, como aponta o jornalista Daniel Hessel Teich ao colocar, sob o aspecto econômico, a reunificação: “*apesar da absorção dos 17 milhões de alemães-orientais, bem mais pobres que seus compatriotas ocidentais, os wessis contribuem através de impostos*”¹²¹. Mas isso bem mais do que contribuição, silencia a respeito de algo mais profundo, arraigado nas relações sociais, pois a imprensa não denuncia as desigualdades sociais existentes entre os dois lados, embora a situação econômica do país seja indicada como motivo dos conflitos interalemães.

Existem elementos que permanecem ao longo dos processos de transformação pelos quais a sociedade passa, nada simplesmente acaba, não se rompe totalmente com nada do dia para a noite. Os anos vão mostrar uma Alemanha que permanece ainda com memórias socialistas por parte de seus ‘antigos’ moradores da Alemanha oriental, mesmo que haja um esforço muito grande e claro para se ‘apagar’ essas memórias, construindo um

¹²⁰ vendedora em um estabelecimento comercial na ex-Alemanha ocidental. GRINBAUM, Ricardo. *Aqui o meu padrão de vida melhorou*. Folha de São Paulo. São Paulo. . Caderno Especial. 04 Nov. 1999. Caderno Especial.

¹²¹ TEICH, Daniel Hessel. *Ressaca dos 10 anos*. Veja. Berlim. Outubro de 2000. p. 62-65.

esquecimento voluntário, exercitado e quase que ‘manipulado’ da memória de uma Alemanha dividida.

VI – A “Alemanha Manchada”

Esta imagem é re-atualizada com a queda do muro de Berlim em 1989 e com o processo de reunificação que vem se desenrolando ao longo dos anos. Mas ela está relacionada a todo um imaginário do alemão como povo mau, sombrio, frio, fechado, extremamente racional e etc, que vem sendo construído historicamente.

Está é uma imagem que tem um recorte cronológico ainda maior ou mais complexo, que se transforma muito no tempo e espaço e é extremamente atual e viva. Ela é sempre trazida a tona e operacionalizada, ela expressa o movimento de memória e esquecimento, pois constrói uma imagem de memória muito forte quanto à história da Alemanha nazista, ela foi retomada no pós-queda, mas sempre teve um papel, uso e relevância. Sua revitalização é muito frequente ao longo do século XX e ainda hoje no nosso presente séc. XXI. Por isso mesmo resolvi trabalhá-la, a fim de desenvolvê-la em relação à da queda do muro de Berlim, a partir de 1989. É uma imagem de memória & esquecimento muito rica e complexa.

A imagem da Alemanha é manchada por uma memória muito viva dos crimes de guerra, do nazismo, do holocausto judeu. A Alemanha é divulgada comumente como “país frio”, como povo ‘sem sentimentos’, nos diversos meios de comunicação de massa. As pessoas em geral se referem dessa maneira em diversos lugares do mundo. A história alemã configura memórias e esquecimentos que expressam uma imagem sombria, de mácula na sociedade alemã.

A mesma imagem que para um grupo é de memória para outro é de esquecimento. A própria idéia da mancha remete a algo que aconteceu e que é lembrado pela marca que deixou; deste modo, essa imagem expressa, em si mesmo a dialética da relação entre memória e esquecimento, pois caminham juntos se sobressaindo ora uma, ora outro, de acordo não só com os interesses, mas com a cultura política destes grupos. Assim, ao mesmo tempo em que a Alemanha quer esquecer seu passado, quer fazer o esquecimento driblar a memória, e a vergonha que essa memória traz, os judeus querem lembrar que a Alemanha está manchada, querem lembrar o holocausto, punindo seus culpados.

É possível perceber que na imprensa, tanto escrita quanto televisionada, em discursos, livros, filmes (sobretudo os americanos), diálogos e até no senso comum, que

não se fala do alemão ou da Alemanha, sem se lembrar do Nazismo, ou se fazer alguma referência aos crimes da Segunda Guerra Mundial. Isso porque é uma memória presente no imaginário social a imagem negativa da Alemanha. É como se os anos que se passaram não tivessem dado tempo suficiente de se esquecer o que aconteceu, mesmo sendo uma outra geração, outras relações, outro momento histórico sempre se remete ao passado nazista e bélico da Alemanha:

*“Não dá para falar da 2ª Guerra Mundial neste país sem despertar certa frieza, mágoa, as pessoas falam eu sou alemão, mas não tenho nada com isso”*¹²².

Como se querendo distanciar dos outros alemães, dos nazistas que “não eram eles”, ou que cumpriam ordens, mas é como se fizessem a ressalva de que nem todo alemão quer dizer nazista, e nem todo nazista significa alemão. Os alemães querem esquecer, não querem ser vistos como aqueles alemães, e é como se houvesse um pacto social velado proibindo o assunto, evitado constantemente por afirmações do tipo “*vamos colocar uma pedra sobre esse assunto*”.

Jörg Friedrich coloca que depois de um período inicial em que ocorreram os processos contra os nazistas, ou criminosos de guerra, “*o assunto dos crimes cometidos pelos alemães também foi reduzido ao silêncio*”¹²³. Era preciso reabilitar os alemães, pois nem todos eram nazistas ou criminosos de guerra. “*Portanto nos dois lados se trabalhou pelo esquecimento*”¹²⁴. Ou seja, um esquecimento voluntário, intencionalmente construído e exercitado pelo querer dos alemães. Só que agora a Alemanha viveria um *novo* (de ser uma só, de extinguir os conflitos) momento onde uma *outra* (a reunificada ou una) memória, que beneficiaria a sua imagem, poderia ser trazida à tona, pois querem retomar o sofrimento alemão nas duas grandes guerras também, querem mostrar o outro lado da moeda, e afirmar que os alemães também sofreram e que também foram vítimas. Neste sentido Friedrich prossegue:

*“A amizade dos alemães com o antigo inimigo não depende mais do silêncio sobre suas crueldades. Algum dia isso teria de vir à tona. Quem era criança quando sua casa foi bombardeada começa a se perguntar o que aconteceu”*¹²⁵.

¹²² Fantástico. Rede Globo de Televisão. 28 de Maio de 2006. Em reportagens que antecediam a Copa, expressando o intuito de “nos dar a conhecer o país que sediará a copa: A Alemanha”.

¹²³ FRIEDRICH, Jörg. *O Horror das Guerras: A Alemanha sob bombardeio*. Vcja. São Paulo: 2003

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Ibidem

Mas é importante considerar a frequência com que se discute os problemas da união alemã, sempre remetendo à sua experiência, de um nacionalismo de extrema direita, como explícita. Há um esforço para rememorar e rediscutir constantemente o assunto, como se considerassem que não se pode deixar de lembrar, não esquecer é um dever. Não se pode pensar na Alemanha sem considerar que é uma Alemanha com um ‘histórico’ manchado.

Neste sentido, é sempre afirmado e reafirmado que não se pode, nem se deve, esquecer, ou seja, um esforço de memória voluntária que conflita com a tentativa que se faz tão clara de ‘reconstruir’ não só o Leste alemão, mas também reconstruir a imagem alemã. Assim sendo, cabe o discurso de Adam Michnik, um tanto irônico, que defende: “*o que eles estão dizendo é não falem de Auschwitz, a Europa democrática está acabada, agora nós temos a utopia dos Estados etnicamente puros*”¹²⁶.

Reafirmo que não se fala da Alemanha, e mesmo do muro de Berlim, sem rememorar e retomar o assunto do nazismo. Ele sempre vem à tona, como uma forte nódoa, que não se apaga das vestes alemãs, as manchas de um passado nazista. É como se não conseguissem ver a Alemanha desligada, separada de seu passado criminoso, como se sua pena não tivesse sido ainda inteiramente cumprida. Isso seria, segundo Clóvis Rossi¹²⁷, da *Folha de São Paulo*, “limites do passado”, são as limitações que o passado alemão impõe. É como se o passado alemão fosse demasiadamente presente.

Isso configura um conflito com a necessidade de outros setores da sociedade, como os judeus, de uma memória voluntária, de não deixar que se esqueça o que aconteceu com eles por culpa dos alemães, o Holocausto, como se a memória do alemão culpado fizesse parte de um triste episódio na história dos judeus. Deste modo a memória voluntária dos judeus entra em conflito com a memória involuntária dos alemães, pois o que os judeus querem lembrar – o Holocausto – é a memória involuntária ou o esquecimento voluntário dos alemães que querem esquecer o genocídio que cometeram.

Em relação a isso, Habermas afirma:

*“... mas nós alemães erguemos nossos campos de concentração na Polônia... o quanto fomos cuidadosos ao ocultar tudo de nossa população, de modo que ninguém pudesse perceber o que tínhamos feito de pior”*¹²⁸.

¹²⁶ HABERMAS, Jürgen ; MICHNIK, Adam. *Superando o Passado*. in: O mundo depois da queda. Emir Sader (org.). São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 383-401.

¹²⁷ ROSSI, Clóvis. *Pais abandona expansionismo e militarismo; adota precaução na economia e na política para evitar que sócios europeus não voltem a olhá-lo com desconfiança*. Folha de São Paulo. Especial, do conselho editorial. 04 de Nov. 1999. p. 3.

¹²⁸ HABERMAS, Jürgen ; MICHNIK, Adam. *Superando o Passado*. in: O mundo depois da queda. Emir Sader (org.). São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 383-401.

Um argumento em relação à isso é amplamente difundido por diversas pessoas, tanto em documentários, reportagens, filmes, sempre afirmando que não sabiam o que aconteciam com os judeus, que a população não tomava conhecimento, pois esta é uma culpa que ninguém quer carregar, só que, por vezes, o simples fato de ‘ser alemão’ faz com que se seja cúmplice, tão forte e carregada de ressentimentos é esta imagem, de uma Alemanha manchada, de uma sujeira que não saiu e não sai sem que haja um conflito de memórias e esquecimentos.

Considero então a importância de transcrever um depoimento do filósofo polonês Adam Michnik, dialogando com Jürgen Habermas. Quando ele afirma:

“Agora vou dizer algo que não sei se terei a coragem de ver impresso: antes de Hitler entrar na Polônia, nós já tínhamos construído nossos próprios campos de concentração aqui, em Berezka Kartuska; e não é exatamente uma justificativa o fato de que apenas algumas pessoas foram mortas lá e que os campos nazistas foram muito piores. Por um lado, enquanto os poloneses dizem que Hitler não foi muito pior do que Stálin, já que fomos vítimas dos dois, isso significa algo um pouco diferente do que quando é dito por um historiador alemão... Mas, se dissermos que os poloneses eram basicamente inocentes, isso significa apenas uma licença para errar novamente”¹²⁹.

A partir desta fala de Michnik podemos pensar que a imagem que se tem em geral, é da centralização da figura do alemão como autor e executor do holocausto; no entanto, é muito silenciado na imprensa, na mídia, até nos livros acadêmicos, que vários outros países desempenharam um papel importante no holocausto, corroboraram, foram cúmplices e exerceram ações diretas nos campos de concentração, numa relação de muita proximidade com a Alemanha nazista, que de certa forma, no censo-comum, leva a culpa sozinha.

Esclarecedora, neste sentido, é uma autora judia-alemã - Hannah Arendt - que escreve em seu livro *Eichmann in Jerusalem*¹³⁰ falando do papel que outros países tiveram no holocausto e também traz informações das organizações judias e anti-semitas, contribuição para extermínio de judeus por outros países tais como Holanda, Noruega, Itália e a própria Polônia, fala da participação européia no extermínio, e da construção de campos de concentração em outros países, e não só alemã como é amplamente difundido, embora não se esteja negando, em momento algum, a responsabilidade alemã.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000. p. 180.

Neste sentido, esta análise de Arendt vem ao encontro dos comentários de Habermas, ao fazer uma reflexão sobre a crise da consciência nacional alemã em relação à experiência nazista. Escreve ele: “o esquecimento ainda está sob a coerção do não-poder-esquecer”¹³¹. Isso tendo em vista que constantemente se coloca a necessidade de “mantermos viva a memória” do holocausto judeu, o que é contradito pelo direito de esquecer das novas gerações alemãs, no esforço de reconstruir a imagem da Alemanha e lidar com o sentimento de culpa, constrangimento e situações indesejadas ou em (des)conformidade com interesses vigentes.

Em nosso tempo, e principalmente, após a queda do muro de Berlim, tem-se buscado construir a imagem de memória de uma Nova Alemanha, em sobreposição à velha Alemanha Manchada, os alemães querem superar essas lembranças, construindo uma imagem diferente de si, rompendo laços com esse passado e produzindo não só uma *outra* memória, mas um esquecimento do que não querem ser lembrados.

Há memórias que “cristalizam” um momento vivenciado por um determinado povo, como os judeus e sua experiência nos campos de concentração, em afirmar que não se deve esquecer, enquanto outros grupos primam, também fustigados por seus interesses, em esquecer para não lembrar, para que a memória não traga as imagens da culpa, de seus erros ou daquilo que não convém rememorar.

O esquecimento manifesta-se na disseminação de outras memórias, se fixa através de outras lembranças. Percebi a importância de se insistir na questão do conflito de memórias judeus versus alemães, wessis versus ossis. Acredito que fica claro que há políticas governamentais no sentido da elaboração de projetos que primam pela criação, ou melhor, construção da imagem de uma “nova” Alemanha, a que seria reunificada, a potência, e a (supostamente) sem preconceitos, onde ‘todos são bem-vindos’. Fica claro, através das fontes trabalhadas, um sentimento de rejeição comum aos orientais, uma dificuldade de adaptação, a influência da ideologia capitalista no modo de pensar, no sentido de “nível ou qualidade de vida”.

No entanto, em relação à “Alemanha manchada”, devemos considerar que é como se casar e divorciar, você nunca mais volta a ser solteiro, pela lei e pela nomenclatura (mesmo que nos dias atuais a linguagem popular permita essa colocação), se é sempre

¹³¹ HABERMAS, J. 1987. *Nenhuma normalização do passado*. Folheto História e esquecimento, n. 554, Folha de São Paulo. Apud. Seixas, Jacy A.. “Os campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica”, in Bresciani, M. S., Magalhães, M. B., Seixas, J. A. (org.), *Razão e paixão na política*, Brasília: Ed. UNB, 2002.

classificado como separado, mesmo que descomprometido. Semelhantemente a Alemanha sempre será a ex-nazista, ex-bélica, ex-criminosa. Era uma só, se dividiu e agora se reuniu, nunca mais será à Alemanha única, acredito que nunca tenha sido de fato. Será sempre a re-unida, a re-organizada e re-arranjada. A nova vai sempre pressupor a velha, a reunião vai sempre pressupor a separação, a memória sempre vai pressupor o esquecimento. E essa homogeneidade que querem forçosamente difundir, não existe, pois agora a Alemanha é diversa, além de desigual, e nunca será totalmente unida, ou isenta de culpa pelo Nazismo, não dá para apagar, a memória não permite voltar atrás. Em relação à Alemanha dividida, se colhe o fruto das relações de desigualdade, a partir das diferentes vivências e em diferentes sistemas, visto que comportam uma formação e modos de vida, diferentes e complexos que vão novamente se relacionar de forma diversa.

Não se rompe com isso da noite para o dia, ficam resquícios, reminiscências mesmo que envoltos pela novidade. Não se rompe com o passado no presente, pois o presente evoca o passado.

Há algumas reportagens da revista alemã *Deutschland* que trazem para reflexão questões que discutem um possível “Diálogo das culturas”, a fim de superar o estranhamento e a convivência com a diversidade étnica e cultural. Considera-se que “... as diferentes identidades culturais são freqüentemente as causas de conflitos e por esta razão o diálogo intercultural... tornou-se importante...”¹³².

Nesse diálogo intercultural constantemente é retomado o tema do preconceito e as questões do nacionalismo, pois vão surgir ou ressurgir sentimentos nacionalistas no leste alemão, o que não é nada repentino, mas fruto de um “*ventre ainda fecundo*”*. Em relação à experiência alemã, podemos perceber que ressentimentos vêm constantemente à tona, ainda hoje na sociedade, retomados a fim de atualizar as discussões sobre o Holocausto judeu e o pós-guerra.

A revista *Deutschland* tenta o tempo todo desconstruir essa imagem da Alemanha manchada, tentando impor outras imagens de uma Alemanha não mais racista e nem preconceituosa, mas uma Alemanha que procura o diálogo com o diferente, com o estrangeiro, com outras culturas, enfim uma Alemanha que aceita e dá oportunidade ao outro.

¹³² Hintereder, Peter. *Deutschland Magazine*. Diálogo das Culturas. 2000.

* BRECHT, Bertolt. Apud. JUNIOR, João Ribeiro. *O que é Nazismo*. Epígrafe. São Paulo: Editora brasiliense. 3ª Edição, 1991.

Então é gestada uma imagem de memória de uma Alemanha aberta e não-preconceituosa, que tolera as diferenças, auto-imagem muito bem cuidada pelo departamento de imprensa do governo alemão. A nova Alemanha que teria surgido a partir da reunificação seria uma Alemanha que tenta unir as diferenças, em contrapartida à Alemanha Manchada, que desejam como uma imagem de esquecimento.

Em 2002 o tema central novamente é o “Diálogo das culturas”¹³³, o texto “O estranho e o próprio” fala da ignorância sobre outras formas de vida como sendo o foco central de nutrição do extremismo, e se propõe a pensar quais são as condições de um diálogo ‘verdadeiro’ das culturas.

Em relação à atualidade do debate sobre ‘anti-semitismo’ e a preocupação alemã em não ser mais vista como preconceituosa é que Corrêa e Escóssia vão nos informar de que com o objetivo de identificar os cidadãos que “põem em risco a democracia”, o governo visaria conter o avanço dos extremistas – de direita e de esquerda: “*A preocupação tem motivos óbvios: para os alemães, foram os extremistas que escreveram os dois mais dolorosos capítulos da história nacional – o Holocausto e a divisão do país no pós-guerra*”¹³⁴. Mas ainda haveria muitas barreiras psicológicas, a direita avança em maior escala no leste, observando que este jornal assim como outros mecanismos de imprensa e comunicação nunca falam do assunto do muro de Berlim sem retomar a questão do nazismo. Isso é interessante para pensarmos as dinâmicas da imagem de dupla expressão, pois a imagem é ambivalente, ela expressa memória e esquecimento ao mesmo tempo: é a ‘velha Alemanha nova’, a velha Alemanha nazista, a nova Alemanha unida/reunificada.

A Alemanha é colocada e se coloca na imprensa de forma a privilegiar informações em direção à impressão que quer passar ao mundo, como um país que não faz mais guerra, apenas integra as “forças de paz” da OTAN, como cautelosa, ou seja, o oposto da exacerbada, a que se quer esquecer, do que Clóvis Rossi vai tratar em seu artigo “Alemanha conduz União Européia com cautela” na *Folha de S. Paulo* sobre a prudência das ações do governo alemão frente à união européia, no sentido de não se colocar enquanto interessada em difundir uma certa “tendência imperialista”, daí ele fala do papel desempenhado pela Alemanha hoje, sempre colocando uma nova postura para uma nova Alemanha.

¹³³ THIERSE, Wolfgang. *Deutschland Magazine*. n. 2, p.40-44. Abril/Mario de 2002.

¹³⁴ CORRÊA, Silvia; ESCÓSSIA, Fernanda da. *Serviço secreto alemão observa 185 mil pessoas suspeitas de integrar grupos extremistas, mas teme mais a ascensão do radicalismo em outras nações européias*. *Folha de S. Paulo*. Caderno Especial. 4 de Nov. de 1999. p. 6.

“... há dez anos, quando o Muro de Berlim ruíu, e a Alemanha pôde enfim se reunificar e ficar livre das tropas estrangeiras que a ocuparam após o final da Segunda Guerra Mundial. Temia-se, então, que o instinto expansionista e o militarismo tradicionais re-emergissem”¹³⁵.

Mas não ser e não querer ser vista como sendo expansionista, são coisas diferentes, visto que diversas vezes afirmar é uma forma de negar o que se quer esquecer, mas querer esquecer algo pressupõe uma memória. Há de fato um temor em relação à possibilidade de um ressurgimento dessas tendências, de fato são vários os fantasmas da Alemanha.

Não é bem essa imagem manchada de bélica ou extremista que querem ter ou que constroem de si mesmos como afirma: *“Belinda Cooper, pesquisadora sênior do World Policy Institute: ‘Acho que é muito claro que a Alemanha não é o tipo de ameaça para o mundo que foi antigamente. Não é e não será’”¹³⁶.*

Há uma tentativa de desconstruir uma imagem negativa da Alemanha, a imagem de uma Alemanha Manchada, que lembra quais são suas manchas ao passo que quer esquecê-las.

“o mundo, não precisa ter mais medo da Alemanha, totalmente integrada na Europa e que, por muito tempo ainda, estará mais voltada à si mesmo e aos seus problemas do que ao mundo exterior”¹³⁷.

A imagem da Alemanha manchada aparece aqui, mas justificando uma Alemanha que não se precisa mais temer, pois se quer esquecer o passado manchado em prol de construir a imagem de uma Nova Alemanha.

Sempre nas comemorações dos aniversários da queda do muro e da reunificação, essas imagens são ativadas com maior frequência. Dez anos depois a imagem da Alemanha manchada reaparece, mas agora negando a memória de uma Alemanha nazista ou temida.

“Dez anos depois, percebe-se que o medo europeu da nova Alemanha, era totalmente injustificado e que a Alemanha atual não é mais a Alemanha dos Kaisers e muito menos a de Hitler, ...as dificuldades dentro do processo de unificação das duas Alemanhas foram subestimadas”¹³⁸.

¹³⁵ ROSSI, Clóvis. *Pais abandona expansionismo e militarismo; adota precaução na economia e na política para evitar que sócios europeus não voltem a olhá-lo com desconfiança*. Folha de São Paulo. Especial, do conselho editorial. 04 de Nov. 1999. p. 3.

¹³⁶ Folha de São Paulo. Especial. 04 de Nov. 1999. p. 3.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Dez anos depois (1999) Internet – News AHK. Disponível em: <www.ahk.de>. Acesso em 03 Out 2004.

É interessante notar que em todas as entrevistas realizadas sobre o tema da queda do muro de Berlim, sem que eu tocasse no assunto sempre surgia na fala das pessoas o tema da Segunda Guerra Mundial, características da personalidade alemã, o Nazismo e etc. Além disso, sempre que é mostrada alguma reportagem na televisão sobre a Alemanha se toca neste assunto. Há alguns eventos, algumas datas, que trazem à tona este tema, seja na época da Copa do Mundo de Futebol, do Natal, nas comemorações na Alemanha do 03 de Outubro e no 09 Novembro, seja no Holocaust Memorial, seja quando se fala na economia alemã ou quando morre algum veterano de guerra. Enfim, poderíamos enumerar diversos assuntos que sempre neste movimento de memória & esquecimento dão vida novamente à imagem da Alemanha manchada, por mais que o tempo passe ela não se apaga, sempre vem à tona no conflito entre o que a Alemanha quer esquecer e o mundo quer lembrar.

Neste capítulo foram discutidos, de forma geral, os 15 anos que se seguiram após a ‘queda’ do muro de Berlim, falando de como são gestadas e geridas diversas imagens que expressam os jogos de memória e esquecimento, imagens que coexistem, que disputam espaços.

São imagens idealizadas, construídas, que atualizam e administram memórias e esquecimentos. A imagem da Alemanha Una, por exemplo, é desconstruída na imagem de Wessis x Ossis. As imagens da Alemanha pós-muro são recriadas na Alemanha reunificada, a memória da Alemanha é reconstruída através dessas imagens da Una/Unida, Nova, Manchada, Reconstruída, Mauer in der Kopf e Wessis X Ossis. Essas imagens operam uma reconstrução da memória e uma construção do esquecimento, bem como uma reconstrução do esquecimento e uma construção da memória.

Uma conclusão mais geral que se pode tirar da maneira que a *Veja* e a *Folha de S. Paulo*, e em comum a *Deutschland* e o *Deutsche Welle on-line* constroem imagem da queda do muro de Berlim é algo que dá a impressão como se “A Alemanha manchada tivesse que ser uma Alemanha reconstruída, para ser a Nova Alemanha, que é a Alemanha Una”. Estas imagens acionam uma gestão e uma gerência das memórias e esquecimentos que são expressos através destas imagens que são construídas a partir da queda do muro de Berlim.

A partir de 1989/90 até 1993 na imprensa brasileira e, em comum, na imprensa alemã, a imagem que se constrói a partir da queda do muro de Berlim, é a da festa, da união, da “Alemanha Una, uma e unida, da Nova Alemanha”. Mas ao longo dos anos de 1993 e 1994 até mais ou menos 1999 é a imagem de “Wessis X Ossis”. A partir de 1993,

quatro anos após a queda do muro, quando os conflitos começam a aparecer e, mais freqüentemente, quando completava os “Dez anos de unidade alemã” em 1999 e a reunificação oficial da Alemanha em 2000 e consecutivamente nos anos seguintes até quando esta pesquisa discute que é 2004, completando 15 anos da queda do muro, passa a ser principalmente a imagem do “Mauer in der Kopf”, a imagem atual que se tem decorrente da queda do muro de Berlim, imagem de que ainda existe um “Muro nas Cabeças”. Porém, todas essas imagens citadas continuam sendo ativadas e revitalizadas, elas coexistem e nunca deixaram de existir, apenas são em diferentes momentos mais ou menos disseminadas.

Neste capítulo procurei discutir o significado histórico da queda do muro de Berlim através das imagens de memória e esquecimento que levantei. No próximo e último capítulo que se segue irei retomar como essas imagens aparecem num tempo mais atual, 2004 e nos preparativos da Copa que a Alemanha sediará, partindo do nosso presente e considerando as reflexões que venho fazendo ao longo deste trabalho. Irei também lançar possibilidades para o trabalho com esse tema e fazer as considerações finais.

CAPÍTULO III:

A Atualidade das imagens e suas possibilidades

Neste terceiro capítulo falo rapidamente de como essas imagens têm sido revitalizadas atualmente, falo de algumas possibilidades para o desenvolvimento deste tema, fazendo projeções para uma possível continuidade deste trabalho, deixo sugestões abertas para aqueles que quiserem se aventurar por este tema e pretendo falar dos resultados alcançados, apresentando sob a forma de algumas “conclusões” a que cheguei, que não é bem no sentido de fechar a reflexão, mas de apontamentos que foram surgindo no decorrer deste estudo. Este capítulo comportará minhas considerações finais.

O modo como este tema foi desenvolvido aqui indica seu processo de produção, então além de uma discussão mais atual do ano de 2004, faço aqui alguns comentários do ano de 2006, pois nesta época eu estava lendo, pensando, produzindo e escrevendo, então aquilo que eu ia notando e vivendo se mostrou para mim relevante dentro dessa discussão, pois faz parte do presente de onde parti para análise deste tema. Tendo em vista que a cultura tem atualmente se movimentado pensando a memória e o esquecimento, pois essa discussão está relacionada ao que vemos, lemos e aproveitamos disso.

A fim de explicitar a atualidade do tema devemos considerar a experiência da Copa de 2006, na qual podemos incorporar a discussão recente da Rede Globo de Televisão. Em relação a isso podemos considerar um dado importante, no dia primeiro de Janeiro, em um noticiário de esportes, ao falar sobre a Copa do Mundo a ser realizada na Alemanha, diante da festa da virada, frente ao Portão de Brandemburgo, um repórter¹³⁹ diz que:

*“o governo alemão aproveitou o tema da copa para abrir uma campanha chamada ‘Bem-vindo à Alemanha’ para poder mudar a imagem que o mundo tem da Alemanha e principalmente para mostrar que o povo alemão não é preconceituoso...”*¹⁴⁰

Contraditoriamente, são muitos os problemas enfrentados atualmente (2006) na Alemanha pelo partido que lidera o governo, o SPD*, com suas disputas sobre a orientação

¹³⁹ O repórter em questão se chama Daniel Ribeiro.

¹⁴⁰ RIBEIRO, Daniel. *Globo Esporte*. Rede Globo de Televisão. Janeiro de 2006.

É possível observar que desde o fim da Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha Ocidental foi fundada, os democratas-cristãos da CDU e social-democratas do SPD vem se alternando no poder. Quando lidera a CDU, o SPD faz oposição, e vice-versa. Os partidos menores aderem sempre a um ou outro em alianças. Foi dentro de uma das administrações do CDU, nos últimos anos em que Helmut Kohl fora primeiro ministro, que se processou a ‘queda’ do muro de Berlim em 1989 e a reunificação oficial em 1990, quando novamente Kohl é eleito primeiro ministro da Alemanha reunificada. Nesta época a propaganda política

de sua linha ideológica – a social democracia ou a neoliberal, defendida por Schroeder – chanceler alemão na época -, e o evento da copa vem oportunamente para a Alemanha se apresentar como ‘aberta e democrática’.

E no acontecimento efetivo da Copa, a imprensa divulgou que a Alemanha teria alcançado seus objetivos, teria superado suas barreiras, pois apresentam que:

“agora a Alemanha pode finalmente pintar o rosto com as cores da bandeira e sair às ruas mostrando isso, agora não precisa mais sentir vergonha, agora os alemães tem coragem de expressar um nacionalismo”¹⁴¹.

A própria motivação do técnico para a seleção alemã teria sido que: *“essa é a primeira copa que os jogadores da seleção alemã vão jogar pela Alemanha”¹⁴²*, que agora era a Alemanha que iria disputar a copa, e não uma parte dela. Esta seria a ‘verdadeira Alemanha’, a Alemanha Nova, a Alemanha Una. E não mais como nos outros acontecimentos de uma Alemanha ainda divida onde disputava somente a seleção que representava a Alemanha ocidental, agora é uma Alemanha, agora é realmente pela Alemanha, e não apenas uma face dela.

“Uma Alemanha que tem mostrado essa atitude em campo de motivar bravamente a torcida que vibra em alto, que canta o hino nacional orgulhosamente”¹⁴³, assim há sempre um movimento de presente e passado, um movimento de história, mas também sempre um movimento de memória que lembra a reunificação alemã e ao mesmo tempo esquece sua divisão.

disseminava a imagem de uma Nova Alemanha e de uma Alemanha Unida. Dez anos depois da ‘queda’ do muro de Berlim, no governo de Gerhard Schröder do SPD (Partido Social Democrata) a imagem da Alemanha Una é reafirmada, mas sendo contradita com a presente imagem do Mauer in der Kopf. Segundo o que afirma a matéria do site Mundo: *“O sistema de alternância entre os dois partidos hegemônicos tendia a criar uma política centrista de consenso, ora mais inclinada a aumentar os benefícios do Estado do bem-estar social, ora tendendo a se preocupar mais com crescimento e produtividade, dependendo de estar no poder a Social-Democracia ou a Democracia Cristã. Com a unificação, o quadro fragmentou-se. Em primeiro lugar houve a entrada dos ex-comunistas da Alemanha Oriental no jogo político. Liberais democratas, normalmente satélites da CDU, e verdes, aliados do SPD, cresceram”* (Mundo On-line 14/10/2005 Edição nº 387. Acesso em 20/02/2008). Então, mesmo que o recorte cronológico desta pesquisa se encerre em 2004, o ano de 2005 em que parte deste trabalho foi produzida, coloca a questão de qual seria a imagem da Alemanha representada pela coalizão União Democrata Cristã e Partido Social-Democrata, tendo em vista a vitória de Angela Merkel, ex-cidadã da Alemanha Oriental, líder da CDU e nova primeira-ministra do país, obrigada a conviver com os social-democratas. Momento em que surgem expectativas de que sua chegada ao poder aponte para a consolidação das mudanças sociais da Alemanha e de que ela mostre diferenças claras em relação ao governo anterior, lembrando que a maioria dos cargos ministeriais ficará com o SPD do ex-primeiro-ministro Gerhard Schröder.

¹⁴¹ BIAL, Pedro. *Fantástico*. Durante a transmissão da Copa do Mundo, Julho de 2006.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Ibidem.

Conforme apontado na narrativa da reportagem: “*Na hora de torcer por este país na copa é como se os conflitos entre leste e oeste se dissolvessem e o que aparece é uma única cara alemã*”¹⁴⁴. Daí este episódio, pode ser pensado com os contornos de várias imagens referentes à Alemanha contemporânea, que expressam a relação entre memória e esquecimento, como a imagem que desenvolvi no capítulo II, a do conflito entre Wessis e Ossis, que aparece nesta citação como imagem de esquecimento, pois desejam que a divisão seja suprimida, que a mídia diz desaparecer, como se fosse tão simples assim, ao mesmo tempo em que dessa forma pressupõe e dissemina a imagem de memória da Alemanha una e nova.

O filme *Adeus Lênin* (2003), ao exibir a Copa do Mundo na Alemanha e a vitória alemã na época da reunificação (1990), podemos considerar que a propaganda esportiva feita na época em relação à Copa funcionou como uma possível forma de manipular e gerir um esquecimento, empolgando e emocionando, desviando a atenção de um momento tão conturbado em que se estava vivendo, para focar a unidade. Segundo a personagem Alex¹⁴⁵: “*O futebol ajudou a criar a unidade de nossa ainda dividida sociedade. E ajudava a manter unido o que era para ser unido*”¹⁴⁶.

Considerando memória e esquecimento constituintes de um par, por vezes podemos perceber nas afirmações, nas disseminações pela televisão, revistas e outros meios de comunicação de massa, que o esquecimento está sendo expresso justamente pela lembrança do que foi para afirmar o que se quer esquecer. Podemos perceber nas diversas representações da Alemanha atual que estão presentes na imprensa brasileira do período pesquisado (1989-2004). O “*muro em forma de cicatriz*”, onde o futebol vai ser a unidade que vai supostamente fechar a ferida, como se este elemento da cultura fosse capaz de suplantar todas as outras esferas da vida, como se todo um complexo conflito fosse resolvido tão facilmente em um momento de empolgação e de sentimento de pertencimento a um time. As imagens são manifestas através desse movimento de presente-passado: de história, de memória, de esquecimento, nas construções mentais, ideológicas, nas propagandas, como é possível perceber no esforço alemão de tirar a dualidade do nome de seu país, Alemanha e não mais Alemanhas.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ Alex é a personagem principal, que cuida de sua mãe e tenta manter a casa como no sistema socialista. Ele tenta evitar o esquecimento da Alemanha oriental.

¹⁴⁶ *ADEUS LÊNIN*. Wolfgang Becker. Alemanha, X-filme Creative Pool GMBH. Bavária Filme Internacional, 2003. 117 min. NTSC, son., cinematográfico, legendas LK-Tel Video.

A torcida alemã na copa de 2006 escancarou seus sentimentos e torceu vivamente, apresentando-nos representações que são vivas e dinâmicas, produzidas a todo momento, o que nos leva a pensar uma outra imagem, pois remete à uma Alemanha que estaria sendo “reconstruída”. Isso quer dizer, num sentido mais amplo, que não só fisicamente, economicamente, mas a noção social do que é a Alemanha, a própria nacionalidade, a identidade e a memória alemã vem sendo reconstruídas historicamente e articuladas a uma nova memória, também a uma nova história, a um novo momento que impõe outras condições, relações e transformações.

A Alemanha vive então um processo de transformações agudas, de re-arranjo de situações diante das novas relações. Talvez o novo não seja a unidade, a reunificação, e sim a própria divisão, o novo talvez seja os conflitos na convivência de wessis com ossis. Pois, quinze anos depois da ‘queda’ do muro de Berlim (em 1989), será que esta foi uma década e meia sem divisão?

Resolvi dialogar com várias fontes, a fim de não me restringir a uma visão muito fechada, de um tema que não é nacional, nem local, mas que está presente aqui no Brasil, embora tenha sido um acontecimento internacional que tem como espaço a Alemanha, embora haja as discussões, circulem e haja desdobramentos no mundo todo e tenha sido algo muito marcante. Porém é diferente de investigar a visão construída no Brasil sobre isso, que é parte do que me propus a fazer, mas para não ter uma visão só da parte e também não ter só uma visão do todo e sim ambas, ampliei bastante meu leque de fontes, o que foi um árduo trabalho. Assim me utilizei de veículos da imprensa escrita brasileira: jornal *Folha de S. Paulo* e revista *Veja*, e também a revista alemã *Deutschland*, reportagens do *Deutsche Welle*, Internet, bem como a fonte oral, dialogando e ouvindo pessoas relacionadas ao tema.

Assim queria ver o que circulava sobre isso, como e se essas imagens apareciam, o que se produzia sobre o assunto, tanto em âmbito acadêmico quanto não-acadêmico. E me surpreendi ao ver a quantidade de artigos da época e atuais que carregam, por vezes até mesmo em seus títulos, essa imagens.

Reconheço que este trabalho é limitado às dificuldades do próprio cotidiano da pesquisa, é restrito a uma discussão mais sistêmica, mais geral, que se justifica em parte pela abrangência, quantidade e variedade de fontes que trabalhei, que, conforme já expus, desejo analisar mais detalhadamente em um futuro próximo.

Há também que se considerar as limitações lingüísticas do trabalho e a tentativa de fuga de “mitos de origem” e conceitualização limitada de colocações que poderiam

encerrar as idéias ou desfocar a temática a que me propus neste trabalho, de questionamento das imagens que foram construídas historicamente pelos e nos meios de comunicação de massa, ao longo do processo de pós-queda do muro de Berlim.

É, marcada pela relação que tive com alguns professores e ávida por amadurecer minha compreensão histórica que “concluo” este trabalho de conclusão de curso de bacharelado em História, consciente de que estou a cada dia repensando o que penso no momento presente, e carregando nas costas o “A” de aprendiz, pois quanto mais faço o exercício da leitura e reflexão, mais ainda sinto a necessidade de buscar fazê-lo

Deste modo a “queda” do Muro de Berlim simbolizou a abertura da Alemanha Oriental e a re-orientação governamental com aberturas políticas e econômicas, sob um governo que será intitulado de República Federal da Alemanha.

Mas a própria “queda” é uma imagem, ele não caiu fisicamente, mas o que o sustentava não estava mais de pé, ruiu as estruturas do governo socialista, ele foi desestruturado e aberto. No imaginário alemão podemos perceber pelos movimentos de memória e esquecimento que também não houve a queda do muro, mas que para uns ele está sendo esquecido, para outros rememorado, ele é apropriado e circula de maneiras diversas - para uns ainda existe um muro nas cabeças, para outros existe hoje uma nova Alemanha que é Uma, que está Unida. A Alemanha Unida esconde os conflitos entre Ossis e Wessis, para outros a Alemanha ainda está sendo reconstruída, da perda da 2ª guerra Mundial, da experiência socialista, da divisão e nas relações entre os lados. E ainda para uns e outros é ainda uma Alemanha manchada pelo Nazismo e pelo Totalitarismo.

Assim a “queda” do Muro de Berlim representou nesta monografia o diálogo entre essas imagens do pós-89 e as transformações culturais, de maneiras de viver, ao longo da década que delimitei estudar aqui, até 2004, pois parti de meu presente para ver como elas eram re-apropriadas, visto que todas elas expressam ao mesmo tempo imagens de memória e imagens de esquecimento.

Uma das possibilidades para a continuidade deste trabalho é insistir na questão do conflito de memórias, como por exemplo, dos judeus versus alemães. Compreendendo os papéis da memória e do esquecimento na configuração da história de uma “nova Alemanha”, pude perceber qual claro e ‘latente’ é o conflito de interesses existente entre a comunidade judaica e setores da atual sociedade alemã, conflitos de memória inclusive, uma primando, em grande medida, por fixar memoriais do holocausto judeu e não deixar que se esqueça, o que configura um dever de memória. E os outros buscando uma reconstrução da imagem de seu país enquanto uno, desenvolvido, sem preconceitos e entre

tantas outras imagens mentais do país reunificado e, ‘aberto’ onde se é ‘bem-vindo’. Aqui fica claro o dever de lembrar vinculado ao holocausto judeu versus um direito de esquecer expresso por alguns setores da sociedade alemã contemporânea.

Este é um tema muito amplo, eu poderia ter desenvolvido apenas duas imagens, aprofundando mais cada uma e a correlação entre elas, ou falando mais do direito e do dever de memória, ou analisado como cada uma é expressão dos jogos de memória voluntária/involuntária e esquecimento voluntário/involuntário, poderia ter falado mais da desconstrução de um imaginário comunista, ter aprofundado o tema do totalitarismo e inúmeras outras possibilidades. Essas sugestões que acabei de dar ficam abertas àqueles que ao ler este trabalho se interessem pelo tema e se aventurem por esses meandros.

Esta foi apenas uma das opções, um dos caminhos que percorri construindo minha interpretação. As possibilidades são muitas, mas requer tempo, dedicação e um fôlego maior do que tive aqui. A partir deste trabalho desejo então prosseguir no estudo deste tema, aprofundando mais cada uma das imagens que levantei.

Foi também a realização de um desejo de entender melhor esse outro, que é o alemão, pois julgamos precipitadamente e não toleramos aquilo que não conhecemos, e a intolerância é justamente não praticar a Alteridade, esse exercício constante de buscar conhecer o outro, foi também por isso que fiz questão de entrevistar pessoas relacionadas ao tema, pois eles compartilharam comigo não só suas impressões e opiniões, não só suas experiências, mas também seus sentimentos.

Tive a experiência de dar aula para alunos da 8ª série do ensino básico, sobre o pós-segunda guerra, sobre a construção e queda do muro de Berlim, onde fui muito feliz ao propor um exercício, no final do conjunto de aulas que lecionei, onde eles colocassem, em uma questão dissertativa, o que mais lhes chamou a atenção naquela matéria e como viam o muro de Berlim e sua queda. O resultado foi tão bom que achei interessante citar aqui como alguns alunos fizeram. O que se segue são colocações elaboradas por eles, explicadas entre parênteses: A queda do muro como: morte de um fantasma (o comunismo), como símbolo de Liberdade, queda como um grito de Liberdade, como reunificação dos alemães (e não da Alemanha), vitória do capitalismo, simbolizou a união de dois lados diferentes que queriam imigrar para onde quisessem, o Muro de pé como desrespeito com os alemães em criar duas Alemanhas, a Guerra Fria como disputa ideológica: “impressionismo”, um lado querendo impressionar o outro, como besteira dos governos que queriam dominar o mundo.

Achei muito gratificante notar como a partir da reflexão, percepção, sentimentos e criatividade dos alunos podem surgir variadas imagens que vão se constituir em memórias (e também esquecimentos) do tema estudado, sempre quando lembrarem de ter estudado o tema da ‘queda’ do muro de Berlim ou ver isso veiculado em algum meio de comunicação, lembrarão através dessas imagens, de acordo com sua recepção do tema, e como eles se apropriaram.

Uma das reflexões a que cheguei e que apontei no trabalho foi que considero ser claro que há políticas governamentais no sentido da elaboração de projetos que primam pela construção da imagem de uma ‘Nova Alemanha’, em anteposição à uma Alemanha nazista, manchada por seu passado, gestando e gerindo assim um esquecimento, tanto do nazismo, como da experiência da divisão, do comunismo, de um regime totalitário, pois a Alemanha seria agora unida, reunificada e supostamente sem preconceitos.

Assim fiz o levantamento da forma como a imprensa constrói as imagens do pós-‘queda’ do muro e da reunificação, busquei pensar os sentidos com os quais pensamos e entendemos, bem como divulgamos o outro. E busquei entender a relação que as imagens têm com os sentidos históricos. Devemos desconfiar das imagens, lê-las criticamente, porque aqueles conteúdos que elas carregam não aparecem ali naturalmente, são elaborados, são forjados, a maneira como são construídos e como aparecem, carregam subjetividades.

Então este primeiro trabalho sistematizado de pesquisa, da graduação, intitulado “O pós-‘queda’ do muro de Berlim: Imagens de memória & esquecimento (1989-2004)”, tentou discutir como foram construídas determinadas imagens da Alemanha após o rompimento da barreira que dividiu o país durante décadas, interrogando as representações que a memória, delimitada pelo esquecimento, criou a partir deste marcante acontecimento. Bem como questionou os esquecimentos que têm sido, elaborados e revitalizados. A pesquisa teve como objetivo compreender, portanto, os jogos de memória e esquecimento nas imagens relativas à queda do Muro de Berlim na Alemanha a partir de 1989, trabalhando sua repercussão na década de 90 até por volta do ano de 2004, a fim de pensar a relação desse tema com o nosso presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (org.) *Memória e (res) sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*, Campinas: Editora da Unicamp, 2001, pp. 15-36.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BLACKBURN, Robin. *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. [Trad. Maria Inês Rolim, Susan Semler, Luis Krausz] Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. 2ª Edição. 271 páginas.
- CHACON, Vamireh. *A Questão Alemã*. São Paulo: Editora Scipione, 1992.
- DAHRENDORF, Ralf. *Após 1989. Moral, Revolução e Sociedade Civil*. Trad. Patrícia Zimbre. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- HABERMAS, J. 1987 *Nenhuma normalização do passado*, Folhetim História e esquecimento, n. 554, Folha de São Paulo. Apud. Seixas, Jacy A. “Os campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica”, in Bresciani, M. S, Magalhães, M. B., Seixas, J. A. (org.), *Razão e paixão na política*, Brasília: Ed. UNB, 2002.
- HABERMAS, Jürgen ; MICHNIK, Adam. *Superando o Passado* in: O mundo depois da queda. Emir Sader (org.). São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 383-401.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*, São Paulo: Vértice, 1990.
- JUNIOR, João Ribeiro. *O que é Nazismo*. São Paulo: Editora brasiliense. 3ª Edição, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Trad. Manuel Ruas (de: L’imaginaire medieval). Lisboa: Estampa, 1994. 367 páginas.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. Proj. História. São Paulo: 10 dez 1993.
- PECEQUILLO, Cristina Soreanu. *A transição do pós-Guerra Fria*. NUPRI. P. 1 e 2 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 24/09/2007.

PFETSCH, Frank R. *A política Externa da Alemanha após a reunificação*. Rev. Brás. Política. Int. Professor de História das Relações Internacionais da Universidade de Heidelberg. Tradução do original alemão de Solas Leite da Silva. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 24/09/2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar*. in: *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 39-68.

_____. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Contexto, v.15, n.29, 1995, pp.9-27.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 200-212. 1992. Retirado de < www.google.com.br > (em PDF). Acesso em 24/09/2007.

SCHWARZ, Roberto. *As Idéias fora do lugar*. In: *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 2ª ed., 1981, p. 13-25.

Seixas, Jacy A. *Comemorar entre memória e esquecimento*. História – questões e Debates. nº32. Paraná: Ed. UFPR, 2000, pp.75-95.

_____. *Os campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica* in Bresciani, M. S, Magalhães, M. B., Seixas, J. A. (org.), *Razão e paixão na política*, Brasília: Ed. UNB, 2002.

_____. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*, in *Memória histórica*”, História – Questões & Debates, Curitiba, Editora da UFPR, nº32, janeiro-junho 2000, pp. 75-98.

_____. *Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaimico*, in Gutierrez, H.; Naxara, M.; Lopes, M.A.S., *Fronteiras, paisagens, personagens, identidades*, São Paulo: Olho d’Água, 2003.

WEBER, Max. *A ciência como vocação*. In: *Ciência e Política, duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FONTES:

• Entrevistas

FRANCO, Vera Lúcia. Depoimento sobre a queda do muro de Berlim e experiências na Alemanha recém-reunificada. Uberlândia-MG, 2005. 1 arquivo de áudio. Digital (55 min), estéreo. Entrevista concedida a Neubiana Silva Beilke.

GERD, Paul. Depoimento sobre a queda do muro de Berlim e experiências na Alemanha recém-reunificada. Uberlândia-MG. 24 de Março de 2006. 1 arquivo de áudio. Digital (75 min), estéreo. Entrevista concedida a Neubiana Silva Beilke.

SCHUCH, Andreas. Depoimento sobre a queda do muro de Berlim e experiências na Alemanha recém-reunificada. Uberlândia-MG, 2007. 3 arquivos de áudio. Digital (1ª gravação 55,15 min, 2ª gravação 3,16 min e 3ª gravação 28,34 min), estéreo. Entrevista concedida a Neubiana Silva Beilke.

• Jornais:

BITTENCOURT, Silvia. Divisão continua na cabeça. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 04 Nov. 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. p. 4 -5.

_____. “Ex-comunistas se fortalecem”. *Folha de São Paulo*. Especial de Berlim. 04 Nov. 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. p. 6.

BURKE, Peter. *É difícil a destruição de Muros Invisíveis*. Folha de S. Paulo. São Paulo. 4 de Novembro de 1999. Caderno Especial: Alemanha pós-Muro. p.2.

Folha de S. Paulo. *15 anos - Divisão invisível continua*. Turismo. 25 de Novembro de 2004. p. 3.

CORRÊA, Silvia & ESCÓSSIA, Fernanda da. Um em cada Cinco Alemães quer a volta do Muro de Berlim. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. 4 de Nov. de 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. p. 4 -5.

_____. A sensação de ter visto um filme errado. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. 4 de Nov. de 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. p. 5.

_____. Serviço secreto alemão observa 185 mil pessoas suspeitas de integrar grupos extremistas, mas teme mais a ascensão do radicalismo em outras nações europeias. *Folha de S. Paulo*. Alemanha. 4 de Nov. de 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. p. 6.

GRINBAUM, Ricardo. “Aqui o meu padrão de vida melhorou”. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 04 Nov. 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro p. .

_____, Ricardo. “Tivemos que pagar dividas dos orientais”. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 04 Nov. 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. p.

ROSSI, Clóvis. “País abandona expansionismo e militarismo; adota precaução na economia e na política para evitar que sócios europeus não voltem a olhá-lo com desconfiança”. *Folha de São Paulo*. Especial, do conselho editorial. 04 de Nov. 1999. p. 3.

_____. “Alemanha conduz União Europeia com cautela”. *Folha de São Paulo*. Especial, do conselho editorial. 04 de Nov. 1999. p. 3.

WIESEL, Elie. “Não há Nada que Substitua a Democracia”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo. 4 de Novembro de 1999. Caderno Especial: Alemanha Pós-Muro. p. 9.

- **Revistas:**

- BARLOEWEN, Constantin von. Superar o Estanhamento. Diálogo das Culturas. Deutschland Magazine. Frankfurt am Main. n.3. p. 44-49. Junho/Julho 2000.
- CAPITAL MORAL. Revista Istoé Senhor. São Paulo. Junho de 1991.
- CIVITA, Victor. Veja, 31 de Dezembro de 1989. “O desafio da nova década”. Seção Ponto de Vista. São Paulo. Última página.
- FRIEDRICH, Jörg. O Horror das Guerras. A Alemanha sob bombardeio. *Veja*. São Paulo. 2003.
- HOFMANN, Gunter. Lei de imigração: o caminho está aberto. *Deutschland Magazine*. Frankfurt am Main. n. 6, p. 6-9. Agosto/Setembro, 2004.
- HOFMANN, Gunter. Nova autoconsciência alemã. *Deutschland Magazine*. Frankfurt am Main. n. 6, p. 6. Outubro/ Novembro, 2004.
- LEFORT, Claude. O fim do totalitarismo. *Veja*. Entrevista por Fernando Pacheco Jordão. São Paulo. n.46. Ed. 1106. Ano 22. p.5-8. 22 de Nov. de 1989.
- n. 4. p. 23-25. Agosto/Setembro, 2004.
- REITZ, Edgar. Sentimentos. *Deutschland Magazine*. Frankfurt am Main. n.4. p.14-17. Agosto/Setembro, 2004.
- RICHTER, Peter. *Opiniões. Experiências no Oeste*. Reportagem especial de comemoração dos 15 anos da Queda do Muro de Berlim. Deutschland Magazine. Frankfurt am Main.
- TEICH, Daniel Hessel. *Ressaca dos 10 anos*. *Veja*. Berlim. Outubro de 2000. p. 62-65.
- Veja* de 22 de Dez de 1989. Fúria de Mudanças – A queda do Muro de Berlim acelera a estonteante abertura do regime comunista com reformas na política e na economia. Seção Internacional. São Paulo. Ano 22 Nº 46. Ed. 1106. p. 106.
- Veja* de 25 de Outubro de 1989. Começa a transição. Seção Alemanha Oriental. Ed. 1102. Ano 22 – N. 42.
- Veja*, 15 de Novembro de 1989. Na queda do Muro de Berlim, o fim espantoso de uma era. Seção Internacional São Paulo. p. 130.
- Veja*, de 20 de Dezembro de 1989. O Salto por cima do Muro. Seção Em Dia. São Paulo. p. 55.
- Veja*, de 29 de Novembro de 1989. O estilo é vermelho. Seção Vida Moderna. São Paulo. Ed. 1107 Ed. Abril. Ano 22, Nº 47. p. 107.
- WECK, Roger Von. Zehn Jahre Einheit. *Deutschland Magazine*. Frankfurt am Main. n.4. st.39-46, August/September, 2000.

- **Documentos em meio eletrônico:**

- **Artigo, matéria, reportagem**

- CADEMARTORI, Lindolpho. A Nova Europa. Especiais 15 Anos de Alemanha reunificada. Deutsche Welle on line. 03 Out. 2004. Disponível em: < [www. dw-world.de](http://www.dw-world.de) > Acesso em: 03 Out. 2004.
- NOVAES, Adauto. O esquecimento da política. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_e_pensamento/acervo/textos/>. Acesso em: 24/09/2007.
- VILELA, Soraia. Alemanha. O Muro: Patrimônio da Humanidade? Deutsche Welle. on-line. 13 Ago. 2003. Disponível em: < [www. dw-world.de](http://www.dw-world.de) > . Acesso em: 03 Out. 2004.

_____. Alemanha. Os 14 anos de uma unidade trôpega. Deutsche Welle on-line. 03 Out. 2004. Disponível em: < www.dw-world.de > . Acesso em: 03 Out. 2004.

- **Televisão:**

Copa de 2006. Globo Esporte. Rede Globo de Televisão, 1º Janeiro de 2006. Por Daniel Ribeiro.

“Ser ou não ser?” Fantástico. Rede Globo. 2006. Por Viviane Mosé.

- **Filme:**

ADEUS LÊNIN. Wolfgang Becker. Alemanha, X-filme Creative Pool GMBH. Bavária. Filme Internacional, 2003, 117 min. NTSC, son., cinematográfico. legendas LK-Tel Video.

GLOSSÁRIO:

BRD: Bundesrepublik Deutschland, sigla que designa a República Federal da Alemanha. Era durante a divisão (1949-1989) a Alemanha Ocidental, na qual a Alemanha Oriental foi incorporada.

Checkpoint Charlie: O mais famoso posto fronteiriço entre Leste e Oeste, por onde estrangeiros e diplomatas tinham de passar para chegar a Berlim Oriental. Embora seu nome e suas lembranças estejam para sempre associados ao período da Guerra Fria, a cabana original de Ccheckpoint Charlie foi desmontada em 1990 e levada para um museu. Tudo o que restou foi a barreira em vermelho e branco e uma placa com inscrições em inglês, francês, alemão e russo que adverte: “Você está deixando o setor norte-americano”. Hoje, um novo conjunto de escritórios e lojas substitui as construções desta zona de fronteira, os originais de postos de sentinela, divisas, rolos de arame e fragmentos do posto e do muro estão num museu chamado Haus am Checkpoint Charlie. (lugar específico para se lembrar, e querendo esquecer acaba que se lembra, o interesse em lembrar é apenas como atração turística – ‘lugar de memória’).

DDR: Deutsche Demokratik Republik, sigla que designa a República Democrática Alemã ou Alemanha Oriental durante a divisão.

Deutsche Welle/ DW: Canal da tv alemã que é transmitido para o Brasil e vários outros países por tv a cabo.

Deutsche Wiedervereinigung: Reunificação Alemã.

Die Zeit: O tempo, jornal alemão, é um semanário de Hamburg.

DW-World: A emissora de tv Deutsche Welle internacional.

East Side Gallery: Galeria Lado Oriental, o maior trecho conservado do muro, transformado em museu a céu aberto.

Einigungsvertrag: Tratado de Unificação (de 31 de Agosto de 1990), mas este termo “reunificação” é empregado para diferenciá-lo do processo histórico de unificação da Alemanha em 1871, conhecido também por primeira Unificação. Portanto a reunificação da Alemanha em alemão é Deutsche Wiedervereinigung.

Grossansicht des Bildes mit der Bildunterschrift: Quadro de grandes visões com legenda, conjunto de reportagens e fotografias produzidas pelo Deutsche Welle e divulgadas na internet, quando a Alemanha completava 10 anos da queda do muro de Berlim.

Kurfürstendamm: é uma das principais avenidas do centro da cidade de Berlim, é apelidada de Ku’damm, e é repleta de lojas comerciais.

Mauer in der Kopf: literalmente muro nas cabeças.

News A.H.K.: É a Deutsche Auslandshandelskammern, Câmara Brasil-Alemanha, é um órgão de que realiza intercâmbios comerciais de estrangeiros para a Alemanha e em sua seção de notícias divulga reportagens on-line sobre a Alemanha.

Ossis/Ossie: Orientais, termo empregado para designar os alemães do lado oriental, tem um tom um pouco pejorativo.

Ostalgie: Nostalgia do lado Oriental.

Ostpolitik: Política para o Leste que visava sua abertura. A Ostpolitik foi, de forma geral, um conjunto de políticas para o Leste, alianças comerciais, expressas por um desejo ocidental de expansão de mercados e zonas de influência, acordos e ofensivas.

RDA: República Democrática Alemã. Em 1949 o mesmo território foi dividido em dois países: a República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) com capital em Bonn e sob influência dos EUA e a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) com capital em Berlim e sob a influência da União Soviética.

RFA: República Federal da Alemanha.

Stasi: Era o serviço secreto da República Democrática Alemã.

Streifen des Todes: Faixa da morte, divisa entre a Alemanha Oriental e Ocidental, percurso do muro de Berlim durante sua existência (1961-1989), trecho composto por torres de vigilância, barreiras, arame farpado, minas terrestres, guardas e blocos de concreto, lugar e estrutura onde muitas pessoas morreram tentando atravessar para o lado ocidental.

Streifen Grüner: Faixa verde, trechos referentes ao percurso do muro de Berlim que antes existia no local e que foi arborizado, por iniciativa do governo, formando uma faixa de vegetação verde em alguns trechos onde antes era o muro. A Streifen Grüner representa a substituição da Streifen des Todes.

Süddeutsche Zeitung: Jornal do sul da Alemanha. É um jornal diário, de Munique.

Wessis/Wessie: Ocidentais - termo empregado para designar os alemães do lado ocidental.

Westöstliches Tor: Portal Oeste-Leste. O portão de Brandemburgo juntamente com o muro de Berlim, é uma imagem difundida pelo mundo todo, ou melhor: “o portal da divisão” que ficou conhecido assim porque o muro ficava a sua frente, marcando a divisão.

Brandenburger Tor: Portão de Brandemburgo, diante do qual estava o trecho mais conhecido do muro de Berlim, pois se situava no centro da cidade, que ficou mais

conhecido como “Die Mauer”, o Muro, embora este dividisse todo o território da Alemanha nem sempre com concreto, mas em outros trechos com bastante arame farpado.